



Felipe Vianna Pinheiro

**O corpo na psicose e as contribuições
do conceito de letra em Lacan**

Tese de doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica), junto ao Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Marcus André Vieira

Rio de Janeiro
Julho de 2018



Felipe Vianna Pinheiro

**O corpo na psicose e as contribuições
do conceito de letra em Lacan**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Marcus André Vieira

Orientador
Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Fernando Ribeiro Tenório

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Guilherme Gutman Corrêa de Araújo

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Prof. Paulo Eduardo Vianna Vidal

Departamento de Psicologia - UFF

Profa. Nuria Malajovich Munoz

Instituto de Psiquiatria-UFRJ

Profa. Monah Winograd

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 09 de julho de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Felipe Vianna Pinheiro

Graduado em psicologia pela PUC-Rio (2004), especialista em psicanálise e saúde mental pela UERJ (2010), mestre em psicologia pela UFF (2013). Psicanalista, participante da EBP-Rio, prática clínica em consultório particular, experiência no campo da saúde mental e no magistério.

Ficha Catalográfica

Pinheiro, Felipe Vianna

O corpo na psicose e as contribuições do conceito de letra em Lacan / Felipe Vianna Pinheiro ; orientador: Marcus André Vieira. – 2018.

96 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2018.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Corpo. 3. Falo. 4. Objeto a. 5. Psicose. 6. Letra. I. Vieira, Marcus André. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Agradecimentos

Agradeço o apoio recebido pela CAPES, permitindo a dedicação exclusiva ao desenvolvimento desta tese de doutorado durante esses anos.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio por ter me acolhido, possibilitando que eu desenvolvesse esta tese.

Ao meu orientador, professor Marcus André Vieira, por ter aceitado embarcar comigo nesse árduo trabalho que é a pesquisa sobre o conceito de letra em Lacan, e de forma ainda mais delicada, sua relação com o corpo na psicose.

Ao incrível trabalho de pesquisa, do qual participei durante esses quatro anos de doutorado, coordenado pelo professor Marcus André Vieira, junto a todos os seus outros orientandos de graduação, mestrado e doutorado. Pesquisa sempre atravessada por discussões, elaborações e produções riquíssimas. Trabalho de referência para o desenvolvimento desta tese.

Aos meus familiares e amigos que me acolheram, me ajudaram e me incentivaram nesse árduo trabalho de produção acadêmica que é a escrita de uma tese de doutorado.

À minha analista, minha supervisora e à Escola Brasileira de Psicanálise, tripé que norteia minha formação como analista e que me possibilita continuar exercendo a prática da clínica psicanalítica.

Aos meus colegas de trabalho que, nesses anos todos de prática no campo da saúde mental, vêm me ensinando tanto sobre a clínica.

Aos meus pacientes que alimentam o meu desejo de exercer essa prática incrível e muito peculiar que é a clínica psicanalítica. Que são o combustível da minha vontade de querer sempre buscar saber mais, estudar, me aprofundar, pra descobrir ao final que quem sabe, são eles.

Resumo

Pinheiro, Felipe Vianna; Vieira, Marcus André. **O corpo na psicose e as contribuições do conceito de letra em Lacan**. Rio de Janeiro, 2018. 96p. Tese de doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta tese tem como objetivo introduzir uma discussão sobre o corpo na psicose e as contribuições do conceito de letra, em Jacques Lacan, para este tema. Para isso, abrimos uma reflexão sobre o conceito de corpo, em Sigmund Freud, e algumas diferenças fundamentais com relação ao corpo orgânico, tal como pensado pela medicina. Em seguida, introduzimos reflexões sobre a especificidade do corpo na psicose a partir de Freud. Também são abordadas algumas contribuições sobre o corpo, para Lacan, sua relação com a construção da imagem especular, o conceito de falo e de objeto *a*. Traremos, então, algumas contribuições sobre o conceito de letra, em Lacan, e sua importância para discussão sobre as possibilidades de construção de um corpo na psicose. A escolha pelo conceito de letra se justifica pelo interesse em construir e verificar uma hipótese, a saber, de que o sujeito psicótico pode construir um corpo sem passar pela referência fálica, nem pela metáfora delirante, mas sim por um trabalho de amarração e enodamento dos três registros – real, simbólico e imaginário –, a partir da bricolagem dos restos, cacos, pedaços da palavra, aquilo que Lacan chamou de letra.

Palavras-chave

Corpo; falo; objeto *a*; psicose; letra.

Resumé

Pinheiro, Felipe Vianna; Vieira, Marcus André (advisor). **Le corps dans la psychose et les contributions du concept de lettre chez Lacan**. Rio de Janeiro, 2018. 96p. Tese de doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

La thèse ci-présente a pour objectif d'introduire une discussion concernant le corps dans la psychose et les contributions du concept de lettre chez Lacan. Pour ce faire, nous ouvrons avec une réflexion à propos du concept de corps chez Freud et quelques différences fondamentales par rapport au corps organique tel qu'il est pensé par la médecine. Nous introduisons ensuite des réflexions concernant la spécificité du corps dans la psychose à partir de Freud. Quelques contributions à propos du corps chez Lacan sont également abordées : sa relation avec la construction de l'image spéculaire, le concept de phallus et d'objet *a*. Nous apportons alors quelques contributions à propos du concept de lettre chez Lacan ainsi que son importance dans la discussion du corps dans la psychose. Le choix du concept de lettre chez Lacan est justifié par l'intérêt de construire et de vérifier une hypothèse selon laquelle il peut être possible, pour le sujet psychotique, de construire un corps sans nécessairement passer par la référence phallique ni non plus par la métaphore délirante, mais par un travail d'amarrage et de nouage des trois registres à partir d'un bricolage des restes, des bouts de parole, ce que Lacan nomma la lettre.

Mots-clés

Corps; phallus; objet *a*; psychose; lettre.

Sumário

| | |
|---|----|
| Prólogo | 10 |
| Introdução | 12 |
| 1. A construção do corpo e suas especificidades na psicose | 19 |
| 1.1 O corpo das histéricas e a descoberta das relações entre o psíquico e o somático em Freud | 19 |
| 1.2 Uma introdução ao Narcisismo: esse corpo que não está dado <i>a priori</i> | 22 |
| 1.3 O estágio do espelho: um retorno a Freud | 24 |
| 1.4 O Caso Schreber: o corpo fragmentado e sua construção | 26 |
| 1.4.1 As duas crises de Schreber: um percurso cronológico | 27 |
| 1.4.2 A segunda crise de Schreber: da fragmentação corporal ao culto à feminilidade | 29 |
| 2. Sobre a noção de corpo: do falo ao objeto <i>a</i> | 33 |
| 2.1 O falo como falta e a constituição do Eu | 33 |
| 2.2 Observações sobre o conceito de objeto <i>a</i> | 37 |
| 2.3 Sobre os processos de alienação e separação | 40 |
| 2.4 O objeto <i>a</i> e a psicose | 42 |
| 2.4.1 O objeto <i>a</i> e o esquema do buquê invertido | 43 |
| 2.4.2 O objeto <i>a</i> no bolso | 47 |
| 3. O conceito de letra e a construção do corpo na psicose | 53 |
| 3.1 Sobre o conceito de significante e sua inscrição no campo da psicose | 54 |
| 3.1.1 Sobre o significante | 54 |
| 3.1.2 A falta do significante primordial na psicose | 56 |
| 3.2 Sobre os conceitos de imaginário, simbólico e real | 59 |
| 3.3 Da letra-resto à letra-trama | 63 |

| | |
|---|----|
| 3.3.1 Letra como resto e suas relações com o conceito de significante | 63 |
| 3.3.2 Letra como trama, amarração, costura e suas relações com a teoria borromeana e o texto “Lituraterra” | 66 |
| 3.4 A construção do corpo a partir dos traços da letra | 70 |
| 3.4.1 Uma passagem pelo conceito de lalíngua para chegarmos a Joyce | 70 |
| 3.4.2 Sobre o corpo joyceano e sua relação com a escrita em Lacan | 72 |
| 3.4.2.1 Uma questão sobre o corpo joyceano: a surra e o corpo-casca | 76 |
| 3.4.2.2 A amarração do corpo no “jogo de sacos e de cordas”: um recorte da topologia lacaniana | 81 |
| 3.5 Vestindo um corpo, dando forma a ele, sendo um <i>Personal Trainer</i> : a importância das suplências imaginárias | 87 |
| 3.5.1 Dois rabiscos sem sentido: o esboço da presença da letra num trabalho sob transferência? | 88 |
| Conclusão | 92 |
| Referências bibliográficas | 94 |

*Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras e as palavras de Gentileza*

*Por isso eu pergunto
A você no mundo
Se é mais inteligente o livro ou a sabedoria*

*O mundo é uma escola
A vida é um circo
“Amor: palavra que liberta”
Já dizia o profeta*

Marisa Monte, “Gentileza”.

Prólogo

Esta tese tem como objetivo introduzir uma discussão sobre o tema do corpo na psicose e as contribuições do conceito de letra, em Jacques Lacan, para este campo. Sigmund Freud quebrou um dos grandes paradigmas da medicina ao descobrir, a partir do encontro com as histéricas de sua época, que nem todos os sintomas corporais apresentavam causa orgânica e que muitos deles eram atravessados pelos conflitos psíquicos vividos pelo sujeito, principalmente na tenra infância. Um pouco mais tarde, ele quebra outro paradigma, ao nos mostrar, a partir da discussão sobre o “Caso Schreber” (1911), que o delírio, enquanto sintoma psicótico, não deve ser visto como algo necessariamente danoso ao sujeito, ou que ele deva ser convencido de que tais pensamentos não são reais. Muito pelo contrário, Freud ensinou que o delírio é uma tentativa de cura ou reconstrução e, portanto, não deve ser evitado, mas, ao contrário, deve ser escutado por aqueles que acompanham o sujeito psicótico.

Lacan retoma as discussões trazidas por Freud e aprofunda a reflexão sobre a clínica das psicoses. Se, em seu primeiro ensino, o psicanalista retoma as discussões sobre o caso Schreber e toda a reflexão sobre a função da metáfora delirante, em seu último ensino, parece trazer uma nova contribuição sobre a especificidade dessa clínica. A partir do conceito de letra e da discussão trazida em seu *Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-76), principalmente a partir das reflexões sobre a escrita de James Joyce, Lacan mostra que o psicótico pode construir outros recursos de estabilização psíquica e organização corporal, para além do delírio.

A hipótese desta tese é, portanto, de que existem alguns sujeitos que não constroem uma unidade corporal, nem através da referência fálica, comum à neurose, nem através do delírio como suplência a essa referência, mas através de amarrações e enodamentos construídos a partir dos traços da letra. Como suporte material do significante, como borda no furo do saber, essas letras, que se apresentam além das letras do alfabeto, vão cerzindo um corpo, amarram uma relação singular com a linguagem, costurando essas bordas que vão desenhando um corpo. Visando a sustentar essa hipótese, aprofundaremos a discussão sobre o corpo na psicose sua articulação com o conceito de letra, em Lacan.

No primeiro capítulo, introduziremos uma discussão sobre a noção de corpo, sob o viés do pensamento freudiano. Em seguida, discutiremos a especificidade desse corpo

na psicose, tendo como referência o “Caso Schreber” (1911). No segundo capítulo, retomaremos a discussão sobre a construção da unidade corporal, a partir de algumas referências de Lacan: primeiro, a partir da reflexão sobre o conceito de falo e, segundo, a partir da noção de objeto *a*. Em seguida, debateremos a relação desses conceitos com a especificidade da construção do corpo na psicose.

No terceiro capítulo, então, vamos nos debruçar sobre o conceito de letra em Lacan e aprofundaremos o desenvolvimento sobre a hipótese dessa tese. Para tal, retomaremos a discussão de alguns conceitos fundamentais, bastante estudados por Lacan, em seu último ensino, como os conceitos de imaginário, simbólico e real, bem como seu envolvimento com a topologia e a teoria dos nós borromeanos. Desde suas primeiras contribuições sobre o conceito de letra, a partir de seu texto “O Seminário sobre ‘A carta roubada’” (1955), passando por seu escrito “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957), até seu importante texto “Lituraterra” (1971), trabalharemos o conceito e sua contribuição para a discussão sobre as possibilidades de construção de um corpo na psicose. Por fim, recorreremos a um recorte clínico que nos ajude a pensar sobre como um sujeito pode escrever, amarrar, desenhar um corpo, sem passar pela referência fálica ou pelo delírio como suplência, mas a partir de outras suplências imaginárias em suas relações com os traços da letra.

Introdução

A escolha de discutir sobre o corpo na psicose e as contribuições do conceito de letra em Lacan está relacionada a um percurso profissional por mim trilhado. A hipótese que será desenvolvida nesta tese, de que há psicóticos que constroem um corpo sem passar pela referência fálica nem pela metáfora delirante, mas pelas amarrações e enodamentos através dos traços da letra, foi construída a partir de observações da minha experiência profissional em articulação com a construção teórica na qual se apoia minha formação. Esse percurso teve início em 2005, ano seguinte à minha conclusão do curso de graduação em psicologia. Na época, tive minha primeira experiência no campo da saúde mental como profissional, trabalhando na internação e na emergência do Instituto Municipal Philippe Pinel durante um ano. Pouco tempo depois, trabalhei também por um ano no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, dispositivo do serviço público. Já em 2009, tive a experiência como psicólogo no Programa de Residências Terapêuticas da Colônia Juliano Moreira, serviço do sistema único de saúde (SUS), por um ano e meio. Em 2014, trabalhei por um ano em uma Unidade de Acolhimento Infanto-Juvenil, dispositivo do SUS, que realizava um trabalho de acolhimento e articulação de rede de cuidados a jovens usuários de álcool e outras drogas de alta vulnerabilidade social. Nessa mesma época, participei também do trabalho como tutor do projeto Caminhos do Cuidado, onde ministrávamos um curso sobre o projeto de Redução de Danos a usuários de álcool e outras drogas para os Agentes Comunitários da atenção básica do SUS. De 2005 até os dias atuais, tive experiências também na iniciativa privada e meu trabalho de atendimento individual em consultório particular.

Todos os dispositivos com os quais trabalhei no serviço público até hoje sempre estiveram, de alguma forma, atravessados pelo movimento da reforma psiquiátrica. Se a construção da hipótese desta tese foi elaborada a partir de uma articulação teórico-clínica advinda de uma experiência prática orientada pela psicanálise, essas experiências só foram possíveis de serem vividas porque se desenvolveram de dentro do contexto político do movimento da reforma psiquiátrica no Brasil. Se a psicanálise, a partir de Freud e Lacan, trouxe um novo olhar sobre a psicose e o sujeito do inconsciente, a reforma psiquiátrica trouxe uma nova perspectiva sobre o cuidado de pessoas com transtornos mentais e seus direitos enquanto cidadãos.

Para começarmos a discutir a questão do corpo na psicose a partir das primeiras descobertas freudianas, parece importante antes contextualizar como se deu o movimento que permitiu o exercício da minha prática na saúde mental, de onde a hipótese dessa tese foi estabelecida. Traremos então um pequeno desenvolvimento sobre o movimento da reforma psiquiátrica no Brasil e um recorte de uma situação clínica que nos ajude a começar a pensar sobre essa hipótese.

Antes do nascimento da psiquiatria, desde o século XVII, foram construídos os grandes asilos e hospitais gerais, onde viviam todas as pessoas que eram excluídas da sociedade: os desempregados, mendigos, aleijados, doentes incuráveis, drogados, entre outros. Como nos mostra Resende, todos aqueles que fugiam a um padrão normativo estabelecido na época:

As medidas legislativas de repressão se complementaram pela criação de instituições, as casas de correção e de trabalho, e os chamados hospitais gerais que, apesar do nome, não tinham nenhuma função curativa. Destinavam-se a limpar as cidades dos mendigos e anti-sociais em geral, a prover trabalho para os desocupados, punir a ociosidade e reeducar para a moralidade mediante instrução religiosa e moral (Resende, 1987, p. 24).

Em meados do século XIX, nasce a psiquiatria como saber médico sobre a loucura. Este momento é representado por Pinel ao afirmar que essas pessoas não precisavam mais ser acorrentadas junto com todos os outros, mas isoladas em espaço específico pra que pudessem ser tratadas, tipo de “cuidado” que na época ficou conhecido como tratamento moral.

Pinel (...) entre outros, serão os principais protagonistas de um movimento de reforma através do qual, pela primeira vez, os loucos seriam separados de seus colegas de infortúnio e passariam a receber cuidado psiquiátrico sistemático (...) o movimento generalizou-se com o nome de tratamento moral (*Ibid.*, p. 25).

O nascimento da psiquiatria instaura, então, o conceito de doença mental, e seu espaço de tratamento passa a ser o hospital psiquiátrico. Sob a égide das ideias de doença mental e hospital psiquiátrico, subjaz o conceito de periculosidade. Um dos princípios do pensamento da psiquiatria, na época, era de que o doente mental seria

perigoso para a sociedade e, portanto, precisaria ser isolado para ser tratado em lugar específico.

Depois de longo percurso, do desenvolvimento da psiquiatria, nasce, no século XX, depois da Segunda Guerra Mundial, o movimento da Reforma Psiquiátrica. Aliados à ideia de liberdade e igualdade, nascem dois pensamentos na contramão da psiquiatria da época: o paciente com transtorno mental não oferece risco à sociedade e ele não precisa ser isolado para se tratar, pelo contrário, ele precisa ser incluído na sociedade. Foi principalmente na Europa que esse movimento nasceu com mais vigor, em especial, na França e na Itália. Não é nosso objetivo dissertar sobre a reforma francesa da psicoterapia institucional, nem sobre a reforma italiana da desinstitucionalização. É importante apenas ratificar que elas tiveram bastante influência na Reforma Psiquiátrica Brasileira. A primeira, principalmente pela influência da psicanálise e a segunda, pela luta dos direitos sociais e a desconstrução dos preconceitos referentes às pessoas com transtornos mentais.

No Brasil, no início do século XX, antes do movimento da Reforma Psiquiátrica, os maus tratos e péssimo tratamento aos doentes mentais eram extremamente graves. Na década de 1930 e 1940, parte da psiquiatria brasileira defendia inclusive os pensamentos eugenistas e hitlerianos da raça pura. Mulheres tiveram os úteros retirados, os pacientes sofriam de eletrochoque, lobotomia e outros maus tratos. Na década de 1960 e 1970, com o golpe militar no Brasil, a Saúde Pública foi sendo privatizada e proliferaram os manicômios, o que ficou conhecido como a indústria da loucura. Há relatos de pessoas que viveram vinte, trinta ou até quarenta anos em manicômios em condições precárias e desumanas.

Ainda nos anos 1960, houve um movimento de tentar humanizar os hospitais psiquiátricos, o que ficou conhecido como comunidades terapêuticas – que nada têm a ver com os dispositivos de cunho religioso para “tratar” usuários de álcool e outras drogas, hoje, com o mesmo nome. Buscava-se um melhor atendimento aos pacientes internados e algum trabalho de socialização.

A partir dos anos 1980, com o processo de redemocratização do país, o movimento da Reforma Psiquiátrica ganha força. Em 1978, nasce o Movimento dos Trabalhadores de Saúde Mental que lutaram pela denúncia aos manicômios e maus tratos sofridos pelos pacientes. Em 1987, nasce o movimento conhecido como “O

movimento nacional da luta antimanicomial”. A partir desse movimento, os manicômios começaram, concretamente, a ser abolidos e novos dispositivos substitutivos ao hospital psiquiátrico foram criados. O sujeito com transtornos mentais passa a ter seus direitos como cidadão. Não se trata mais, apenas de humanizar o trabalho hospitalar, mas repensar as bases do tratamento de pacientes com transtornos mentais, colocar em discussão o olhar da sociedade e lutar pelo fim dos manicômios.

Convencidos dos limites da intervenção no nível da macropolítica e no interior de instituições cronificadas, os membros do encontro apontaram um novo horizonte para sua ação. Levantando a consigna “*Por uma sociedade sem manicômios*”, sinalizaram a necessidade de alargar definitivamente as fronteiras de suas intervenções de modo a agir no interior da própria cultura: em vez de buscar apoio na sociedade civil apenas nos momentos de crise, trazê-la para a discussão cotidiana acerca da loucura e suas questões; não se contentar em modernizar as tecnologias de atenção psiquiátrica e difundi-las, mas buscar redescrever, reconstruir as relações entre a sociedade e seus loucos. Não se tratava de secundarizar a questão técnica, assistencial, mas de redefinir seu lugar numa estratégia mais ampla de ação (Bezerra, 1994, p.180 e 181)

Em 1990, com o nascimento do SUS, que tem como base fundamental a criação de uma rede de saúde descentralizada e municipalizada, equânime, universal e integral, o movimento da Reforma Psiquiátrica no Brasil tem seu ponto mais forte. Nessa época, os dispositivos alternativos ganhavam mais força, principalmente com o nascimento dos CAPS¹.

A partir de 1990, com a implantação progressiva do Sistema Único de Saúde, o processo de reestruturação da assistência psiquiátrica no Brasil é desencadeado como política oficial de governo, estimulado e conduzido pelo Ministério da Saúde, obtendo grande desenvolvimento (...) seguindo a lógica de descentralização do SUS, foi sendo estimulado a constituição de redes de atenção psicossocial, substitutivas ao modelo centrado na referência à internação hospitalar (Brasil, 2001, p.9)

Em 2001, o que vinha ganhando corpo no campo do executivo na construção de serviços alternativos, vai se consolidar de forma decisiva no campo legislativo, a partir

¹ O CAPS é um dispositivo do SUS, normalmente uma casa, que funciona de 2ª à 6ª, de 08h às 18h (no caso dos CAPS tipo I e II), que oferece um conjunto de atividades., desde atendimentos psicoterápicos e psiquiátricos individuais e em grupo, passando por construção de oficinas variadas, e intervenções na cidade como as visitas domiciliares. Sempre na intenção de pensar o trabalho interdisciplinar, no território, na busca da ressocialização dos indivíduos.

da criação da Lei 10.216, do deputado federal Paulo Delgado, que ficou conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica. Ela obriga que os antigos manicômios sejam fechados e, em seus lugares, criados dispositivos alternativos. Além disso, determina que a base do tratamento não seja mais o hospital psiquiátrico, mas o tratamento no território.

Como o próprio nome “reforma” indica, as iniciativas clínicas aqui em estudo partem da crítica a uma estado de coisas, que se pretende superar. Simplificadamente, esse estado de coisas pode ser identificado como a exclusão social do louco, concretizada em dois planos: a anulação simbólica do poder de verdade de sua palavra e a prática sistemática da internação asilar (Tenório, 2001, p. 55 e 56).

Será então nesse movimento de humanização e escuta singular do sujeito que o movimento da Reforma Psiquiátrica vai se consolidando no Brasil.

A breve apresentação sobre este movimento se mostra importante, pois todos os dispositivos do campo da saúde mental que trabalhei até hoje estiveram sempre atravessados pela reforma. Ali, de dentro desse movimento, a psicanálise foi encontrando espaço para abrir reflexões sobre a clínica das psicoses. Pude então, de dentro da minha experiência, ir verificando certas situações clínicas nas quais alguns pacientes psicóticos construam uma saída muito peculiar para lidar com o corpo. Tratava-se de saídas que não passavam nem pela referência fálica tradicional do neurótico nem da metáfora delirante como veremos a partir de Freud. Mas por um certo trabalho com os restos da palavra, com traços e marcas mais distantes do campo do sentido, ao que Lacan nomeará de letra.

Aqui na introdução e no final da tese recorrerei a um recorte clínico para ajudar a pensar como pode um psicótico usufruir de certas suplências imaginárias e algumas escritas atravessadas pelo campo da letra que parecem dar consistência a um corpo, antes errante e muito fragmentado.

João tem quarenta e quatro anos e vem sendo atendido por mim, na prática do acompanhamento terapêutico (A.T.), há doze anos. Antes disso, havia passado por diversos tipos de tratamento: de estrutura ambulatorial, hospital-dia, terapias em grupo, mas apenas a um tipo de atendimento conseguiu aderir, o do acompanhamento terapêutico (A.T.). Essa modalidade de atendimento começou com uma equipe da qual

eu fazia parte. Algum tempo depois, esta equipe se dissolve e permaneço com João. O modelo de acompanhamento terapêutico, sob o qual se estrutura o atendimento em questão, nasceu justamente do bojo da Reforma Psiquiátrica.

João relata que o grande problema da sua vida é que ele não sabe se comunicar com as pessoas. Essa frase marca um ponto de base da esquizofrenia, algo entre o eu e o Outro que se mostra sem mediação. Para haver um semblante de comunicação, há de haver uma crença nele, e recursos simbólicos que o sustentem. Em seguida, João traz a causa dessa incapacidade, dizendo que tudo isso aconteceu desde seu nascimento, pois nasceu com falta de oxigenação no cérebro. Atribui todos os seus problemas a esse ponto.

Relata que chegou a terminar o ensino médio, mas foi uma criança isolada, na adolescência, agressivo, agredindo os colegas da escola e os pais, numa relação errante e descontrolada com o corpo. Marca também um ponto de ancoragem que o teria estabilizado e acabado com esses atos de agressividade: uma grande suposição de saber ao seu antigo psiquiatra que teria descoberto sua medicação certa – o Geodon.

Apesar da diminuição da agressividade, João nunca conseguiu seguir uma certa linearidade na vida tradicional de um rapaz de classe média alta como ele. Tentou algumas faculdades e interrompeu todas, nunca teve relações amorosas, nunca criou laços de amizade mais profundos. O diagnóstico de esquizofrenia não é dado pela psiquiatra de forma clara para a família e o pai sempre pergunta por que ele simplesmente não consegue “girar a maçaneta da porta” e ir conhecer o mundo. Sabemos aqui que este ato não é simples. Como já foi discutido longamente nessa tese, para conhecer o mundo é preciso que haja uma perda; algo tem de cair para que o sujeito se inscreva no campo do Outro, mas, de fato, João parece guardar esse objeto no bolso.

Nesses doze anos de trabalho, vou até a casa dele e saímos pela cidade, nesse mundo que é o mundo possível pra ele conhecer. Aos poucos, vou vendo que aquilo que o estabiliza é muito mais do que o efeito do Geodon, apesar da importante função que esse significante tem na sua organização psíquica. Já fomos a museus, caminhadas, shows de música, às atividades mais variadas. No carnaval, fizemos algumas viagens, momento muito importante pra ele, quando pôde estar por cinco dias longe do discurso

dos pais. Mas, de todas as saídas, uma parece ser a mais marcante e organizadora para João: as saídas ao shopping.

Nas viagens que fizemos, quando era perguntado: “o que você é?” – pergunta que na nossa cultura se remete à vida profissional –, João sempre deu a mesma resposta: sou *personal trainer*. Certamente essa é a característica principal de João. Tem sempre um trabalho meticoloso com os cuidados do corpo. Da atividade na musculação em que, há pouco tempo, passou a ter um *personal trainer* (ser/ter), passando pelo cuidado com a barba, uma postura rígida e sempre igual do corpo no caminhar; uma certa estrutura corporal desenhada e ordenada. Tudo isso passando também por um estilo de se vestir, escolhas de tecidos, marcas de roupas com que se identifica. Todo esse trabalho cuidadoso com o corpo parece assumir uma importante função de suplência imaginária. Diante do significant Nome-do-Pai foracluído, este trabalho de costuras vai assumindo uma função de suplência e desenhando esse corpo, antes fragmentado e tomado pela agressividade como resposta a invasão do Outro.

No final da tese retomaremos o caso, então, trabalhando um certo percurso que que marca a articulação desse trabalho com o que discutiremos nessa tese: parece haver algo que enoda o imaginário, o simbólico e o real, que costura um corpo, que inscreve um outro tipo de discurso, que não passa pelo falo (-fi), pelo Nome-do-Pai, mas pela construção de algumas suplências imaginárias em suas relações com a marca de alguns traços da letra que vão deixando suas marcas e construindo um corpo.

Para chegarmos até lá, trilharemos um percurso sobre o corpo em Freud e Lacan e as especificidades do corpo da psicose.

1. A construção do corpo e suas especificidades na psicose

1.1 O corpo das histéricas e a descoberta das relações entre o psíquico e o somático em Freud

Sigmund Freud descobriu o inconsciente e criou a psicanálise a partir das experiências com as histéricas. Como médico neurologista, ainda em 1893, ao se debruçar sobre os fenômenos corporais da histeria, descobriu que existiam sintomas no corpo de causa psíquica e não orgânica. Ao demonstrar e sustentar sua descoberta, Freud quebrou um dos grandes paradigmas da época, um dos fundamentos de base do saber médico.

Desde suas primeiras pesquisas, em Paris, com Charcot (1885-86), até o início de seus trabalhos com Breuer (Áustria, 1893), Freud se deparava com as pacientes que apresentavam paralisias nas pernas, nos braços, cegueiras e outros sintomas corporais, sintomas dos quais a pesquisa médica tradicional não conseguia encontrar as causas. Partindo do pressuposto médico de que toda doença física teria uma causa orgânica, a impossibilidade de encontrar a causa dos sintomas intrigou os médicos da época. Muitos acreditavam que as histéricas “simulavam” seus sintomas, que não fossem “reais”. Freud, entretanto, mostrou que havia muito mais verdades naqueles sintomas do que o mundo estava preparado para aceitar.

A primeira hipótese freudiana sobre a causa dos sintomas corporais foi a partir da experiência do trauma. Através de seu primeiro método de intervenção – a hipnose – o psicanalista observou que as pacientes relatavam uma experiência traumática, normalmente de cunho sexual, relativa à primeira infância. A lembrança de um abuso sexual que não poderia ser mantido no campo da consciência era recalcada, tornava-se inconsciente, e seu afeto era deslocado para o corpo, apresentando-se como sintoma. A esse fenômeno, Freud deu o nome de conversão histérica: “A ideia é tornada inócua pelas transformações da soma de excitação em alguma coisa somática. Para isso eu gostaria de dar o nome de conversão” (Freud, 1893, p. 61).

Através da hipnose, Freud buscava aproximar a paciente da lembrança mais remota do fato traumático, apostando que, ao relembrar a experiência recalcada, tornando-se totalmente consciente, os sintomas desapareceriam. Sua primeira frustração

foi perceber que a rememoração, de fato, inicialmente, eliminava os sintomas, mas, pouco tempo depois, eles voltavam. O segundo passo, então, foi substituir a hipnose pela associação livre. Percebeu-se que o acesso a esse material não deveria se dar por sugestão, mas descoberto pelo próprio paciente. Ao falarem livremente sobre o que vinha à mente, deitadas no divã, as histéricas acessavam o material recalcado, num processo a longo prazo e, aí sim, os sintomas podiam ser eliminados.

Neste percurso da hipnose à associação livre, Freud traz outra descoberta fundamental ao questionar a ideia de trauma. Percebia que muitas pacientes traziam relatos de abusos sexuais na primeira infância e se pergunta, então, se aqueles fatos teriam realmente ocorrido. No percurso do tratamento das pacientes, o psicanalista descobria que muito daqueles relatos de abuso sexual por um homem falavam, na verdade, de um desejo sexual pelo pai. Aqui, Freud realiza uma guinada fundamental em sua teoria, importantíssima para a proposta da presente tese, ou seja, a de que o trauma poderia ser lembrança de uma fantasia recalcada e não necessariamente de uma experiência vivida. Inaugura-se a afirmação freudiana de que a realidade é sempre realidade psíquica (1900).

Ao questionar se os fatos relatados eram verdadeiros ou não, Freud chega à conclusão de que isso era o que menos importava. Em uma análise, o que tem valor de verdade é a palavra do paciente, como ele relata ter vivido a experiência, qual foi o peso que aqueles acontecimentos tiveram na vida dele, e não a veracidade dos fatos. Em psicanálise, o fato é o fato dito pelo analisando: “O inconsciente tem de ser pressuposto como constituindo a base geral da vida psíquica. (...) tudo que é consciente possui uma etapa preliminar inconsciente. (...) o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica” (Freud, 1900, p. 650 e 651).

Freud descobre, portanto, que há uma estranha relação entre o corpo e a palavra; entre a experiência corporal e a linguagem. Se existe algo que é do campo da memória que produz efeitos no corpo, é preciso colocar em xeque a divisão binária entre mente e corpo. Antes de Freud, o filósofo Descartes (1596-1650) defendeu a existência de duas substâncias: a *res cogitans* e a *res extensa*. Dessa maneira, haveria a substância do pensamento exclusivamente mental e a substância física exclusivamente corporal – princípio norteador de toda a sociedade até a descoberta freudiana do inconsciente. A partir da descoberta dos fenômenos histéricos, Freud quebra um grande paradigma,

construindo o conceito de pulsão e demonstrando que existe um atravessamento entre a mente e o corpo, que, assim, não pode mais ser dividido entre duas substâncias separadas.

(...) uma ‘pulsão’, nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente (...). A pulsão deve ser considerada um estímulo aplicado à mente (Freud, 1915, p. 142).

A partir da construção do conceito de pulsão e da ideia de realidade psíquica, Freud coloca em questão a hipótese frequentemente presente no senso comum de que o fato está dado de antemão, e que a verdade é sempre única. A partir de Freud, podemos afirmar que a realidade é sempre relativa, ou, como nos diz Jacques Lacan, que a verdade é sempre semi-dita (1976). O fato é sempre o fato de um dizer:

O que é um fato? É justamente ele quem o faz. Só há fato pelo fato de o falassser o dizer. Não há outros fatos senão aqueles que o falasser reconhece como tais dizendo-os. Só há fato pelo artifício. E é um fato que ele mente, isso é, que ele instaura falsos fatos e os reconhece, porque tem mentalidade, isso é, amor-próprio. O amor-próprio é o princípio da imaginação. O falasser adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade, ele não tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante (Lacan, 1975-76, p. 63 e 64).

A afirmação freudiana mencionada anteriormente é fundamental para o objetivo deste capítulo, já que pretende refletir sobre a construção do corpo em geral, bem como as especificidades dessa construção no caso da psicose. Assim como não existe realidade única, ou seja, não existe verdade absoluta, também aprendemos com Freud que o corpo não existe de antemão; ele é construído pelo sujeito. A construção desse corpo passa sempre pelo campo da linguagem, de alguém que diz que aquele corpo é seu.

Em 1954-55, Lacan sublinha que, na teoria freudiana, há uma importante transformação do tema da construção do corpo, no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914). Neste texto, verificamos que o corpo deixa de ser visto como o corpo de um indivíduo fechado em si mesmo, mas de um sujeito que só existe no campo do Outro; corpo que só o é, pois é reconhecido pelo olhar de outrem.

1.2 Uma introdução ao Narcisismo: esse corpo que não está dado *a priori*

No texto “Sobre o Narcisismo: uma introdução” (1914), Freud coloca em discussão como se dá a construção do corpo. Mostrará que a imagem corporal não está dada de antemão; ela precisa ser construída. Para chegar a essa afirmação, o autor trilhará um percurso de reflexão sobre o autoerotismo e o narcisismo, discussão que nos interessará de perto para refletirmos, mais adiante, sobre o corpo na psicose.

Freud nos mostra que o bebê, ao nascer, ainda não tem a noção de uma unidade corporal, uma distinção entre o eu e o outro. Um exemplo claro disso é do bebê pequeno que chupa o dedo e os brinquedos de forma indistinta. Aquilo que é seu corpo e o que é o mundo, os objetos, não são ainda diferenciados. Aprendemos, portanto, que esta distinção se dará apenas num segundo momento, aquele no qual uma ação psíquica se faz presente, e que produzirá o narcisismo – instância simbólica que permitirá, então, a construção da unidade corporal e uma diferenciação entre o eu e outro.

Estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (Freud, 1914, p. 93).

Será a partir desta afirmação freudiana que sustentaremos a hipótese de nossa tese – a saber, de que podem existir duas maneiras diferentes de se estabelecer a relação entre o corpo e a linguagem, entre o eu e o outro. A primeira, muito presente na neurose e em suas suplências, como no delírio psicótico, está na crença de que um corpo existe de antemão. Freud, aqui, é claro: ele não existe de antemão. No entanto, o neurótico acredita nisso e leva essa verdade às últimas consequências. A crença num objeto que diz que “eu sou”, esse estranho objeto que Freud chamou de falo², sustenta a crença na

² O conceito de falo aparece, inicialmente, na obra freudiana, como um objeto fundamental para reflexão sobre o Complexo de Édipo e a angústia de castração. Na angústia de castração, Freud afirma que, em certa idade, o menino e a menina descobrem a diferença anatômica entre os sexos. A menina se sente faltante ao não entender porque o menino tem o pênis e ela não. O menino vive a angústia de castração ao imaginar que a menina deveria um dia ter tido o pênis e o perdeu e que o mesmo deve ocorrer com ele algum dia. No complexo de Édipo, portanto, quem assume essa função castradora é o pai, que se coloca como aquele que barra o desejo do menino pela mãe, demarcando um limite e instaurando uma lei. Como mito, sabemos que o Complexo de Édipo não é, fundamentalmente, um conflito da estrutura familiar, mas um jogo de forças entre o desejo e a lei simbólica. Da angústia de uma perda fundamental à instauração de uma lei simbólica há um objeto em jogo. Essa falta vivida de antemão (menina) ou como angústia de uma perda futura (menino), Freud denominou Falo. Ele não é, portanto, o pênis, mas essa referência simbólica de uma perda fundamental. A angústia diante do risco dessa perda e a instauração dessa lei

existência de uma unidade corporal como se ela existisse desde sempre. Essa crença fálica sustenta, para o neurótico, sua sensação de unidade corporal. Já no delírio psicótico, não é diretamente do falo que se trata, pois, aqui, não sou “eu quem sou”, mas, por exemplo, “as ordens das coisas”³ determinam o que eu faço. Aqui, trata-se da suplência ao falo, um objeto que não “sou eu”, mas que, mesmo assim, me determina.

Entretanto, pode haver outra forma de inscrever a relação entre o corpo e a linguagem – entre o que Freud chamou de mundo interno e mundo externo, ou o que Lacan, em seu retorno a Freud, definiu como o campo do sujeito e o campo do Outro – que não seja pela via do falo. Nossa aposta é que existem sujeitos que não se apegam a ideia do “eu sou” e não vivem essa falsa ideia de que o corpo está dado *a priori*. O neurótico, sim, é aquele que persegue essa falsa aposta e é surpreendido a todo o momento com o que disso escapa – quando seu corpo apresenta sintomas e transformações sobre as quais ele não tem controle e sente que algo desse “eu sou” é colocado em xeque, produzindo angústia; quando num ato falho a certeza do controle sobre as palavras é colocada em xeque; quando num sonho o bizarro o surpreende. Mesmo assim, o neurótico se defende daquilo que lhe escapa, sustentando sua hipótese fálica, a de que “ele é”.

Na experiência clínica, percebemos que existem psicóticos que não se apegam a essa verdade fálica. Ao contrário, em vez de se surpreenderem e se defenderem disso que escapa, que foge, que é bizarro, fazem desse material seu recurso de linguagem. Através dos neologismos, das escritas que não perseguem o sentido, da fala que não busca a linearidade ferrenha da comunicação, fazem, disso que é resto, ao invés de um incômodo, um jeito de estar no mundo; um estilo.

Retomando a afirmação freudiana discutida anteriormente, buscaremos mostrar um novo olhar sobre a diferença entre neurose e psicose. Nossa aposta é de que não existe uma “falha” na psicose, em que faltaria ao sujeito a capacidade de se inscrever de modo fálico no mundo, mas, como vimos com Freud, que a referência fálica não existe de antemão. Sendo assim, ela também não precisa ser necessariamente a única referência da linguagem, o único recurso possível para que o sujeito possa construir seu

inscrevem o sujeito dentro das exigências das normas sociais. A internalização dessas normas constituem o supereu e inscrevem o sujeito no campo da linguagem.

³ Expressão usada por Schreber ao se remeter às suas construções delirantes, que veremos mais à frente, ao final deste capítulo.

corpo. Não se trata, portanto, de um sujeito “normal”, *falicizado*, em oposição a um sujeito em que “falta” a referência fálica. Como vimos com Freud, a ausência dessa referência está dada de antemão para todos nós. A diferença é que existem, de um lado, aqueles que recorrem ao falo como referência fundamental para inscrever sua relação com a linguagem, com o campo do outro, constituindo sua diferenciação com o mundo e as coisas, e, de outro lado, aqueles que usarão disso que escapa à unidade e que foge da linearidade do discurso – isso que o neurótico tenta não ver, que se faz resto – para fazer sua relação peculiar com a linguagem e se inscrever à sua maneira no mundo das relações. Com esses pedaços, esses cacos da língua, constituem uma relação peculiar com a linguagem.

Para sustentarmos essa hipótese, recorreremos a uma reflexão sobre o texto de Lacan “O estádio do Espelho como formador da função do eu” (1949), em que veremos ser levada às últimas consequências a afirmação que vimos em “Sobre o Narcisismo: uma introdução” (1914).

1.3 O estádio do espelho: um retorno a Freud

Jacques Lacan sustenta, no percurso de sua transmissão, que seu ensino é um retorno a Freud. Levando isso às últimas consequências, no texto “O estádio do espelho como formador da função do eu” (1949), o autor faz um retorno ao texto de Freud “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914). Para retomar a afirmação freudiana de que a unidade corporal não está dada *a priori*, Lacan recorre à reflexão sobre a relação do bebê com a própria imagem e afirma que, em princípio, a criança também não reconhece sua própria imagem no espelho. Assim como vimos, com Freud, que é apenas a partir de “uma nova ação psíquica” (1914) que, do autoerotismo, será constituído o narcisismo, com Lacan, a constituição do eu se dá quando um “impulso interno se precipita da insuficiência à antecipação (...) duma imagem fragmentada do corpo a uma forma que chamamos ortopédica do corpo” (1949, p. 100). Faz-se necessário, portanto, esse “impulso interno” para que aconteça essa virada subjetiva, essa divisão do sujeito que estabelece uma distinção entre o eu e o outro, o dentro e o

fora, a consciência e o inconsciente, ao que Freud chamou de mundo interno e mundo externo e que Lacan denominou de o Eu e o Outro⁴.

Essa construção se dá a partir de um processo de identificação. Trata-se de um momento em que o sujeito se identifica com sua imagem diante do espelho: “Para isso é suficiente compreender o estágio do espelho como uma *identificação* no pleno sentido que a análise dá a este termo: a saber a transformação produzida no sujeito quando assume uma imagem” (Lacan, 1949, p. 97). Entretanto, é fundamental marcar que o que está em jogo é menos o ato propriamente dito da criança se olhar diante do espelho nesses dois diferentes tempos, mas, fundamentalmente, o que essa metáfora representa do ponto de vista simbólico, o que essa “nova ação psíquica” (Freud, 1914) ou esse “impulso interno” (Lacan, 1966) significam na constituição do sujeito. Temos aí a demonstração na obra de Freud e no ensino de Lacan de que a unidade corporal não é apenas uma estrutura biológica, uma soma de órgãos, mas uma construção simbólica.

Esse corpo, portanto, só existe sob o olhar do outro, inserido num campo de reconhecimento. Não somos indivíduos fechados em si mesmos. Somos seres da linguagem. É isso que nos diferencia dos animais; não apenas porque falamos, mas porque é somente a partir de um dizer que existimos. Aprendemos, portanto, que o sujeito só existe ali, nessa hiância, nesse intervalo. Nos termos de Lacan, o *Je*⁵ só existe entre o *Moi* e o *Autre*: “constituir a matriz simbólica em que o eu (*Je*) se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar numa dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito” (Lacan, 1966, p. 97).

Nesta tese, mostraremos que a experiência de construção da matriz simbólica está dada para todos. Entretanto, o processo de constituição do Eu, a partir da entrada na linguagem, ocorre de maneira singular para cada um. Primeiro, mostraremos que há duas maneiras estruturalmente diferentes disso ocorrer, na neurose e na psicose. Em segundo lugar, chegaremos à construção da hipótese desta tese, de que pode haver, na

⁴ Deixemos aqui uma primeira citação de Lacan sobre o conceito de Outro que discutiremos mais a fundo no próximo capítulo: “O sujeito tem que se constituir no lugar do Outro, sob a forma primária do significante, e com base no dado do tesouro do significante já constituído no Outro (...). o sujeito (...) só existirá a partir do significante que lhe é anterior e que é constitutivo em relação a ele” (Lacan, 1963, p. 179)

⁵ Lacan se utiliza da possibilidade oferecida pela língua francesa que diferencia os pronomes *Je* e *Moi*. Na leitura lacaniana, o *moi* se aproxima do campo do imaginário, do eu, enquanto instância que produz a sensação de unidade. O *Je*, por sua vez, está mais próximo do campo simbólico, do sujeito do inconsciente enquanto alteridade.

psicose, uma forma específica de se relacionarem a linguagem e o Eu, especificidade esta que precisa ser olhada de perto pelo analista para que se possa ter uma direção de tratamento quando da suposição de uma estrutura psicótica. Nossa hipótese é de que se trata de uma construção subjetiva que não passa pelo delírio, mas por um saber-fazer-ali com os traços da letra.

Para chegarmos à construção dessa hipótese, desenvolvida especialmente no terceiro capítulo, seguiremos nosso percurso, de Freud a Lacan, para aprofundarmos a discussão sobre a construção do corpo. Primeiramente, sustentaremos a ideia de que há um corpo fragmentado dado, de saída, para todos. Em seguida, mostraremos como isso se dá mais especificamente na psicose. Para isso, recorreremos ao famoso texto freudiano de 1911, que ficou conhecido como “O caso Schreber”.

1.4 O Caso Schreber: o corpo fragmentado e sua construção

Em 1911, Freud escreve o célebre texto “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)”, mundialmente conhecido como “O Caso Schreber” e também como a maior contribuição freudiana para a reflexão sobre a clínica das psicoses.

Daniel Paul Schreber foi um renomado juiz alemão que, ao ser convocado a assumir os cargos mais elevados de sua promissora carreira, deu início às suas primeiras crises psicóticas. A partir dessas experiências, escreveu uma autobiografia. Como é característico dos grandes gênios da humanidade, Freud pôde perceber que o livro de Schreber era muito mais do que uma autobiografia, mas um texto que continha, a partir de experiências absolutamente pessoais, a demonstração concreta das bases estruturais de uma psicose. Em suas notas psicanalíticas, Freud deu início ao desenvolvimento das bases teórico-clínicas da psicose.

Trilharemos, aqui, um pequeno percurso sobre a história de Schreber e as contribuições de Freud para colocar algumas questões em discussão. Em primeiro lugar, mostraremos de forma pontual as principais características da psicose a partir de Freud. Em segundo, desenvolveremos mais especificamente a ideia que servirá de base para a hipótese desta tese, ou seja, de que alguns sintomas de Schreber, que parecem ser exclusividade da esquizofrenia, na verdade, falam de uma experiência que está dada para todos nós. Dito de outro modo, visaremos à demonstração de que a fragmentação

corporal e a ausência de referências fálicas fazem parte da experiência autoerótica do bebê⁶, desse primeiro momento da vida pelo qual todos nós passamos – neuróticos ou psicóticos –, quando a distinção entre o eu e o outro não está dada *a priori*, quando essa imagem corporal do sujeito precisa ser construída.

Para trilharmos este caminho, partiremos do percurso histórico-cronológico de Schreber que marca suas duas crises. Em seguida, veremos a importância que Freud confere à segunda crise, marcada claramente por dois tempos: o primeiro, em que o delírio se apresenta com cunho persecutório, invasivo e desorganizador, e o segundo em que se torna místico-religioso, com função de produção de sentido, organizador e estabilizador para Schreber.

1.4.1. As duas crises de Schreber: um percurso cronológico

Em sua autobiografia, Schreber relata ter vivido duas crises. Na primeira, apresenta experiências persecutórias e sintomas hipocondríacos sutis. Na segunda, estes sintomas aparecem de forma intensa e estruturam toda a sua construção delirante. Schreber demarca com precisão o período da primeira crise:

Estive doente dos nervos duas vezes. (...) A primeira das duas doenças manifestou seu início em outono de 1884 e estava totalmente curado em fins de 1885 (...). Em ambos os casos passei a maior parte do período de doença na clínica psiquiátrica da Universidade de Leipzig, dirigida pelo professor, atualmente conselheiro Dr. Flechsig; a primeira vez, do início de dezembro de 1884 a início de junho de 1885 (Schreber, 1903, p. 44).

Neste primeiro momento, as experiências persecutórias são bem menos intensas e o delírio ainda não ganha a consistência que terá na segunda crise. Schreber deixa isso claro ao mostrar que seu incômodo com Dr. Flechsig ainda é leve (os “eventuais incômodos”) e quando fala da ausência de “fenômenos sobrenaturais” – que estarão presentes na segunda crise.

A primeira doença decorreu sem qualquer incidente relativo ao domínio do sobrenatural. No essencial, durante o tratamento, só tive impressões favoráveis do método terapêutico do professor Flechsig. É possível que tenham ocorrido eventuais equívocos. (...) pude tomar como mentira piedosa quando, por exemplo, o professor

⁶ Visto mais detalhadamente no subcapítulo 1.2 sobre o texto freudiano “Sobre o Narcisismo: uma introdução” (1914).

Flechsig quis fazer passar minha doença por mera intoxicação por brometo de potássio, atribuindo-se o peso desta responsabilidade ao Dr. R. em S., com quem estive em tratamento anteriormente. Eu também teria podido me livrar bem mais depressa de certas idéias hipocondríacas que então me dominavam, como a de emagrecimento, se algumas vezes me tivessem deixado manejar sozinho a balança que servia para determinar o peso do corpo – a balança que na época se encontrava na clínica da universidade era de uma construção peculiar, para mim desconhecida (*Ibidem*, p. 44).

Depois de ter tratado sua primeira crise nos anos de 1884 e 1885, Schreber ficou oito anos muito bem, seguindo sua profissão de juiz e crescendo em sua carreira. Quando veio sua segunda crise, de forma muito mais intensa, os “fenômenos sobrenaturais” se tornaram, para Schreber, uma certeza delirante e todos seus sintomas hipocondríacos surgiram de forma radicalmente intensa e invasiva:

Depois da cura de minha primeira doença vivi oito anos, no geral, bem felizes. (...) Em junho de 1893 (...), são desta época alguns sonhos, aos quais na ocasião não dei uma atenção particular e até hoje não daria, como diz o ditado, "sonhos são ilusões", se, em consequência das experiências tidas neste ínterim, não tivesse tido que pensar ao menos na possibilidade de estarem ligados a uma conexão nervosa comigo. Sonhei algumas vezes que minha antiga doença nervosa tinha voltado. (...) Uma vez, de manhã, ainda deitado na cama (não sei mais se meio adormecido ou já desperto), tive uma sensação que me perturbou da maneira mais estranha, quando pensei nela depois, em completo estado de vigília. Era a idéia de que deveria ser realmente bom ser uma mulher se submetendo ao coito— esta idéia era tão alheia a todo o meu modo de sentir que, permito-me afirmar, em plena consciência eu a teria rejeitado com tal indignação que de fato, depois de tudo que vivi neste ínterim, não posso afastar a possibilidade de que ela me tenha sido inspirada por influências exteriores que estavam em jogo (*Ibidem*, p. 45).

Como veremos mais à frente, é a partir desse pensamento “entre o sono e a vigília” em que “deveria ser bom ser uma mulher se submetendo ao coito” que se desencadeará toda sua construção delirante ligada ao “culto à feminilidade”. Freud marca muito bem dois tempos diferentes no processo de construção do delírio de Schreber. O primeiro se caracteriza por experiências persecutórias, invasivas e desorganizadoras. O segundo se constitui por um delírio de grandeza de cunho místico-religioso onde encontra um sentido que assume função organizadora.

No próximo subcapítulo, veremos com mais detalhes como se apresentou essa segunda crise de Schreber e, especialmente, como se deu a passagem do primeiro tempo da segunda crise – caracterizado pela fragmentação corporal e desordem pulsional – até o delírio ligado ao “culto à feminilidade”, que terá função organizadora.

1.4.2. A segunda crise de Schreber: da fragmentação corporal ao culto à feminilidade

Freud mostra que a segunda crise de Schreber se caracteriza, no seu início, por experiências persecutórias, sintomas hipocondríacos e uma desordem corporal e pulsional radical.

A segunda enfermidade manifestou-se em fins de outubro de 1893, com um torturante acesso de insônia, forçando-o a retornar à clínica de Flechsig, onde, porém, sua condição piorou muito (...), expressava mais idéias hipocondríacas, queixava-se de ter um amolecimento do cérebro (...), um alto grau de hiperestesia – grande sensibilidade à luz e ao barulho. Mais tarde, as ilusões visuais e auditivas tornaram-se muito mais frequentes e, junto com distúrbios cenestésicos, dominavam a totalidade de seu sentimento e pensamento. Acreditava estar morto e em decomposição (Freud, 1911, p. 28 e 29).

No entanto, no decorrer de seu tratamento com Dr. Flechsig e no percurso da escrita de sua autobiografia, os sintomas de Schreber sofrem mudanças fundamentais. Aquilo que, no início, caracterizava-se por um delírio persecutório, invasivo e desorganizador, vai se transformando em um delírio místico religioso que produz sentido e estabilização psíquica para Schreber. As alterações corporais que, antes, eram apenas pura invasão corporal e desordem pulsional, passam a ter uma razão de existir. Afirma que seu corpo estava sendo transformado em mulher para que, junto a Deus, pudesse criar uma nova raça de homens.

Acreditava que tinha a missão de redimir o mundo e restituir-lhe o estado perdido de beatitude. Isso, entretanto, só poderia realizar se primeiro se transformasse de homem em mulher. (...) O ponto culminante do sistema delirante do paciente é a sua crença de ter a missão de redimir o mundo e restituir à humanidade o estado perdido de beatitude (*Ibidem*, p. 31 e 32).

Rosa Alba⁷ mostra detalhadamente como Schreber vive essa passagem e quais são as bases estruturais de seu pensamento delirante. O processo de ser transformado em mulher está na base de seu delírio – processo que Schreber chamará de emasculação.

⁷ “A emasculação é o centro do delírio de Schreber. Inicialmente ela se apresenta apenas esboçada, seja na fantasia de ser uma mulher no ato da cópula que precede sua primeira crise ou, posteriormente, quando ele imputa a seu médico e à série de perseguidores a ameaça de fazê-lo sofrer abusos sexuais. Num segundo tempo, consolida-se a idéia de que lhe é exigido tornar-se mulher, o que constitui, para Schreber, um objeto de horror a princípio. Já nesta fase é produzido um

No início da segunda crise, faz-se presente essa experiência de fragmentação corporal, de desordem pulsional radical. Entretanto nossa hipótese é de que a fragmentação corporal e a ausência de unidade corporal não pertencem exclusivamente à psicose, mas, ao contrário, fazem parte da vida humana.

Não é característica exclusiva da psicose, como déficit em relação à neurose. Tal dimensão está dada para todos nós, e cada um criará uma maneira singular de lidar com isso, de construir seu corpo e sua relação com o mundo e as coisas.

Indicamos estar presente na obra freudiana e no ensino de Lacan a ideia de que o corpo despedaçado, a ausência *a priori* de uma imagem narcísica experimentada como unidade pelo sujeito não é característica exclusiva da psicose, mas está dado para todos nós. Vimos isso claramente em Freud, em seu texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914), elucidado por Lacan em seu retorno a Freud, no texto “O estágio do espelho como formador da função do eu” (1949). No terceiro capítulo, indicaremos a ratificação realizada por Lacan sobre esse tema, presente em seu último ensino. O referido capítulo constitui a base do atual trabalho.

A partir dessas premissas, buscamos demonstrar outra forma de definir as diferenças entre neurose e psicose, que não aquela referida à ideia de um déficit. Se, *a priori*, a fragmentação corporal e a ausência de unidade corporal estão dadas para todos, a diferença entre neurose e psicose não está entre ter ou não ter recursos simbólicos para construir uma imagem corporal. Todos nós nascemos sem esses recursos e o modo como iremos construir um corpo se dará de forma singular.

O neurótico, em geral, é aquele que tende a acreditar que nasceu com esse corpo-unidade desde sempre – por mais que as forças pulsionais lhe mostrem o contrário –, e persegue esta certeza, buscando sempre um ponto de referência que afirme: “eu sou”, “eu tenho”, “eu estou”. Tais afirmações são recursos simbólicos e imaginários que geram uma sensação de poder e controle sobre si mesmo, o que Freud chamou de falo. Entretanto, existem aqueles que estabelecem a relação de seu corpo

deslocamento importante, pois não se trata mais de ter o corpo, assaltado pelos mais variados danos à integridade física, nem objeto de abusos sexuais, mas sim de ter um corpo de mulher. A ideia de ter um corpo feminino ganhará um significado positivo num terceiro tempo, tornando-se um compromisso razoável, passível de ser aceito por Schreber, já que serve aos propósitos divinos de uma redenção futura que interessará a toda a humanidade” (Alba, 2008, p. 120).

com o mundo sem passar pela perseguição desta postura fálica, mas sim a partir de um certo saber sobre a inexistência dessa totalidade, podendo traçar rotas, com seu corpo, que não passem, necessariamente, pelo sentido, pelo racional, pela segurança. Trata-se de um corpo que se constrói a partir de costuras e amarrações com aquilo que, do discurso corrente, escapa; com o que, da fala consciente, cai; com isso que, no campo do sentido, é resto. A partir disso que o neurótico quer não ver, o psicótico constrói sua relação com o mundo e as coisas. No caso de Schreber, as costuras dadas a esses restos foram a partir da metáfora delirante.

O corpo fragmentado, despedaçado, começará a construir uma organização a partir de seus laços com os nervos de Deus. Com a obrigação de ter que se tornar mulher e, junto com Deus, criar uma nova raça de homens, Schreber foi produzindo saídas para construir um corpo possível. Nossa aposta é de que essa não foi a saída *da* psicose, mas a saída de Schreber, única e singular.

A saída encontrada por Schreber, portanto, para a construção de seu corpo, não se deu pela crença fálica de um corpo existente *a priori*, mas pela construção delirante que o permitiu sair de um corpo fragmentado à criação de um corpo de mulher.

Aprendemos, com Freud, que uma das saídas encontradas pelo sujeito psicótico para lidar com o mundo e as coisas está na construção delirante. Diante dessa fragmentação corporal e ausência de imagem narcísica que está dada para todos, existem aqueles que encontrarão, no delírio, a saída para sua estabilização. Enquanto a psiquiatria tende a apostar que o delírio é um sintoma a ser eliminado, um mal para o sujeito, para Freud, ele é uma tentativa de cura, um processo de reconstrução: “a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na verdade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de reconstrução” (Freud, 1911, p. 94).

A hipótese de base da presente tese estará na demonstração de que o sujeito psicótico pode construir outros recursos, para além do delírio, para inventar seu corpo e sua relação com o mundo. Uma estabilidade que não se dá por uma certeza, mas por traços e marcas que o sujeito inscreve na sua relação com o mundo. O que, do material da linguagem, escapa à consciência, e que o neurótico recalca, o psicótico costuma recuperar e, partir disso, montar pedaços, construindo formas, traços, dando materialidade ao universo dos significantes. Lacan chamou esse material de letra.

Para desenvolvermos essa hipótese e chegarmos ao conceito de letra, em Lacan, trilharemos um pequeno percurso em seu ensino, procedendo a uma revisão/transformação sobre o conceito de corpo. O corpo vai deixando de ser um corpo unidade, ortopédico, para se tornar um corpo resto. O que é mais singular no sujeito não será, então, a sensação de totalidade da imagem especular – corpo reconhecido por um outro –; mas o que, dessa imagem total, escapa, apresenta-se como resto e, portanto, absolutamente singular – o que Lacan chamará de objeto *a*.

2. Sobre a noção de corpo: do falo ao objeto *a*

O objetivo principal desta tese é abrir uma discussão sobre as contribuições que o conceito de letra, em Lacan, pode nos oferecer para pensarmos a questão do corpo na psicose. Nossa aposta é de que, na neurose, o falo (-fi) é quem assume a função de mediação entre o Eu e o Outro, o mundo interno e o mundo externo. Já na psicose, falta ao sujeito esse suporte fálico, sendo necessária a criação de recursos substitutivos. O primeiro deles, vimos no último capítulo: o delírio, demonstrado a partir do caso Schreber. Por último, no terceiro capítulo, mostraremos qual é o lugar que a letra pode assumir nessa função de mediação.

Para sustentarmos, no capítulo três, a existência de recursos substitutivos ao falo (-fi), é preciso, de forma resumida, trilharmos um pequeno percurso sobre esse conceito, marcando qual é sua importância na constituição do Eu, para, em seguida, discutirmos seus recursos substitutivos. A definição do conceito de falo (-fi) e a discussão sobre sua existência enquanto objeto (objeto *a*), na constituição do Eu e sua especificidade na psicose, serão os pontos de base deste capítulo.

2.1 O falo como falta e a constituição do Eu

Como vimos no capítulo anterior, tanto Freud (1914) quanto Lacan (1949) se preocuparam em discutir a constituição do Eu, para a psicanálise. Vimos que, diferentemente de outros campos do saber, para a psicanálise, o sujeito não está dado de antemão, mas precisa ser construído. Da “Introdução ao Narcisismo” (1914) ao “Estádio do Espelho” (1949), pudemos verificar essa afirmação e sua importância para clínica psicanalítica. Freud veio nos mostrar que o sujeito não está dado de antemão, que o corpo do bebê pequeno é errante, busca o prazer, sem distinção entre o Eu e o Outro. É necessário que uma ação psíquica seja introduzida para que uma unidade corporal possa se constituir. Lacan veio sustentar essa afirmação, mostrando que o reconhecimento da imagem no espelho pelo bebê só se dá pelo reconhecimento de outrem.

Lacan dará continuidade a essa reflexão ao mostrar que essa imagem especular, essa unidade corporal, só pode se tornar consistente a partir de uma falta, afirmação lacaniana sobre a qual nos apoiaremos para introduzir a reflexão sobre o conceito de

falo (-fi). Se, no texto “O Estádio do Espelho” (1949), Lacan introduz essa discussão ao afirmar que o sujeito se constitui pela “mediatização pelo desejo do outro” (Lacan, 1949, p. 100), em seu *Seminário, livro 10: a angústia*, o autor levará essa hipótese às últimas consequências ao nos mostrar que, entre o Eu e o Outro, estabelece-se sempre uma perda. Aqui, Lacan dará um passo além de Freud e nos mostrará que nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Na dialética do narcisismo, para além da constituição de uma imagem especular, há algo que se apresenta como resto, que marca o mais íntimo do sujeito, mas está fora da imagem especular.

A função do investimento especular situa-se no interior da dialética do narcisismo, tal como Freud a introduziu. O investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária. É fundamental por ter um limite. Nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto. Esse resto, espero ter conseguido fazê-los ter uma idéia de por que ele é o pivô de toda essa dialética. É nisso que recomencerei da próxima vez, para lhes mostrar, mais do que pude fazer até agora, em que essa função é privilegiada sob a forma do falo. Isso significa que, em tudo que é demarcação imaginária, o falo virá, a partir daí, sob a forma de uma falta. Em toda a medida em que se realiza aqui, em *i(a)*, o que chamei de imagem real, imagem do corpo funcionando na materialidade do sujeito como propriamente imaginário, isto é, libidinizado, o falo aparece a menos, como uma lacuna. Apesar de o falo ser, sem dúvida, uma reserva operatória, não só ele não é representado no nível do imaginário, como é também carcado e, para dizer a palavra certa, cortado da imagem especular (Lacan, 1962-63, p. 48 e 49).

Neste trecho, Lacan nos mostra que existe uma diferença fundamental entre esse investimento libidinal da imagem especular e o que, disso, escapa à imagem, apresentando-se como resto. O primeiro se caracteriza pelo que poderíamos chamar de falo imaginário, ou seja, o poder que tem a imagem especular de permitir ao sujeito dizer “eu sou”. Mas se pudermos, aqui, tomar a liberdade de retomar o olhar sobre a cena do “Estádio do Espelho” (1949), veremos que há algo além da constituição da imagem especular no jogo de olhares do bebê. O falo imaginário parece se constituir nesse momento em que o bebê olha para o espelho e a mãe, atrás, aponta para o bebê e diz: “aquele é você”, constituindo-se uma imagem especular. Mas a grande percepção de Lacan foi que, para esse processo ocorrer, existe um jogo de olhares em questão. O bebê olha, ora para o espelho, ora vira a cabeça, olhando para a mãe. Quando vê a mãe, não vê o espelho; quando olha para o espelho, não vê sua nuca. Nesse jogo entre o Eu e o Outro, alguma coisa sempre é incompleta. No jogo entre o bebê, a mãe e o espelho, algo dessa imagem plena se mostra faltante. Se essa imagem fosse completa, não seria

possível a sustentação desse jogo de olhares, pois o sujeito estaria colado com sua própria imagem – o que é uma característica clara da experiência paranoica, o que veremos mais à frente.

É essa falta, portanto, que marca a possibilidade de uma mediação entre o Eu e o Outro, entre o mundo interno e o mundo externo, entre sujeito e objeto. Por isso, propomo-nos, aqui, a pensar esse falo (-fi), o falo da falta, como o falo simbólico. Como vimos, todo o universo simbólico se refere, por excelência, a essa falta fundamental. É porque existe algo na constituição da imagem especular que se apresenta como falta que é possível, ao ser humano, dizer nas entrelinhas, jogar com o campo das representações. Isso faz do ser humano aquele que vive sua relação com o mundo sempre de forma heterogênea, sem completude, sem concretudes absolutas. Lacan traz essa discussão de dentro do campo da linguística, a partir do conceito de significante, ao evocar uma metáfora, mostrando como se estabelece a relação entre o Eu e o Outro a partir de uma falta:

Todas as coisas do mundo vêm colocar-se em cena segundo as leis do significante, leis que de modo algum podemos tomar de imediato como homogêneas às do mundo (...). Portanto, primeiro tempo, o mundo. Segundo tempo, o palco em que fazemos a montagem desse mundo. O palco é a dimensão da história. A história tem sempre um caráter de encenação (...). Uma vez que o palco prevalece, o que acontece é que o mundo é inteiramente montado nele e que, com Descartes, podemos dizer que “No palco do mundo, eu me aventuro” (Lacan, 1962-63, p. 42 e 43).

Nossa preocupação em trazer uma pequena reflexão sobre o conceito de falo é justamente a de mostrar como essa falta fundamental assume a função de mediação; inscreve um impossível da homogeneidade, da completude do Eu. O que aprendemos com Freud e Lacan é que essa mediação entre o mundo interno e o mundo externo, isso que distingue o sujeito dos objetos, não se dá, como pode parecer no senso comum, por uma homogeneidade do Eu, mas, justamente por algo que instaura uma falta primordial.

Entretanto, esse jogo se faz presente, fundamentalmente, no campo da neurose. Por outro lado, a experiência da psicose, em especial da paranoia, vem nos mostrar exatamente o que acontece quando falta ao sujeito, de forma estrutural, esse dispositivo da falta, o falo (-fi). Por não ter o falo (-fi) como mediação entre o Eu e o Outro, o paranoico é aquele para quem o Outro se torna persecutório. Os objetos são invasivos, sua imagem está sendo sempre filmada por câmeras. Como nos diz Lacan: “A paranoia

é um grude imaginário. É a voz que sonoriza, o olhar que se faz prevalente, é o caso de um congelamento de um desejo” (Lacan, 1974, p. 128 e 129). Para que essa voz e esse olhar possam ser um pouco menos “grudentos”, é preciso que algum recurso de mediação, diferente do falo (-fi), faça-se presente. Como vimos no caso Schreber, no capítulo anterior, o delírio pode assumir essa função substitutiva. No próximo capítulo, mostraremos que a letra – enquanto conceito lacaniano – talvez possa assumir também essa função.

Retomando a reflexão sobre o conceito de falo (-fi), Lacan recorre a outra metáfora, além do estádio do espelho, discutindo uma experiência pertencente ao campo da ótica geométrica. Trata-se do espelho côncavo, representado na experiência do buquê invertido. No experimento em questão, há dois espelhos. Entre eles, há um vaso apoiado numa estante (o espelho plano na frente do vaso e o espelho côncavo atrás). Embaixo da estante, há outro vaso, contendo um buquê de flores. A altura dos espelhos recobre do início do primeiro vaso ao final do vaso de baixo, sem cobrir a área do buquê de flores. Pelas características específicas do espelho côncavo e pela posição de onde o sujeito olha para o vaso (de cima do espelho côncavo), a imagem do buquê se reflete de tal maneira que ela se apresenta como se estivesse dentro do vaso que está em cima da estante. Isso dá, ao sujeito que olha, a falsa sensação de que o buquê está dentro do vaso, enquanto, na realidade, ele não está. Na metáfora do buquê invertido, Lacan diz que o “verdadeiro” buquê seria o menos fi e o “falso” buquê o objeto *a*. Ou seja, é justamente aquilo que está fora do raio do espelho que se faz presente no vaso vazio. É a falta fundamental que constitui a unidade da imagem – unidade falsa, pois as flores não estão lá, de fato, mas, ainda assim, a unidade se constitui como tal.

A experiência do buquê invertido nos traz uma metáfora muito próxima das ideias que desenvolvemos aqui a partir das reflexões de Freud e Lacan sobre a construção do corpo e a impressão de uma unidade corporal. A imagem se constitui a partir dessa falta fundamental (-fi) que, na metáfora em questão, apresenta-se como o buquê que está fora do campo do espelho côncavo, ou seja, cortado da imagem especular, mas que se faz presente como objeto *a*, assim como o reflexo do buquê dentro do vaso que está em cima da estante. Ou seja, existe um certo ponto de vista do olhar do sujeito que permite a ele afirmar, como certeza absoluta, que está lá algo que não está. Essa experiência é característica do neurótico: uma afirmação de certeza de que a unidade corporal é totalizante, mesmo que, nas manifestações do inconsciente,

algo dessa certeza sempre caia um pouco de cena, como vimos. Desse modo, perguntamo-nos: a imagem do buquê dentro do vaso, em cima da estante, é ou não é? É vista pelo sujeito, mas não está lá. Existe ou não existe? Responde-nos Lacan:

O que é um fato? É justamente ele quem o faz. Só há fato pelo fato de o falasser o dizer. Não há outros fatos senão aqueles que o falasser reconhece como tais, dizendo-os. Só há fato pelo artifício. E é um fato que ele mente, isso é, que ele instaura falsos fatos e os reconhece, porque tem mentalidade, isso é, amor-próprio. O amor-próprio é o princípio da imaginação. O falasser adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade, ele não tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante (Lacan, 1975-76, p. 63 e 64).

Ainda dentro da metáfora do buquê invertido, Lacan marca que, assim como o buquê real que está embaixo seria o falo (-fi), o “falso buquê”, visto pelo sujeito que olha, seria o objeto *a*. Como veremos a seguir, se o falo (-fi) se apresenta como uma falta fundamental, o objeto *a* se apresenta quando essa falta, ela mesma falta; quando isso que está fora da imagem especular se faz presente como objeto.

2.2 Observações sobre o conceito de objeto *a*

Para chegarmos às primeiras definições de Lacan sobre o conceito de objeto *a*, trilharemos um pequeno percurso, em Freud, para demonstrar uma discussão aberta por ele, e aprofundada por Lacan, sobre a ideia de mundo interno e mundo externo. Isso porque o objeto *a* já tem, em seu significante, uma expressão peculiar: ele toca o mais íntimo do sujeito, mas se define como um objeto. Mas como, se os objetos são, por excelência, o que não é do campo do sujeito? Veremos, de forma breve, como Freud e Lacan se debruçaram sobre essa discussão entre o interno e o externo, entre sujeito e objeto. Isso será fundamental para pensarmos a questão da constituição do Eu.

Freud trabalhou muitas vezes, no decorrer de sua obra, a discussão sobre as relações entre o mundo interno e o mundo externo, desde suas teorias sobre os conflitos entre as forças pulsionais e as exigências do mundo externo, presentes na histeria (Freud, 1905), até suas discussões entre neurose e psicose (Freud, 1924 [1923] e 1924), nos momentos finais de sua obra. Lacan pôde perceber, entretanto, que o mundo externo freudiano era muito mais do que simplesmente objetos concretos que se distinguiam do indivíduo. Como grande cientista da época, e com sua característica singular, no

decorrer de toda sua obra, Freud foi repensando e se reposicionando quanto à definição de seus conceitos. A experiência clínica o convocava a repensar a teoria e, nesse caminho, foi criando sua obra, constituindo a psicanálise. No texto do Caso Schreber, o autor demarca claramente um reposicionamento sobre a ideia de mundo externo, ao dizer: “Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora” (Freud, 1911, p. 95). Nesta citação, Freud define a experiência da alucinação.

Não há como não reconhecer que tem algo de muito peculiar nesse “fora” freudiano. Se o sentido fosse o mesmo do senso comum, a frase “o que foi internamente abolido retorna desde fora” seria impossível. Impossível, pois, como poderia “retornar de fora” algo que nunca esteve fora? Há um paradoxo fundamental nessa afirmação freudiana. Lacan pôde perceber, portanto, que existia algo do campo do impossível nesse “fora” freudiano. Algo totalmente diferente do sentido do senso comum. O que parece então distinguir o dentro e o fora, o eu e o outro, não é apenas a diferença entre o indivíduo e os objetos concretos, mas o Eu imaginário que sustenta uma ideia de corpo e o Outro simbólico que demarca esse fora totalmente atravessado pelo sujeito. Trata-se de um “fora” que toca o sujeito, que se apresenta externalizado, que, do campo da linguagem, fala do sujeito sem que ele precise aparecer como indivíduo, sem que ele precise sequer mover a boca. A esse mundo externo freudiano, a esse “fora” peculiaríssimo de Freud, Lacan deu o nome de Outro, como veremos mais à frente.

Retomando a metáfora do estádio do espelho, o Outro será a mãe ao dizer ao bebê, quando ele olha no espelho, “aquele ali é você, José”, por exemplo. Como tesouro do significante, ela introduz um significante primordial: José. É a partir desse significante, anterior ao sujeito, que ele se constituirá. Sempre a partir da fala da mãe. Aliás, o nome José já tinha sido escolhido antes mesmo dele nascer:

O sujeito tem que se constituir no lugar do Outro, sob a forma primária do significante, e com base no dado do tesouro do significante já constituído no Outro. (...) o sujeito (...) só existirá a partir do significante que lhe é anterior e que é constitutivo em relação a ele (Lacan, 1962-63, p. 179).

Entretanto, nesse jogo entre o dentro e o fora, o sujeito e o Outro, há algo dessa operação que se apresenta como resto. A esse resto, Lacan deu o nome de objeto *a*. Se o

falo (-fi) – como vimos no subcapítulo anterior – representa a falta existente na imagem especular, o objeto *a* se apresenta como um resto irreduzível dessa operação, isso que está cortado da imagem especular, mas que não se apresenta como falta, e sim como objeto. Quando a falta falta, esse objeto se faz presente, mostrando uma estranha consistência. Esse objeto externo – freudianamente falando – mostra, a todo o momento, sua corporeidade, entrando em cena.

O *a* é o que resta de irreduzível na operação total do advento do sujeito no lugar do Outro, e é a partir daí que ele assume sua função. A relação desse *a* com o S, do *a* como justamente aquilo que representa o S em seu real irreduzível, esse *a* sobre S é o que fecha a operação da divisão (*Ibidem*, p. 179).

Parece haver uma escolha muito peculiar de Lacan em outorgar, ao *a*, a condição de objeto. Se ele representa o que há de mais íntimo do sujeito, se ele se apresenta, justamente, quando o sujeito não consegue dar nome ao afeto vivido naquele momento, por que seria ele objeto? Talvez porque Lacan tenha percebido que esse “fora” freudiano fala do mais íntimo do sujeito – mas do sujeito do inconsciente, não do indivíduo. Para marcar aquilo que há de mais íntimo no sujeito e vem a ser o que está mais distante do indivíduo imaginário, é preciso dar, a esse *a*, a condição de objeto. Esse objeto muito singular se apresenta nesse “fora” que, como diz Lacan, é “esse fora que não é um não dentro” (Lacan, 1974, p. 40).

O *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63) parece, portanto, ter um traço distintivo na discussão sobre o conceito de corpo. A partir do objeto *a*, o corpo vai se tornando, cada vez menos, uma unidade imaginária, e, cada vez mais, um corpo que se constitui por um resto. Um corpo singular não é um corpo totalizante. Sua singularidade está justamente naquilo que, dele, escapa à imagem especular. Essa estranheza do sujeito ao corpo unitário, que se faz muito presente em uma análise, aparece, por exemplo, no *non sense* dos sonhos, na surpresa de um ato falho, na inesperada reação do outro em um chiste. Éric Laurent nos convoca a essa reflexão ao pensar o corpo como um corpo pulsional que se constitui por furos, bordas e não por totalidades:

Isso supõe que o sujeito não construa sua identificação, sua base no mundo a partir da sua ênfase, do seu envelope corporal, do narcisismo da imagem, mas que ele consiga se virar, na constituição sintomática de circuitos pulsionais, com a deriva pulsional (Laurent, 2005, p. 7).

Como vimos, no *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63), Lacan traz a discussão sobre o conceito de objeto *a*, a partir de sua relação com o falo (-fi). Trata-se de um caminho da instância faltante – que, como negatividade, instaura um corpo singular – a um objeto resto que se faz presente e se apresenta como aquilo que está fora da imagem especular, fazendo dela sempre uma imagem única e nunca totalizante.

No percurso trilhado até aqui, vimos que o falo (-fi) instaura uma falta fundamental – isso que faz da imagem especular algo que não seja totalizante, chapado, colado, mas atravessado por uma mediação. Essa parece ser, por excelência, a condição de base da constituição do sujeito neurótico. Vimos também que o falo (-fi) é uma instância presente no campo da neurose.

Sendo assim, como poderíamos pensar a constituição do sujeito na psicose? Ou, sendo mais rigoroso na intensão da pergunta, qual seria a função do objeto *a* na psicose, haja vista que, nessa estrutura psíquica, o falo (-fi) não se faz presente? Para introduzir uma discussão sobre esse tema, apresentaremos, antes, de forma resumida, o processo de alienação e separação, para, então, terminarmos o capítulo com a discussão sobre o objeto *a* na psicose.

2.3 Sobre os processos de alienação e separação

Como vimos no subcapítulo anterior, Lacan aprofunda, no *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63), a discussão sobre o conceito do objeto *a*, aquilo que é cortado da imagem especular e é fundamental para que o sujeito se apresente sob uma mediação simbólica, e não como uma figura totalizante. Prosseguindo na discussão sobre a constituição subjetiva, Lacan, no ano seguinte, em seu *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), introduz a discussão sobre os processos de alienação e separação – processos estes que se apresentam no jogo de relações entre o sujeito e o Outro. O texto “Posição do Inconsciente” (1966), publicado nos *Escritos* (1998), também aprofunda essa discussão.

Seguindo a metáfora do “Estádio do Espelho” (1949), podemos pensar que o processo de alienação se dá, por excelência, no momento intervalar em que o bebê olha para a mãe, depois para o espelho, quando se constitui a existência de uma falta (-fi). Ao olhar para mãe, o bebê não vê a própria imagem. Quando vê o espelho, não vê, por

exemplo, sua nuca. Como já apontamos, sempre há algo que falta à imagem especular. Na construção dessa falta, algo se aliena nessa relação; algo se faz incompleto. Mas é justamente porque essa imagem é incompleta e não chapada que algo de singular se faz presente. Essa falta dá alguma nomeação para esse sujeito, mesmo que esse nome não queira dizer nada *a priori*. Essa palavra primeira não significa nada e, ao mesmo tempo, marca o que é de mais singular no sujeito:

Encontramos esse corte comandando as duas operações fundamentais em que convém formular a causação do sujeito. Operações que se ordenam por uma relação circular, mas, no entanto, não recíproca. A primeira (...) a alienação reside na divisão do sujeito que acabamos de designar em sua causa (...). Do mesmo modo, nosso sujeito é colocado no *vel* de um sentido a ser recebido ou da petrificação. Mas, se ele preserva o sentido, é esse campo (do sentido) que será mordido pelo não sentido que se produz por sua mudança em significante. Que é justamente do campo do Outro que provém esse não sentido, apesar de produzido como eclipse do sujeito (Lacan, 1966, p. 854 a p. 856).

Distanciando-nos do material imaginário que o “Estádio do Espelho” (1949) nos oferece – ao qual recorreremos durante este capítulo –, e, aproximando a figura materna do Outro, e o nome “José”, por exemplo, do conceito de significante, localizamos a função do Outro – tesouro do significante – no jogo de onde pode nascer o sujeito em questão. Essa parece ser a diferença fundamental entre o sujeito do inconsciente e o indivíduo do senso comum. O indivíduo do senso comum existe de antemão; ele fala, e fala com o outro. A percepção de Lacan foi que há uma inversão em jogo na constituição do sujeito freudiano. O significante é anterior ao sujeito e ele só se constitui a partir do Outro: “O significante, produzindo-se no campo do Outro, faz surgir o sujeito de sua significação. (...) Aí está propriamente a pulsação temporal em que institui-se e que é a característica da partida do inconsciente como tal – o fechamento” (Lacan, 1964, p. 203).

O processo de separação ocorre, então, em um segundo momento. Isso que, da imagem especular, antes, apresentava-se como falta, no processo de alienação, agora, apresenta-se como objeto em jogo. O resto irreduzível que corta a imagem especular, ao invés de cair como falta, apresenta-se como objeto, nomeado, por Lacan, como objeto *a*. Ele recobre a falta primeira, presentifica a falta, ou, como diz Lacan, o objeto *a* aparece quando a falta falta, ou seja, quando há uma duplicação da falta. Diferente do (-fi), que se apresenta como falta e instaura, nessa diferença, o campo da alienação, o objeto *a*

instaura, no processo de separação, a presença do desejo, o desejo por excelência, o desejo do Outro:

Passemos à segunda operação, onde se fecha a causação do sujeito, para nela constatar a estrutura da borda em sua função de limite, bem como na torção que motiva a invasão do inconsciente. A esta operação chamaremos separação. (...) O *vel* retorna como *velle*⁸. Esse é o fim da operação (...). O intervalo que se repete, estrutura mais radical da cadeia significante, é o lugar (...) do desejo. (...) é sob a incidência em que o sujeito experimenta, nesse intervalo, uma Outra coisa a motiva-lo que não os efeitos de sentido com que um discurso o solicita, que ele depara efetivamente com o desejo do Outro (Lacan, 1966, p. 856 a p. 858)

Essa experiência de duplicação da perda, e todo o jogo que se constitui nos processos de alienação e separação, são muito bem resumidos por Riaviz:

Para que se produza a alienação é necessário que um significante represente o sujeito para outro significante. A alienação envolve a lógica de uma escolha forçada pelo sentido, comportando sempre uma perda, um ponto de sem-sentido que corresponde ao inconsciente. Este momento lógico da constituição do sujeito caracteriza a repressão primária, a divisão fundante do sujeito do inconsciente. Com a operação de separação se consome a causação do sujeito. Nos intervalos da cadeia significante, inscreve-se o desejo do Outro. Para responder à falta no Outro, o sujeito opera com sua própria falta. É o recobrimento de duas faltas. Na operação de separação entram em jogo os objetos *petit a*, através dos quais o sujeito se faz objeto do desejo do Outro, procurando recuperar a sua perda de ser, resultante da operação de alienação (Riaviz, 1998, p.v)

No entanto, para que o objeto *a* venha a recobrir essa falta primeira, função do falo (-fi), é preciso que o falo se faça presente. Essa é, por excelência, a característica da neurose. Na psicose, o falo não se inscreve, não há a inscrição dessa falta. A relação da imagem especular é mais chapada, mais concreta, o que faz, do Outro, objeto persecutório, invasivo, de difícil manejo. Nesse contexto, qual seria, então, a função do objeto *a*? Sem a pretensão de dar uma resposta final a essa pergunta, abriremos uma pequena discussão sobre ela no próximo subcapítulo.

2.4 O objeto *a* e a psicose

No percurso trilhado até aqui, vem sendo desenvolvida uma discussão inicial sobre a constituição do corpo, sob a ótica do pensamento freudiano, e algumas reflexões

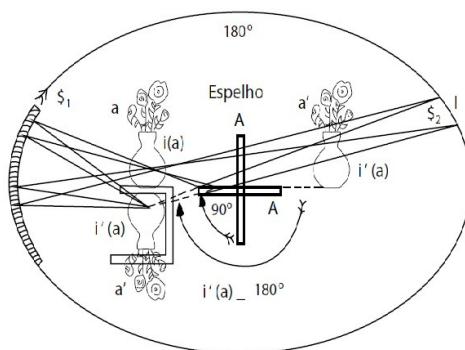
⁸ “Infinitivo presente e imperfeito do subjuntivo do latim *volo, volui*, “querer, “desejar”. Trocadilho de Lacan entre *vel* (ou) e *vele* (de *volo*) (N.E)” (nota de rodapé presente na própria citação).

desenvolvidas por Lacan em seu ensino. Dentro dessa discussão, vem sendo aprofundada a especificidade da constituição do corpo na psicose. No subcapítulo anterior, introduzimos uma reflexão sobre a importância da entrada do conceito de objeto *a* para potencializar a discussão sobre a constituição do corpo. No presente subcapítulo, o objetivo será pensar como esse conceito nos ajuda a pensar a constituição do corpo na psicose.

Tomaremos como base, para a discussão, duas citações de Lacan nas quais ele se remete diretamente ao tema. Primeiro, em seu *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63), em que o autor mergulha a fundo na discussão sobre o conceito de objeto *a*, encontramos uma passagem bastante interessante sobre a relação desse conceito com o campo da psicose. Depois, recorreremos a outra citação, retirada da apresentação feita por Lacan no Congresso intitulado “Breve discurso aos psiquiatras” (1967).

2.4.1. O objeto *a* e o esquema do buquê invertido

A primeira citação de Lacan sobre o objeto *a* e a psicose, que trabalharemos mais à frente, retoma a discussão sobre o esquema do buquê invertido, produzido no espelho côncavo, como vimos no *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63). A partir daí, Lacan aprofunda a metáfora do “Estádio do Espelho” (1949), com o objetivo de dar continuidade ao desenvolvimento de sua teoria sobre a constituição da imagem corporal. Com o buquê invertido, Lacan traz, especificamente, uma reflexão de como essa imagem se constitui na psicose. Antes de chegar à citação em questão, veremos, aqui, a imagem à qual o autor se remete quando fala sobre o objeto *a* na psicose. Ele vai definir a imagem como o “esquema completo” do experimento do buquê invertido.



(Fonte: Lacan, 1962-63, p. 48).

Retomando a descrição do experimento, trata-se de um vaso vazio em cima de um aparador. Embaixo do aparador, há outro vaso igual com um buquê de flores dentro. À frente dos vasos, um espelho plano, e, atrás, um espelho côncavo. Os objetos se apresentam de forma tal que ambos os vasos estão no limite exato da altura dos espelhos. Ou seja, a parte mais alta do vaso superior está exatamente na altura máxima dos espelhos, e o vaso inferior (invertido) se encontra no seu limite, no início da base dos espelhos. Já o buquê de flores se apresenta abaixo da base dos espelhos. Antes de chegar à metáfora construída por Lacan, a partir dessa referência, vamos mostrar qual é a peculiaridade dessa experiência, sem a pretensão de entrarmos na minúcia dos detalhes técnicos da ótica geométrica, o que fugiria do escopo desse texto.

De forma simplificada, o que a teoria do buquê invertido nos mostra é que há uma especificidade do espelho côncavo que faz com que, nessa situação, a imagem do buquê, que se encontra embaixo do aparador, ao refletir no espelho, constitua uma imagem invertida do buquê em cima do aparador, dentro do vaso. Ou seja, caso o sujeito olhe para o espelho plano, logo acima do espelho côncavo, posicionando-se nessa altura estritamente específica, ele terá a total sensação de que o buquê – que, na verdade, está escondido, pois se encontra embaixo do aparador – está dentro do vaso, em cima do aparador. Trata-se de uma impressão, como diz Lacan, real. O sujeito que olha tem a convicção de que o buquê ali se encontra, mas, de fato, ele não está.

Lacan esclarece que o buquê de flores propriamente dito, na metáfora em questão, seria o falo (-fi), e o buquê dentro do vaso, em cima do aparador, o objeto *a*. Retomando a teoria do “Estádio do Espelho” (1966), vimos que Lacan nos mostra que o falo (-fi) se apresenta como uma falta fundamental que marca algo que se encontra fora da imagem especular, algo que se perde na imagem do sujeito no espelho. Isso que, em um primeiro momento, apresenta-se como falta, em outro tempo da experiência subjetiva, vai se apresentar como objeto – um resto irreduzível que se faz presente quando a falta falta. Nesse jogo entre o falo (-fi) e o objeto *a* que vimos em todo o processo de alienação e separação, tem algo que se apresenta como falta e algo que se apresenta como objeto. Mas como pode ser objeto algo que, por excelência, é resto, está fora de cena na imagem especular? No senso comum, na escuta mais imaginarizada (no sentido forte que Lacan dá ao imaginário, ou seja, imaginário como consistência) dessa

pergunta, a resposta seria que ela é impossível. É por isso que Lacan se interessou pela matemática.

A matemática é a ciência que, por excelência, prescinde do imaginário. Na relação com os números, os paradoxos podem ser afirmados sem nenhuma dificuldade. No esquema do buquê invertido, é justamente porque o buquê está fora da altura do espelho, que ele se faz presente dentro do buquê, do ponto de vista do olhar do sujeito. O esquema mostra que é só porque existe algo que está fora que, em um jogo de reflexos, ele pode estar dentro. O objeto a é, portanto, resto e objeto. Está cortado da imagem especular e é objeto constituinte do sujeito.

Entretanto, na citação abaixo, Lacan mostrará que, no caso do psicótico, o buquê de flores não aparece dentro do vaso. A posição do sujeito que olha é outra e, no reflexo da imagem no espelho, o buquê aparece ao lado do vaso.

Para dizer as coisas sumariamente, quando se trata do perverso ou do psicótico, a relação da fantasia ($\$ \diamond a$) institui-se de tal modo que o a fica em seu lugar do lado da $i(a)$. Nesse caso, para manejar a relação transferencial, de fato temos que tomar a nós o a de que se trata, à maneira de um corpo estranho, de uma incorporação da qual somos o paciente, porque o objeto como causa de sua falta é absolutamente estranho ao sujeito que nos fala (Lacan, 1962-63, p. 154).

Na imagem clássica do esquema do buquê invertido, como vimos, o a se encontra dentro de $i(a)$. Ou seja, o buquê de flores está dentro do vaso. Um buquê de flores dentro do vaso representa, na metáfora trazida por Lacan, a impressão de uma unidade corporal. Unidade falsa, como já vimos, já que, ali, não há buquê algum, apenas uma imagem dele. No entanto, para o sujeito que olha, não importa se ali há um buquê dentro de um vaso, de fato, ou não. O que Lacan reforça e que Freud já indicava, ao afirmar que toda realidade é sempre realidade psíquica, é que não importa se o buquê está ou não, mas se ele é visto ou não como tal: “o inconsciente tem de ser pressuposto como constituindo a base geral da vida psíquica. (...) o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica” (Freud, 1900, p. 650 e 651).

No decorrer do ensino de Lacan, aprendemos que o neurótico é aquele que, por excelência, acredita que tem um corpo. A crença fálica – aqui, falamos do falo imaginário –, a sustentação de que o corpo é total, traz ao sujeito essa sensação de unidade. O psicótico, o esquizofrênico, por excelência, é aquele que tem certa

estranheza a qualquer experiência de unidade. O corpo é constituído de pedaços. Ele costura e amarra esses pedaços à sua maneira, seja numa outra verdade substitutiva, como no delírio, seja escrevendo um corpo, a partir de um jogo de amarrações, como veremos no próximo capítulo. Entretanto, como a ótica geométrica nos mostra, o fato é que não importa se o buquê *verdadeiramente* está lá ou não. O que importa é que o sujeito vê como se ali ele estivesse. Para psicanálise, o que importa não é a verdade última, mas o olhar do sujeito.

A partir da leitura de Lacan sobre o esquema do buquê invertido, podemos pensar sobre a constituição do corpo, na neurose e na psicose. Constatamos, com as afirmações lacanianas vistas, que, para a neurose, o a está dentro de $i(a)$ e, para a psicose, o a está ao lado de $i(a)$.

A diferença da função do objeto a , para a neurose e a psicose, parece ser a mesma que a diferença estrutural em questão. O neurótico é aquele que crê veementemente que tem um corpo, crê numa imagem totalizante, mesmo que as manifestações do inconsciente mostrem o contrário. O psicótico é aquele que, ao invés de se apegar a uma verdade fálica, constrói seu corpo a partir de outras referências.

Articulando as duas metáforas, portanto, na neurose, o olhar do sujeito faz com que ele veja o buquê dentro do vaso, como algo “completo”, encaixado, assim como é a sensação de unidade corporal promovida pela metáfora do estádio do espelho. Na psicose, o a está ao lado; o buquê ao lado do vaso, justamente por não haver essa sensação de unidade, mas de fragmentação corporal, de certa estranheza quanto a qualquer tentativa de estabelecer uma diferença radical entre o dentro e o fora.

Aprofundando a reflexão sobre a psicose, retomemos, aqui, as relações entre o objeto a e o falo (-fi). Na neurose, o falo (-fi) se apresenta como falta, corte da imagem especular. O a presentifica essa falta, conferindo-lhe a condição de objeto. Mas se falta ao psicótico a presença do falo (-fi), qual é, para ele, a função do objeto a ?

No *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63), Lacan cita como seria o lugar do objeto a na metáfora do experimento do buquê invertido, no caso da psicose, mas não nos traz uma imagem dessa proposta, ficando apenas para nossa imaginação. Tomaremos, aqui, a liberdade de tentar supor como seria esse desenho, como ele ficaria. Nossa aposta é de que, não apenas o objeto a (buquê) aparece ao lado, ao invés de dentro do vaso, mas o falo (-fi), buquê que está dentro do vaso que está embaixo da

estante, não se encontra fora da dimensão dos espelhos, mas dentro dela. Ele cabe no tamanho dos espelhos; não há resto, ele não é faltante. No jogo da geometria ótica em questão, a imagem que está no limite do espelho na parte de baixo, mas não fora dele, não aparece dentro do buquê, na parte de cima, e sim ao lado.

Então, retomemos o jogo das duas metáforas. Na neurose, é porque há algo que está fora das dimensões dos espelhos, na parte de baixo, que, no reflexo, o buquê aparece falsamente dentro do vaso, na parte de cima. É uma falta (-fi) que faz nascer um objeto (*a*), que constrói uma sensação de unidade. Na psicose, a imagem que está dentro das perspectivas do espelho – e não se apresenta, portanto, como falta – não é refletida apresentando uma sensação de unidade. Ao invés de dentro do vaso, o buquê aparece no reflexo, ao lado dele. Sem a sensação de unidade, desmascara-se um certo véu que dá a sensação de completude. Existem flores, por aí, sem um buquê no qual possam se encaixar. Essa é a sensação do corpo, na psicose. Seu objeto, ao invés de formar unidade, apresenta-se como um objeto estranho.

Se o objeto está ao lado, e não dentro, retomando a operação de alienação e separação, ele não se apresenta como a falta da falta, não conclui a divisão do sujeito. Como não é a presença de uma falta (-fi), ele é uma presença estranha. Ele não recobre a falta. Se não houve uma perda, por mais que seja objeto, ele está ali, ao lado do sujeito, como se não tivesse ocorrido totalmente um corte na imagem especular. Na psicose, parece que nada foi totalmente cortado da imagem especular. Parece que há pedaços pendurados, ali; meio dentro, meio fora da imagem. “No bolso”, como veremos com Lacan, na reflexão sobre a próxima citação.

2.4.2. O objeto *a* no bolso

Em seu texto, *Breve discurso aos psiquiatras* (1967), Lacan introduz algumas discussões importantes para o campo da psicose. Entretanto, assim como em outros momentos de seu ensino, ao invés de usar a palavra psicose, remete-se a esses sujeitos com a expressão “loucos”. Em alguns de seus textos, é comum o autor escolher a palavra “louco” ao invés de “psicótico”. Na maioria das vezes, a palavra “louco” aparece nos textos em que Lacan joga com as palavras de forma mais leve, brinca com os conceitos, traz um pouco de poesia à teoria. A expressão “psicose” é mais comum nos textos clássicos, onde se discute os primórdios do pensamento estruturalista, da

demarcação da diferença entre neurose e psicose, o rigor da definição dos conceitos. Os textos em que a expressão “loucos” entra em cena parecem ser momentos importantes do ensino de Lacan, onde a psicose parece perder um certo caráter de patologização em relação à suposta normalidade neurótica.

A expressão “*les fous*” (os loucos) pode, muitas vezes, trazer até certa impressão de que a loucura é algo que está para todos nós. Ao mesmo tempo, nos textos de Lacan, sustenta-se que há algo de muito específico na loucura, o que, a nosso ver, restabelece à psicose sua condição de estrutura que se distingue da neurose. Nossa aposta, aqui, é de que a teoria borromeana, as discussões sobre Joyce e toda a reflexão de Lacan sobre a psicose, em seu último ensino, não destituem a psicose da condição de estrutura, nem da importância clínica do diagnóstico diferencial. Jacques-Alain Miller traz essa discussão na *Conversação de Arcachon* (1999), retomando as falas de Deffieux:

Deffieux articula aqui a primeira e a segunda formalização, sem considerar que a segunda desmente a primeira: efetivamente são compatíveis. Portanto ela sublinha que ele, lacaniano da época borromiana, se assim posso dizer, (...) acentua sobre o fato de não bastar repetir com Lacan que não há déficit, que o sujeito da psicose, como tal, não é deficitário, mas que é preciso ainda não abordá-lo a partir de um déficit de significante. Estes sujeitos trazem uma verdadeira subversão à clínica das psicoses, tirando-lhe toda a referência a qualquer noção de déficit, aí compreendido significante (Miller, 1999, p. 104).

A expressão *loucos*, e todas as referências ao conceito de objeto *a*, parecem ratificar a aposta de dar à psicose esse outro lugar. Retomando a questão do objeto *a*, na psicose, vejamos mais uma citação de Lacan. Aqui, ele volta a jogar com as palavras. Retoma a expressão *loucos*, a partir daquele viés mais leve, sutil, quase sarcástico de Lacan com os conceitos, e, ao mesmo tempo, fundamental para o que pretendemos discutir aqui:

Os homens livres, os verdadeiramente livres, são precisamente os loucos. Eles não se colocam no lugar do Outro, do grande Outro, pois o objeto *a* ele o tem a sua disposição. O louco é verdadeiramente um ser livre. Neste sentido, o louco, de uma certa maneira, é ser da irrealidade, esta coisa absurda, absurda... Mas, de toda maneira, magnífica, como o é tudo que seja absurdo. O bom Deus dos filósofos chamou a esta condição de causa de si, como se ele, o louco, tivesse sua causa no seu bolso, é por isso que ele é um louco (Lacan, 1967, p. 13. Tradução nossa).

Lacan afirma, portanto, que o objeto *a* é o objeto causa do desejo (1962-63, p. 120). Como vimos, se o falo (-fi) é o que é cortado da imagem especular e se apresenta como falta, o objeto *a* é o que, como resto, apresenta-se como objeto na constituição do sujeito. Esse movimento que transforma a falta em um objeto que insiste em se fazer presente é o que, justamente, causa o desejo. Desse modo, o desejo é, por excelência, um movimento sempre incompleto. Aquilo que ele persegue nunca será plenamente encontrado, mas sustenta a procura. Esse encontro nunca se dá, pois o objeto do desejo é perdido. Trata-se do pequeno objeto, que fala do mais íntimo do sujeito, mas está fora de cena. A causa do desejo, aquilo que movimenta a pulsão, é um objeto que nunca será encontrado, é um objeto perdido: esse é o paradoxo do desejo.

Entretanto, na citação acima, Lacan diz que o louco tem a causa no bolso. A causa do desejo não é, então, se podemos assim dizer, um objeto totalmente perdido. Esse objeto pode estar no bolso. O que Lacan parece nos dizer aqui?

No campo da neurose, o objeto *a* parece ganhar a condição de objeto justamente porque ele se apresenta como resto da imagem especular. Como resto, ele não é mais “sujeito” e sim “objeto” – um objeto peculiar, claro, já que ele é marca do sujeito. No entanto, na psicose, parece que o objeto *a* não é um objeto totalmente cortado da imagem especular. Ele está meio dentro, meio fora... No bolso. O objeto caiu da imagem, mas, vamos dizer assim, não caiu no chão; não é totalmente objeto, todo cortado da imagem, mas está no bolso. Está nesse curioso lugar, que não é do corpo, mas não é o chão. O objeto cai como em uma cambalhota; há uma perda incompleta. Isso faz desse objeto *a* um corte diferente da imagem especular.

Sem ter a presença dessa falta, a imagem é, então, sem mediação; fica mais chapada, mais concreta. Seguindo a citação de Lacan, se o sujeito não está no lugar do Outro, se ele não existe a partir de uma referência terceira que o reafirma como ser, ele pode ser algo muito instável, facilmente tomado pelo Outro. Se não houver nada que ratifique nossa imagem, ela pode ser engolida pelo mundo. Constatamos isso com as vivências comuns na experiência persecutória do paranoico e na fragmentação corporal do esquizofrênico: “A paranóia é um grude imaginário. É a voz que sonoriza, o olhar que se faz prevalente, é o caso de um congelamento de um desejo” (Lacan, 1974, p. 128 e p. 129).

É importante, contudo, a partir da citação do *Breve discurso aos psiquiatras* (1967), lermos a psicose, não apenas com um olhar patologizante, mas, sim, como o

próprio Lacan diz, ver o louco como um ser livre. Ele é livre porque, diferente do neurótico, não se aprisiona à crença de ter um corpo dado de antemão, crença essa que sustenta um “eu sou”. Com Freud e Lacan vimos que o corpo não existe *a priori*, isso está dado para todos nós, ele é uma construção simbólica. A diferença entre o neurótico e o psicótico é que o primeiro se aprisiona a essa certeza e o segundo não. A crença nessa unidade corporal absoluta dá ao sujeito neurótico uma sensação de segurança, mas ao mesmo tempo limita sua liberdade: até onde é possível ir com esse corpo? Há toda uma soma de mecanismos de defesa que serão usados para que essa certeza não se perca mesmo quando as manifestações do inconsciente se imponham e coloquem em xeque esse corpo unitário. Um bom exemplo disso é a relação com a dor física. Diante de uma queda, uma ferida, uma contusão o sujeito chora. Essa dor é muito mais do que um fenômeno fisiológico. Também se chora para se ratificar que naquele momento algo da unidade foi colocado em xeque e que isso gera desespero, mas que ao mesmo tempo é preciso que essa unidade seja reestabelecida. É por isso que se chora, se pede ao outro, de forma inconsciente, o reconhecimento de que está tudo bem, o corpo unidade continua lá mesmo diante do ocorrido. Entretanto, o psicótico parece ser aquele que não crê na existência desse corpo *a priori* e terá uma outra relação com esse corpo. Sem buscar tanto o reconhecimento do outro constrói seu corpo mais de acordo com os desejos do Id, cria seu corpo, sem tantas limitações como nos diz Freud, “O ego cria, autocraticamente, um novo mundo externo e interno (...) de acordo com os impulsos desejosos do id” (Freud, 1924, p.191). Trata-se, portanto, de um ser livre do que? Livre dessa crença. Da crença de que o corpo está dado de antemão e precisa ser ratificado pelo outro sempre que algo dessa certeza é colocada em xeque. Ao invés de buscar essa ratificação o psicótico faz desses pedaços de corpo sua invenção. Do que foge à unidade, sua relação peculiar com a linguagem, destes cacos uma bricolagem, destes restos uma escrita. Para falarmos sobre esse trabalho de criação de um corpo que não passa pela crença do neurótico, mas por esse trabalho de escrita de um corpo a partir daquilo que escapa a imagem especular, dos restos da própria linguagem, recorreremos ao conceito de letra em Lacan.

Nossa aposta é de que, normalmente, a linguagem só se estabelece porque existe algo de comum na língua. Há de haver algo na língua que atravesse um sentido comum. Mas, e se existisse uma linguagem que estruturasse uma certa comunicação, que não passasse por sentidos preestabelecidos de uma língua comum? E se fosse possível

transmitir algo ao outro sem fechar o sentido das frases e palavras? E se houvesse uma língua que apenas lambesse o sentido? E se fosse possível transmitir algo ao outro sem fechar o sentido das frases e das palavras, mas que essa língua apenas lambesse o sentido? E se as palavras não perseguissem a linearidade da constituição de suas frases, a construção de sentido que permite a continuação da frase seguinte, sustentando a palavra sempre no campo das representações (como é o caso do significante)?

A essa linguagem, Lacan deu o nome de lalíngua (*lalangue*). A essa palavra, diferente do significante, deu o nome de letra. No próximo capítulo, central para esta tese, buscaremos discutir como essa linguagem e essas palavras se apresentam no campo da psicose. Mais especificamente falando: como se constrói esse corpo psicótico que, em alguns casos, não passa pela referência fálica que sustente uma linguagem comum, nem um jogo de palavras submetidas às exigências do Outro? Se a função da linguagem é transmitir algo ao outro, seria possível uma transmissão que não passasse pelo sentido? Será que é possível absorver o que se transmite sem ter que entender sentido algum? Ou, talvez, quase nenhum? E, ao mesmo tempo, seria possível haver uma escuta que acolhesse e respondesse a essa linguagem, sustentando essa mesma estrutura?

Quando pensamos em uma linguagem que diz alguma coisa sem quase passar pelo sentido, remetemo-nos aos testemunhos de fim de análise. Os *relatos de passe*⁹ demonstram que algumas palavras que aparecem no final de uma análise, sem ter quase sentido algum, marcam, na verdade, o que há de absolutamente mais singular do sujeito. No próximo capítulo, vamos desenvolver a hipótese de que existem alguns sujeitos que fazem, desses restos de palavra, o material de base de sua linguagem. Para passarmos ao terceiro capítulo, fecharemos o segundo com uma citação de Éric Laurent sobre as relações entre a letra, a escrita e lalíngua:

A letra não é impressão de um traço (...). Longe de ser instrumento destinado a anotar o discurso, a letra é perturbação no discurso. Ela é própria para fazer aparecer não a transcrição da fala, e sim o que se diz nas entrelinhas, o que se recusa ao dito explícito

⁹ Ao criar sua Escola, Lacan fundou, como um dos nortes da formação do analista, o dispositivo do passe. O passe é uma experiência em que o analisante, ao terminar sua análise, submete a esse dispositivo de Escola um relato sobre seu momento de conclusão, com a finalidade de transmitir, institucionalmente, sobre o percurso de sua análise, e fazer, assim, sua passagem para a posição de analista. Nestes relatos, é muito frequente encontrarmos a transmissão viva de como pode se manipular a linguagem, prescindindo, por vezes, do campo do sentido.

(...). A letra é *perturbação lógica* e a escrita, para Lacan, o sistema de notação das perturbações da língua, do fato de que a língua escapa à linguagem, e que há sempre, no que se diz, o que fica reservado, o que não chega a se dizer e que, no entanto, se escuta (*entend*). A escrita permite levar isso em conta. Se ela parece mais propícia a dizer o íntimo, não é porque é primeira, mas sim porque pode notar o indizível. Essa perspectiva, portanto, ao mesmo tempo recusa a “impressão primeira” e anuncia a língua (Laurent, 2016, p. 26 e p. 27).

3. O conceito de letra e a construção do corpo na psicose

Neste capítulo, inicialmente, buscaremos definir o conceito de letra, em Lacan, a partir do que o autor desenvolveu em seu ensino. Contaremos também com o auxílio de alguns autores contemporâneos que se dedicaram a este tema.

Para iniciar a análise da noção de letra, vale lembrar o conceito de significante. Para Lacan, o significante e a letra são diferentes. Dentro deste percurso, traremos também a definição inicial que Lacan dá à psicose, indicando que ela se estrutura pela falta de um significante primordial (1955-56). Em seguida, examinaremos a diferença entre o conceito de letra como resto e letra como trama. Tal diferença se apresenta, tanto em uma passagem encontrada no primeiro ensino de Lacan, no texto “O Seminário sobre ‘A carta roubada’” (1955), como no seu último ensino, principalmente em seu *Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976). Essa passagem é feita, fundamentalmente, a partir do jogo que a língua francesa permite com a palavra *lettre*, que quer dizer, tanto letra, como carta. Para isso, retomaremos a discussão trazida por Lacan sobre a teoria borromeana, e algumas aproximações com o campo da matemática, que lhe permitiram precisar os conceitos de real, simbólico e imaginário. No segundo tempo, então, vamos nos debruçar sobre o *Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976), onde Lacan recorre a uma discussão sobre a escrita de James Joyce, escritor que apresentava uma relação muito peculiar com a escrita e com o corpo, ajudando a pensar as especificidades do corpo na psicose.

Por fim, traremos algumas contribuições que nos ajudem a pensar a especificidade da relação que alguns psicóticos parecem ter (parecem, já que essa é a hipótese desta tese) com a linguagem, que lhes permite transmitir ao outro algo que está quase totalmente fora do sentido. Trata-se da transmissão de uma mensagem que não se passa dentro de um discurso linear, como se dá no jogo representativo do campo dos significantes, mas na perturbação do discurso, estruturado pela função que parece exercer o conceito de letra. Para sustentarmos a hipótese desta tese de doutorado, buscaremos trazer algumas breves articulações entre os conceitos de letra, escrita, e língua, trabalhados por Lacan e retomados por autores contemporâneos.

3.1 Sobre o conceito de significante e sua inscrição no campo da psicose

Neste subcapítulo, apresentamos o conceito de significante para pensarmos a função do delírio como suplência à forclusão do significante Nome-do-Pai, permitindo que outra falta venha se fazer presente no lugar do falo (-fi), possibilitando que o corpo construído não seja chapado e sim mediado por uma relação com o Outro.

3.1.1. Sobre o significante

O conceito de letra, em Lacan, passa por um longo percurso e tende a sofrer a demarcação de diferenças e aproximações entre ele e, fundamentalmente, o conceito de significante – cujo percurso, no ensino lacaniano, é ainda mais denso. O conceito de significante se apoia, por excelência, em toda a dedicação de Lacan ao campo da linguística. Mais à frente, no que ficou conhecido como o último ensino de Lacan, o autor vai se distanciando da linguística e mergulhando no campo da matemática – apesar da matemática estar presente no ensino de Lacan desde o início. Neste campo, o psicanalista desenvolve toda a discussão sobre o conceito da letra. Como ele diz: “A escrita me interessa, posto que é por meio desses pedacinhos de escrita que, historicamente, entramos no real, a saber, que paramos de imaginar. A escrita de letrinhas matemáticas é o que suporta o real” (Lacan, 1975-76, p. 66).

Nessa citação, podemos localizar o interesse de Lacan pela matemática. Trata-se da ciência que, por excelência, afasta-se do imaginário e toca o real. Toca o real porque pode afirmar paradoxos que, sob a égide do imaginário, cristalizam-se na impossibilidade de transmissão, como vimos, por exemplo, no esquema do buquê invertido, no capítulo anterior – ainda que se trate de um fenômeno referente ao campo da física, a ótica geométrica está atravessada pelo campo da matemática.

Para chegarmos ao conceito de letra e tocarmos o campo da matemática, trilharemos, antes, um pequeno percurso sobre o conceito de significante e algumas referências sobre o campo da linguística. Ao desenvolver sua teoria sobre o significante, Lacan se apoiou – e subverteu, em parte, como veremos mais à frente – em um dos mais reconhecidos linguistas da época, Ferdinand de Saussure.

Saussure traz uma grande discussão sobre o significante em seu importante livro *A natureza do signo linguístico* (1970). O autor demarca as relações entre o signo, o

significado e o significante. Ele divide o signo linguístico em duas partes: o conceito e a imagem acústica:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreeinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho do nosso sentido (Saussure, 1970, p. 80).

O conceito será chamado, por Saussure, de significado, e a imagem acústica, de significante. Aqui, já podemos demarcar uma primeira diferença entre o significante e a letra. O significante é uma impressão psíquica. Como vimos com Laurent, “a letra não é a impressão de um traço” (Laurent, 2016, p. 26). Retomemos, aqui, Saussure e a citação em que faz essa passagem: “Propomo-nos a conservar o termo signo para designar o total, e a substituir conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante” (Saussure, *op. cit.*, p. 81).

Dando continuidade a este pensamento, Saussure traz a articulação mais importante entre o significando e o significante, aquela que será o material fundamental recortado por Lacan, em que o psicanalista vai se apoiar e, em seguida, subverter. Saussure postula que o significante é arbitrário ao significado, não havendo nenhuma relação natural entre os dois. Essa afirmação quebra um certo paradigma, haja vista que, no senso comum, o significante seria a impressão de algo que já estaria dado de antemão: um significado. Por exemplo, a palavra “banana” só existiria porque haveria uma fruta no mundo que, por “estar lá”, precisaria ganhar um nome. Para o senso comum, então, o significante seria consequência do significado. O linguista afirma, no entanto, que essa relação natural não existe. A palavra “banana” pode ter vários outros significados, dependendo do contexto no qual ela venha a se apresentar, sendo uma relação, desse modo, em última instância, arbitrária; “O laço que une o significante e o significado é arbitrário. (...) queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade” (*Ibidem*, p. 83).

Lacan vai dar um passo além, ao afirmar que, mais do que arbitrário ao significado, o significante é primeiro: “o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido” (Lacan, 1957, p. 505). O autor cita como exemplo a experiência do nome próprio. O sujeito, antes de nascer, já tem um nome, e, portanto, quando ele chega

ao mundo, na verdade, o nome já estava lá. O ser enquanto instância imaginária ainda não veio (o significado), mas a marca que permite que ele chegue já estava lá, seu nome (o significante): “Também o sujeito, se pode perceber servo da linguagem, o é ainda mais de um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio” (*Ibidem*, p. 498).

Para aproximarmos, então, o campo da linguística à constituição do corpo, na psicose, como fez Lacan em seu *Seminário, livro 3: as psicoses* (1955-56), retomaremos a metáfora do Estádio do Espelho (1949) e seu aprofundamento no *Seminário, livro 10: a angústia* (1962-63). Como vimos no capítulo anterior, há algo que se perde, que é rasgado da imagem especular e que se apresenta como falta (-fi). Essa falta fundamental que se apresenta na metáfora em questão, Lacan trará para o campo da linguística como o significante primordial. Se, na psicose, falta ao sujeito a referência fálica, se algo não cai, fica “no bolso”, no campo da linguística, Lacan afirmará que, na psicose, falta ao sujeito um significante primordial, como veremos a seguir.

3.1.2. A falta do significante primordial na psicose

No *Seminário, livro 3: as psicoses* (1955-56) e no texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1957-58/1998), Lacan desenvolve uma articulação teórica sob a égide da linguística, em especial a partir do conceito de significante, para definir as bases da estrutura psicótica e sua diferença fundamental para com a neurose. Sua afirmação de base vem ao encontro de toda a discussão trilhada aqui quanto à função do falo (-fi). Na neurose, o falo (-fi) se apresenta como uma falta, aquilo que é cortado da imagem especular e permite ao sujeito a constituição de uma unidade corporal, mediada pelo universo simbólico. No campo da psicose, falta ao sujeito o falo (-fi), situação cujas consequências já vimos no capítulo anterior. No campo da linguística, portanto, Lacan traz o falo à condição de significante, mais precisamente, à condição de significante primordial. Dito de outro modo, na psicose, falta ao sujeito o significante primordial.

A partir desse significante, disso que instaura uma falta, estrutura-se uma distinção entre o dentro e o fora, o mundo interno e o mundo externo, produzindo uma divisão subjetiva. Podemos dizer que essa operação é equivalente ao que Freud denominou *Verdrängung*, o recalque. Quando falta ao sujeito esse significante

primordial, quando alguma coisa não se instaura no campo do recalque, a distinção entre o dentro e fora se mostra falha. Algo desse dentro se apresenta fora, algo do fora se apresenta dentro, com se pode perceber nas experiências da perseguição paranoica e de alucinação esquizofrênica.

A essa falha, Freud deu o nome de *Verwerfung*, termo traduzido, na edição da Editora Imago das Obras Completas de Sigmund Freud, como rejeição¹⁰. Lacan dirá se tratar de uma rejeição do significante primordial.

Do que se trata quando falo da *verwerfung*? Trata-se da rejeição de um significante primordial em trevas exteriores, significante que faltará desde então nesse nível. Eis o mecanismo fundamental que suponho na base da paranoia. Trata-se de um processo primordial de exclusão de um dentro primitivo, que não é o dentro do corpo, mas aquele de um primeiro corpo de significante (Lacan, 1956-57, p. 174).

A essa *Verwerfung* freudiana, a essa rejeição de um significante, Lacan deu o nome de foraclusão do Nome-do-Pai. Como faz Lacan, muitas vezes, aqui, ele recorre a uma especificidade da língua francesa. Em muitas situações, em francês, existem palavras que se escrevem de maneiras diferentes mas que se pronunciam de maneira absolutamente igual. Nome-do-Pai (*Nom-du-Père*) permite esse jogo com as palavras. Se, ao invés de se escrever, apenas se ouvir a pronúncia da expressão, é possível ouvir também o *Non-du-Père*. O Nome-do-Pai pode ser escutado, então, tanto como o *nome* do pai, como o *não* do pai. O Nome-do-Pai pode ter essa função que determinamos quando afirmamos que o significante antecede o significado. Antes de nascer, tem um nome que já está lá – em português, diríamos que é um sobrenome. Ao mesmo tempo, ele é o *não do pai* por se tratar daquilo que instaura um limite; marca um ponto que, dentro do jogo significante, distingue o dentro e o fora, o interno e o externo. Trata-se, então, na psicose, da foraclusão do significante Nome-do-Pai: “A *verwerfung* será tida por nós, portanto, como a foraclusão do significante Nome-do-Pai” (Lacan, 1957-58, p.

¹⁰ As Obras Completas de Freud tiveram mais de uma tradução para o português. A mais conhecida é a da Editora Imago. No texto “As neuropsicoses de defesa” (1894), Freud traz uma discussão sobre a relação entre as ideias e os afetos, e a diferença dessas relações no campo da histeria, da neurose obsessiva, e o que inicialmente ele chama de “psicoses alucinatórias”. A citação em que ele se remete a *Verwirft*, conjugação verbal ligada ao substantivo *Verwerfung*, é a seguinte “Aqui, o ego *rejeita* [grifo nosso] a ideia incompatível juntamente com seu afeto e comporta-se como se a ideia jamais lhe tivesse ocorrido. Mas a partir do momento em que o tenha conseguido, o sujeito encontra-se numa psicose, que só pode ser qualificada como ‘confusão alucinatória’ [grifo de Freud]” (Freud, 1894, p. 71). A palavra “rejeita”, em alemão, é *verwirft*, que vem da *Verwerfung*. Assim como Freud marca que “o ego rejeita a ideia incompatível juntamente com seu afeto”, Lacan, em seu retorno a Freud, marcará que há a rejeição de um significante primordial, desenvolvendo toda a discussão sobre a psicose a partir do conceito da *Verwerfung* que, mais à frente, será chamada de foraclusão do significante Nome-do-Pai.

564). Esse conceito servirá como base para distinção estrutural entre a psicose e a neurose:

É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, como a estrutura que a separa da neurose (Lacan, 1957-58, p. 582).

Até aqui, Lacan nos mostra as diferenças estruturais entre a neurose e a psicose e as características fundamentais que demarcam a estrutura psicótica. Continuando esse percurso, buscaremos, agora, mostrar quais são as saídas que o psicótico costuma dar para se haver com a ausência do significante Nome-do-Pai. Serão, fundamentalmente, duas saídas. Em primeiro lugar, a mais conhecida em psicanálise e demarcada neste subcapítulo, o delírio. Em segundo, um recurso que não passa pelo sentido estabelecido pelo delírio, mas pelas marcas que os restos de palavras, numa perturbação do discurso, vão estabelecendo, a partir de uma relação peculiar com a linguagem e um trabalho de bricolagem que possibilita a construção de um corpo.

No que tange ao campo do delírio, aprendemos, com Freud, que essa saída psicótica assume a responsabilidade de mediar a relação entre o Eu e o mundo externo, já que a instância que deveria assumir esse lugar não se encontra lá: “O delírio se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo” (Freud, 1924, p. 191). Sendo assim, Freud deu o passo fundamental para o desenvolvimento da clínica das psicoses ao afirmar que o delírio não é uma patologia, mas sim uma tentativa de cura, um processo de reconstrução: “No quadro clínico das psicoses, as manifestações do processo patogênico são amiúde recobertas por manifestações de uma tentativa de cura ou uma reconstrução” (*Ibidem*, p. 191).

Lacan traz a discussão freudiana para a ótica do significante e marca, com isso, o trabalho de reconstrução que o psicótico faz, desde seu desencadeamento até a chegada do delírio, assumindo sua função:

É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início a cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizem na metáfora delirante (Lacan, 1957-58, p. 584).

Como vimos, Lacan indica, nesse momento do seu primeiro ensino, as características de base da estrutura psicótica e, em seguida, a função do delírio como tentativa de suprir a falta do significante primordial, criando uma outra relação possível com o mundo externo, com o campo do Outro.

Na continuação deste capítulo, seguiremos sustentando a hipótese de que há outro recurso para o sujeito psicótico se haver com a linguagem, se haver com o Outro. Este recurso não passa pelo sentido do delírio, mas por algo do não-sentido, do campo da letra.

Nessa passagem do delírio schreberiano à escrita joyceana, Lacan fará uma virada em seu ensino, uma passagem do estudo do campo da linguística ao mergulho no universo da matemática, como diz o próprio autor, em seu escrito “Lituraterra”: “Aqui meu ensino pode ser situado numa mudança de configuração (...), um deslocamento de interesses com que me afino melhor” (Lacan, 1971, p. 15). O mergulho de Lacan na matemática será realizado a partir de sua afinidade com diferentes campos dessa ciência. Para chegarmos ao nosso objetivo principal, que é desenvolver a reflexão sobre o conceito de letra e suas relações com o corpo na psicose, parece importante, antes, construirmos um pequeno desenvolvimento sobre um percurso trilhado por Lacan para chegar à letra, tal como aparece em seu último ensino. Neste momento, a discussão sobre os conceitos de imaginário, simbólico e real chegam à perspectiva da teoria dos nós borromeanos, noção pertencente a um dos campos da matemática, a topologia.

Em seguida, discutiremos a definição de Lacan sobre o conceito de letra, inicialmente, a partir da diferença entre letra como resto, em seu primeiro ensino, e letra como trama, trama de cordas, na teoria borromeana.

Por fim, chegaremos às contribuições dos estudos de Lacan sobre Joyce, e o que, da escrita singular deste artista, podemos desenvolver junto com a hipótese de outra relação com a linguagem que pode permitir ao psicótico escrever um corpo.

3.2 Sobre os conceitos de imaginário, simbólico e real

Para nos debruçarmos sobre o conceito de letra e toda a aproximação de Lacan à matemática do *Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-1976), buscaremos, antes, neste subcapítulo, definir os conceitos de real, simbólico e imaginário, tal como feito por Lacan de forma precisa no *Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974). Em seguida, abordaremos

o início de sua definição sobre o nó borromeano, um dos principais interesses de Lacan no campo da matemática.

Os conceitos de imaginário, simbólico e real acompanharam um longo percurso no ensino de Lacan. Desde seus primeiros *Seminários*, até o que ficou conhecido como o seu último ensino, estes conceitos foram trabalhados exaustivamente. Conforme o psicanalista se aprofunda no campo da matemática, ele busca trazer os três registros para serem pensados dentro do universo da topologia, em especial a partir da teoria do Nó de Borromeu.

O Nó de Borromeu se caracteriza por três círculos (Lacan trabalha com a ideia das “cordas de barbante”), que se amarram entre si de tal forma que, caso qualquer um dos três seja cortado, todos os outros caem. Diferente, por exemplo, do nó olímpico, onde há certa independência entre os nós. Lacan diz:

Só encontrei uma única forma de dar a estes três termos, Real, Simbólico e Imaginário, uma medida comum, que é enlaçando-os neste nó bobô...borromeano (...). Se de três vocês rompem um dos anéis, eles ficam livres todos os três, ou seja, os dois outros se soltam (Lacan, 1974, p. 6 e 7).

A partir disso, Lacan aprofunda a definição dos três registros. Trilharemos esse percurso com todo o cuidado – entre outros motivos porque o significado desses conceitos é muito diferente do significado que essas palavras possuem no senso comum. O imaginário lacaniano é muito mais do que a imaginação, o simbólico não é um símbolo e o real não é a realidade.

Lacan afirma que o imaginário pertence ao campo da consistência. O neurótico, por exemplo, acredita que tem um corpo. Essa crença é referida ao campo do imaginário. Ele dá consistência à ideia de unidade corporal, por mais que essa unidade fuja a todo o momento, como mostram as formações do inconsciente: “A consistência é mesmo como anunciei da última vez, da ordem do Imaginário” (*Ibidem*, p. 80). Ou, ainda: “Imaginário do corpo; o que se cogita (...) é, de certa maneira, o que o Imaginário retém como enraizado no corpo (...). O Imaginário é grudento” (*Ibidem*, p. 119).

Essa afirmação de Lacan é interessante, pois, ao dizer que o imaginário é grudento, ele traz essa sensação característica do ser humano de buscar sempre se apoiar

em certas verdades, de se prender a alguma certeza, algo que o inconsciente a toda hora fura, corta. Nossa tendência, contudo, é querer nos prender, grudar-nos a elas:

O falasser adora seu corpo, porque crê que o tem. Na realidade ele não tem, mas seu corpo é sua única consistência, consistência mental, é claro, pois seu corpo sai fora a todo instante (...). O corpo decerto não se evapora e, nesse sentido, ele é consistente, trata-se de fato constatado mesmo nos animais. É precisamente o que é antipático para a mentalidade, porque ela crê nisso, ter um corpo para adorar. É a raiz do imaginário (*Idem*, 1975-76, p. 64).

Entretanto, se há algo que tende a dar consistência ao corpo, há algo do inconsciente em suas manifestações que furam essas verdades, por exemplo, ao dizer o contrário do que se queria falar, num ato falho. Algo ali quebra uma certa consistência; algo se perde como verdade irrestrita naquele instante. A isso que é do campo do furo, do corte, que insiste em colocar em xeque certas verdades, Lacan deu o nome de simbólico: “o buraco é bem o que é da ordem do Simbólico que fundei a partir do significante” (*Idem*, 1974, p. 82). E o autor prossegue: “Freud refere-se à idéia de castração essencialmente dessa maneira, na qual a castração é uma transmissão manifestamente simbólica” (*Idem*, 1975-76, p. 83).

Se o imaginário pertence então ao campo da consistência e o simbólico da insistência de um furo no imaginário, o real pertence ao campo da *ex-sistência*. Trata-se de uma existência que não é imaginária, não é a crença na existência do corpo, mas a existência no campo do fora. Aquilo que, como vimos, escapa à imagem especular e, quando se impõe como objeto, produz angústia. É esse fora, o mais íntimo do sujeito, que Lacan vai nos mostrar ao afirmar que a angústia é sinal do real: “Do real, portanto, de uma forma irreduzível sob a qual esse real se apresenta na experiência, é disso que a angústia é sinal” (*Idem*, 1962-63, p. 178).

O real pertence, então, ao campo da *ex-sistência*, do fora do sentido, daquilo que toca o mais íntimo do sujeito, mas que não se pode pegar com as mãos: “Poder-se-ia dizer que o Real é o que é estritamente impensável” (*Idem*, 1974, p. 2). Ainda: “(...) a *ex-sistência* está, por relação a esta correspondência, da ordem do Real. Que a *ex-sistência* do nó é Real” (*Ibidem*, p. 80).

O real é, portanto, o que fala do mais íntimo do sujeito, ou o mais distante do sentido. Mas isso que é do campo do impensável é, ao mesmo tempo, algo fora da

linearidade do discurso, além do princípio do prazer, fora da consistência corporal: “O real não dá, forçosamente, prazer. É claro que, nesse âmbito, distorço alguma coisa de Freud. Procuro ressaltar que o gozo é do real (...). O masoquismo é o ápice do gozo dado pelo real” (*Idem*, 1975-76, p. 76). Ou: “A pulsão de morte é o real na medida em que ele só pode ser pensado como impossível” (*Ibidem*, p. 121). Ou, ainda: “O real é sem lei. O verdadeiro real implica a ausência de lei. O real não tem ordem” (*Ibidem*, p. 133).

Se o imaginário é do campo da consistência e do corpo, o simbólico da insistência e do furo, o real da ex-sistência e do impensável, Lacan vai nos mostrar que esses conceitos só existem articulados entre si, num jogo de amarrações:

Podemos, então, atualmente, sob uma forma interrogativa, pôr aqui o buraco com um ponto de interrogação e não outra coisa. Está aqui em questão o que é Simbólico, enquanto que aqui o Real, é a ex-sistência, e que a consistência é aqui correspondente ao Imaginário (*Idem*, 1974, p. 82).

Só encontrei uma única forma de dar a estes três termos, Real, Simbólico e Imaginário, uma medida comum, que é enlaçando-os neste nó bobô...borromeano. (...) Se de três vocês rompem um dos anéis, eles ficam livres todos os três, ou seja, os dois outros se soltam (*Ibidem*, p. 6 e 7).

Em seu *Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974), portanto, como vimos, Lacan traz toda uma discussão sobre a definição dos conceitos de imaginário, simbólico e real, a partir da teoria borromeana. Nos anos seguintes, em seu *Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-76), como veremos a seguir, o psicanalista vai dar continuidade a esse trabalho, tendo como referência as reflexões sobre a obra de James Joyce.

Neste *Seminário*, Lacan desenvolve a discussão sobre a forma singular como Joyce lida com a escrita e com o seu corpo, sobre a maneira muito peculiar como se articulam os três registros para Joyce. Esta relação de Joyce com a escrita e o corpo, trabalhada por Lacan, pode nos ajudar a pensar sobre a relação do psicótico com o corpo e suas possíveis formas de se inscrever no campo do Outro, sem passar pela referência fálica, mas a partir de um jogo com as letras – letras essas que trabalharemos aos poucos e mostraremos que, para Lacan, podem ser bem mais do que as letras do alfabeto.

Para chegarmos a este ponto, marcaremos as diferenças fundamentais que a letra apresenta no primeiro e último ensino de Lacan. Primeiramente, a letra como resto e, em seguida, a letra como trama.

3.3 Da letra-resto à letra-trama

Neste subcapítulo, é desenvolvida uma discussão sobre o conceito de letra, em Lacan, desde a letra como resto, característica do objeto *a*, à letra como trama, amarração, costura, mais presente no momento da teoria borromeana e no texto “Lituraterra” (1971).

O conceito de letra como resto se apresenta em alguns textos de Lacan, principalmente em “O Seminário sobre ‘A carta roubada’” (1955) e “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957). Aqui, a letra/carta aparece como uma perda, uma ausência, uma falta, marcando uma aproximação maior entre os conceitos de letra e de significante, como vimos anteriormente.

O conceito de letra como trama, amarração, costura, aproxima-se mais àquilo que ficou conhecido como o último ensino de Lacan, em suas discussões sobre a teoria do nó borromeano e suas articulações entre real, simbólico e imaginário. Além disso, seu texto “Lituraterra” (1971) apresenta uma discussão a partir das ideias de borda, litoral, literal, entre outras. Discussão essa que vai afastando a letra do conceito de falo (-fi) e objeto *a*, quando é trabalhada pelo viés da falta, como símbolo da ausência, para trazê-la à ideia de inscrição de bordas, amarrações, litorais. Introduziremos, inicialmente, a discussão sobre a letra como resto para, então, entrarmos no campo da letra como trama.

3.3.1. Letra como resto e suas relações com o conceito de significante

O conceito de letra passa por um longo percurso no ensino de Lacan. Como característica marcante de seu trabalho de transmissão, seja em seus *Seminários* ou em seus escritos, o psicanalista joga com as palavras. Isso acontece principalmente através de um recurso específico que a língua francesa oferece. Em francês, existem muitas palavras que se escrevem de forma diferente, mas se pronunciam de forma absolutamente igual. Ou seja, uma mesma palavra possui dois significados. Com isso, jogando com os fonemas, é possível criar, por exemplo, duplos sentidos com as palavras. A palavra *lettre*, em francês, tem dois significados: pode ser usada como carta e como letra, dependendo do contexto da frase.

A primeira apreensão do conceito de letra parece nascer no texto “O Seminário sobre ‘A carta roubada’” (1955), no qual Lacan desenvolve uma reflexão sobre o conto,

A carta roubada (1844), de Edgar Allan Poe, e introduz, partir daí, uma discussão sobre os conceitos de significante e letra. Resumidamente, a história escrita por Poe se passa em uma cena atravessada, fundamentalmente, por um jogo de olhares – circunstância esta que Lacan sublinha como sendo muito importante.

Na história, uma Rainha estaria recebendo algumas cartas e, ao se deparar com uma carta em especial, apresenta um olhar de incômodo, surpresa, como se ninguém pudesse vê-la, principalmente o Rei. No entanto, ao manifestar seu incômodo através de seu olhar, esse olhar é capturado pelo Ministro que, ao perceber a grande importância que a carta tem, coloca outra carta em seu lugar e rouba a original para si. Apesar das outras articulações apresentadas na história e seu desfecho final, essa cena já é suficiente para introduzirmos a reflexão que nos interessa.

O Ministro assume uma relação de poder sobre a Rainha, através de uma carta que ele furtou, mesmo que ela nunca tenha sido aberta. Ou seja, há algo de um poder que se constrói, a partir de um jogo de olhares. A importância da carta não foi percebida pelo conteúdo dela, mas pelo olhar que a Rainha direcionou a ela. Lacan observará que o conteúdo da carta, seu sentido, pertence ao campo do significado; mas o jogo de olhares que se estabelece sobre a carta é do campo do significante:

Mas, quanto à carta/letra, quer a tomemos no sentido de elemento tipográfico, de epístolas ou daquilo que faz o letrado, diremos que o que se diz deve ser entendido *à letra*, que há *uma carta* à espera de vocês com o carteiro, ou que vocês têm cartas/letras – mas nunca que haja *de la lettre* em alguma parte, não importando a que título ela lhes diga respeito, nem que seja para designar a correspondência em atraso. Pois o significante é unidade por ser único, não sendo, por natureza, senão símbolo de uma ausência. E é por isso que não podemos dizer da carta/letra roubada que, à semelhança de outros objetos, ela deva estar *ou* não estar em algum lugar, mas sim que, diferentemente deles, ela estará *e* não estará onde estiver, onde quer que vá (Lacan, 1955, p. 27).

Diz Lacan, ainda: “Um *resto*, que analista algum há de desprezar, preparado como está para reter tudo o que é da alçada do significante” (*Ibidem*, p. 27). Como ensina o autor, não se trata de afirmar que a carta “deva estar *ou* não estar em algum lugar” (grifo nosso) e sim de que “ela estará *e* não estará onde estiver, onde quer que vá” (grifo nosso). Trabalhamos, portanto, com a palavra “ou”, quando um objeto está *ou* não está. Nesse caso, estaríamos trabalhando com um objeto concreto, objetivo, pertencente, no sentido lacaniano do termo, ao campo do imaginário. Um objeto que ganha consistência imaginária, ou está ou não está, pois sua estrutura é que ele pertence do campo do

sentido, ele tem um significado. Entretanto, quando esse objeto está *e* não está, ele sustenta um paradoxo. Ele está enquanto suporte material, mas não está enquanto sentido. Como o sentido da carta não importa, pois nunca foi lida, constatamos que seu valor está, não no conteúdo, mas no jogo de olhares estabelecido a partir da pura presença da carta. Sob esta perspectiva, a carta é a presença de uma ausência, uma ausência de sentido. Como símbolo de uma ausência, o significante se faz representar pela presença de uma falta.

Sob um primeiro olhar, no texto de Lacan, portanto, pode nos parecer que, aqui, ele trabalha apenas o conceito de significante, sendo a palavra *lettre* sinônimo de significante. De fato, não podemos dizer que, no texto em questão, ele diga mais do que isso, mas podemos recolher algumas de suas frases para fazermos articulações com as definições sobre a letra trazidas mais à frente em seu ensino.

Em seu texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957), Lacan sublinha que a letra é o suporte material do significante: “Designamos por letra esse suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (*Idem*, 1957, p. 498). O que seria, então, um suporte material? Essa é uma discussão fundamental para o objetivo desta tese. Voltemos à frase de Lacan em que ele sustenta seu paradoxo, quando se remete à carta (*lettre*): “ela estará *e* não estará onde estiver, onde quer que vá” (*Idem, op. cit.*, p.15). Trabalharemos essa frase a partir das duas definições de Lacan: a primeira, de que o significante é o “símbolo de uma ausência” (*Idem*, 1955, p. 27) e a segunda de que a letra é um “suporte material” (*Idem*, 1957, p. 498). Talvez possamos pensar que a carta está *e* não está porque ela está como suporte material, e não está porque é símbolo de uma ausência.

Nosso trabalho será mostrar que, a princípio, o sujeito costuma entrar na linguagem e estabelecer um discurso pelo campo do significante, por um universo de representações que falam nas entrelinhas, por um jogo de falas, por exemplo, sem palavras, mas de olhares. Algo que se diz sem dizer nada, que fala sem falar, eis o campo da representação, do significante. Nesse jogo, inscreve-se uma certa linearidade de um discurso.

Nossa aposta, aqui, entretanto, é que possam existir pessoas que não trabalham a partir da linearidade de um discurso, mas, por excelência, na perturbação do discurso. Voltando à metáfora da *Carta Roubada*, vamos tomar a liberdade de criar um novo

personagem no conto de Allan Poe. Diremos que ele é um artesão que trabalha no palácio da Rainha. Pode ser que as cartas que a Rainha sempre esconde venham de um mesmo tipo de envelope, de características em comum – o Ministro, ao roubar a carta, inclusive, fez questão de colocar no lugar outra com as mesmas características. Nosso artesão perturbador do discurso viria a roubar diversas cartas e fazer uma produção artística de colagens com essas cartas para expor no palácio. Todos acham a colagem bela, mas a Rainha se desespera ao se deparar com aquilo. Para ela, todos os seus segredos estão estampados naquela produção. Mas, na verdade, não há nada ali. É apenas um trabalho de bricolagem com um monte de pedaços de papel. A angústia da Rainha talvez seja maior diante da presença da arte do artesão do que com a ausência da Carta Roubada pelo Ministro.

Podemos dizer que o Ministro e o artesão transmitiam, basicamente, a mesma coisa à Rainha com suas respectivas intervenções. Mas o Ministro produziu o mal estar à Rainha a partir de uma intenção consciente, em um jogo de olhares, que construiu um jogo de representações que, por sua vez, inscreveu o símbolo de uma ausência: o significante, dentro de um discurso. O artesão, através de uma intervenção que nunca teve intenção consciente alguma, não representava simbolicamente nada, pois não havia jogo algum ali em questão. Apesar disso, sua arte trazia a rainha para algo ainda mais íntimo de seus segredos. Isso porque o significante, como representação, parece estabelecer ainda certa mediação com o real. Nesse caso, tratava-se do medo de alguma coisa mais palpável. Ao passo que a letra, enquanto suporte material, parece tocar mais de perto o real do sujeito, talvez a Rainha, diante daquela bricolagem, visse o sem sentido materialmente presente; o que todas as cartas falavam e não podia ser dito em um único traço.

Aqui, começamos a mostrar as diferenças entre letra e significante. Mas essas diferenças vão se tornando mais claras a cada momento em que Lacan se aproxima da teoria borromeana, com seu interesse pela matemática, como veremos em seguida.

3.3.2. Letra como trama, amarração, costura e suas relações com a teoria borromeana e o texto “Lituraterra”

Para nos aproximarmos do conceito de letra como trama, retomemos a discussão que fizemos sobre os conceitos de imaginário, simbólico e real, especialmente tal como

trabalhados no *Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974). Na articulação entre estes conceitos e a partir de sua aproximação com a matemática, Lacan vai aprofundando o conceito de letra. Em seu texto “Lituraterra” (1971), o autor retoma a distinção entre significante e letra, aprofundando a discussão do segundo conceito.

Como é possível verificar, no *Seminário, livro 22*, o simbólico é do campo do *furo*¹¹, algo que corta o sentido, a consistência imaginária. É o universo onde circulam os significantes: “A consistência é mesmo como anunciei da última vez, da ordem do Imaginário” (Lacan, 1974, p. 80); “Imaginário do corpo; o que se cogita (...) é, de certa maneira, o que o Imaginário retém como enraizado no corpo (...). O Imaginário é grudento” (*Ibidem*, p. 119); ou, ainda: “O buraco é bem o que é da ordem do Simbólico que fundei a partir do significante” (*Ibidem*, p. 82).

Nessa consistência imaginária, o sujeito crê que tem um corpo, estabelece uma sensação de controle, de saber sobre ele. Mas esse saber é a toda hora furado pelo significante, balançado por aquilo que, do pulsional, coloque em xeque suas certezas e saberes.

Como vimos, com Lacan, o significante instaura um furo no saber, um furo neste saber do sujeito sobre o corpo; furo nas certezas imaginárias. Em uma análise, por exemplo, o sujeito pode afirmar todas as suas certezas sobre sua relação com seu corpo, mas, no ato falho, uma palavra mostra que seu desejo pode estar do lado oposto daquilo que ele sustenta no campo da consciência. Não por acaso, aquela palavra incomoda, produz um mal-estar, fato para o qual Freud fez questão de chamar a atenção e que Lacan, trazendo para o campo da linguística, outorgou à condição de significante.

No texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957), Lacan mostra que a letra é o suporte material do significante. Ou seja, aquilo que fura o saber (o significante) tem um suporte material. Passando deste texto a “Lituraterra” (1971), veremos que essa expressão, “suporte material”, vai ganhando outros nomes. De suporte material do significante, a letra se torna a borda do furo no saber: “é a letra (...) a borda do furo no saber” (Lacan, 1971, p. 18).

Se retomarmos a definição de Lacan de que o simbólico pertence ao campo do furo e que cabe ao significante furar o sentido, podemos supor que este “furo no saber”

¹¹ Palavra grifada porque, mais à frente, Lacan irá atribuir à função da letra a “borda do *furo* no saber” (Lacan, 1971, p. 18. Grifo nosso).

seria o próprio significante. O que seria, então, a “borda do furo no saber”? No jogo de palavras entre literatura e terra, em “Lituraterra” (1971), Lacan mostra que isso que vai deixando marcas na terra, vai, ao mesmo tempo, escrevendo um fora. O barranco, por exemplo, quando submetido à chuva, vai sendo desbastado, mas esse desbastar não traz a impressão de uma falta, uma perda, mas, simplesmente, a inscrição de um novo formato. De significante em significante, parece haver sempre alguma coisa que escapa totalmente ao sentido, que vai deixando marcas. Essas marcas são bordas. Elas nos dão a impressão de que algo é, mas não pela distinção entre o dentro e fora estabelecido pelo simbólico, pelo significante, mas por esses traços da letra, essas bordas. Retomando a metáfora em questão: quando a chuva desbasta o terreno, certamente o movimento de gerar buracos, essa força da chuva que desbasta o terreno, pertence ao campo do significante, mas o desenho que o terreno ganha, ali, é do campo da letra.

Talvez entremos, aqui, no que há de mais difícil na teoria sobre a letra. Isso porque é preciso entrar nas metáforas para pensar a teoria, mas também precisamos sair delas para não nos perdermos no campo do imaginário. Se esse desenho do terreno é do campo da letra, de certo, ele não é do campo do imaginário. Pois não é um desenho feito por alguém, com uma intenção, para poder dar nomes as coisas. É um desenho que, simplesmente, depois que o significante se impõe, ao nos depararmos com ele, ele está lá. Mas é um desenho especial, como diz Lacan; é uma borda. A borda, como sabemos, também demarca um certo dentro/fora, mas diferente daquele da castração, do universo simbólico. Como diz Lacan: “(...) o buraco é bem o que é da ordem do Simbólico que fundei a partir do significante” (*Idem*, 1974, p. 82). Ainda: “Freud refere-se à idéia de castração essencialmente dessa maneira, na qual a castração é uma transmissão manifestamente simbólica” (*Idem*, 1975-76, p. 83).

A letra parece ser uma borda que se encontra mais próxima do campo do real. Lacan marca essa diferença em “Lituraterra” (1971), recorrendo à metáfora do litoral. Entre o mar e a terra há uma divisão, mas como é possível precisamente demarcarmos onde ela está? Essa divisão, paradoxalmente, define um dentro em fora de maneira heterogênea e não de forma homogênea. O campo litoral, heterogêneo, que a letra desenha é diferente da divisão entre o que Freud chamou de mundo interior e mundo exterior, o campo do *Innenwelt* e *Umwelt* como nos diz Lacan:

A fronteira, com certeza, ao separar dois territórios, simboliza que eles são iguais para quem a transpõe, que há entre eles um denominador comum. Esse é o princípio do *Umwelt*, que produz um reflexo do *Innenwelt* (Lacan, 2003, p.18).

Segue Lacan, marcando a ausência desse denominador comum no que tange à letra:

Não é a letra...litoral, mais propriamente, ou seja, figurando que um campo inteiro serve de fornheira para o outro, por serem eles estrangeiros, a ponto de não serem recíprocos? A borda no furo do saber, não é isso que ela desenha? (*Ibid.*, p.18).

As bordas do furo do corpo erógeno freudiano parecem ser desenhadas, portanto, a partir dessa força pulsional, disso do real que vai fazendo esse corpo erógeno produzir furos, esse pulsional que sai por entre poros. Esse movimento que constrói furos vai transformando bordas nesse corpo. Ele vai ganhando um desenho, mas que não foi pintado pelas vontades conscientes do sujeito, mas pelas marcas deixadas pela coisa pulsional. Marcelo Azevedo vai marcar que esse jogo heterogêneo passa por uma relação entre o campo do real e do simbólico:

A letra talvez seja exatamente esse lugar pontual onde os heterogêneos se tocam e promovem uma experiência crucial, da qual alguns farão, com isso, *escrita*. A experiência de escrita seria, portanto, a própria costura: a tessitura de algo que se faz com o corpo, e no corpo, entre o *real* e o *simbólico*: uma trama com a qual se enreda o furo constitutivo, de onde qualquer tecido ulterior há de partir (Vieira; De Felice, 2018, p. 101).¹²

Nossa aposta aqui é, então, de que existem alguns sujeitos que fazem desses traços produzidos pelos efeitos da pulsão, dessas bordas do corpo, material de linguagem. Pois é certo que esse material toca no mais íntimo do sujeito, mas não passa pelo sentido. Para tentarmos sustentar que é possível existirem alguns sujeitos que usam dessas letras para escrever um corpo e se a ver com a linguagem, vamos recorrer à discussão trazida por Lacan sobre Joyce, no *Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-76), e um recorte de um caso clínico, em seguida. Como diz Azevedo:

Cabe enfatizarmos que se trata, talvez, de mostrar como a *letra* pode funcionar como um operador para pensar tanto a criação literária e artística, como também a clínica da psicose, na medida em que aponta para esse lugar limite onde *real* e *simbólico*

¹² Esta citação se refere ao livro “A arte da escrita cega: Jacques Lacan e a letra”, que nasceu de uma pesquisa coordenada pelo professor Marcus André Vieira, da PUC-Rio. A pesquisa intitulada: “A voz e os limites: aspectos de uma alteridade sem corpo na experiência analítica e na configuração subjetiva contemporânea” nasceu em 2014. Inicialmente introduzindo a discussão sobre o conceito de objeto *a* em Lacan em suas quatro vertentes: o objeto oral, anal, escópico e principalmente o objeto voz, até a passagem do conceito de objeto *a* à entrada na discussão sobre o conceito de letra, foco da pesquisa nesse momento.

coexistem conflituosamente (...) A *letra* é essa cicatriz que não se pode ler, mas com a qual empreendemos nossas escritas: alguns escreverão sintomas, outros farão análise, mas há aqueles que, diante da opacidade que esse lugar enreda, laboram, com sutileza, uma arte (Vieira; De Felice, 2018, p.102 e 103).

3.4 A construção do corpo a partir dos traços da letra

Neste subcapítulo, discutimos as contribuições do *Seminário, livro 23* e da escrita de Lacan sobre Joyce para a reflexão sobre como um corpo pode ganhar coesão corporal, mesmo não sendo ordenado a partir de uma falta simbólica, mas por um jogo de amarrações e costuras. Poderíamos aqui nos remeter a muitos outros casos além de Joyce, como o caso de Antonin Artaud¹³, por exemplo, que parece amarrar um corpo a partir de seu trabalho como escritor e diretor teatral, mas optamos por recorrer apenas a Joyce e o fragmento clínico, para não nos debruçarmos sobre exemplos de mais e correremos o risco de deixar esse trabalho muito abrangente perdendo seu objetivo principal que é buscar demonstrar nossa hipótese.

3.4.1. Uma passagem pelo conceito de lalíngua para chegarmos a Joyce

Para chegarmos às contribuições de Lacan e suas reflexões sobre a relação de Joyce com a linguagem e o corpo, parece importante retrocedermos, trazendo a discussão sobre a língua, a linguagem, e ao conceito que Lacan desenvolve e nomeia de lalíngua.

Quando Lacan demarca que o significante se antecipa ao sentido, que as palavras não têm significado *a priori*, ele traz algumas discussões de base fundamentais. Com Lacan, em seu mergulho na linguística, aprendemos que a comunicação, que parece existir de antemão, está sempre atravessada por falhas. Há sempre algo do dizer que não chega ao campo do outro. Portanto, a linguagem está sempre atravessada por um campo

¹³ Tuliola Almeida de Souza Lima nos fala um pouco sobre essa relação com o corpo construída por Artaud: “há nele uma tentativa sôfrega de reencontrar o corpo perdido, por meio do uso da linguagem, e também reencontrar suas próprias palavras. A representação proposta levaria a um afeto que incidisse também sobre o corpo: o teatro serviria, então, para relacionar a linguagem e o corpo, beneficiando-se da materialidade da primeira: “Essa linguagem objetiva e concreta do teatro serve para cercar, encerrar órgãos. Ela circula na sensibilidade” (ARTAUD, 1999 [1938], p. 103). Notemos que esta não era possível de ser alcançada pela representação comum, sendo, por isso, necessária a invenção de uma nova forma de representação. A função do teatro de Artaud seria estabelecer uma nova regra de ligação entre certas formas de linguagem - de uso das palavras - e certas formas de sensibilidade” (Lima, 2010).

de construções infinitas, de articulações entre significantes. Mas não há nem algo como uma comunicação exata, nem nada que esteja antes da linguagem – como tentam alguns campos do saber chamar de linguagem pré-verbal ou de metalinguagem. Não há raiz da linguagem, nem conclusão da comunicação. Ela só existe ali mesmo, no campo da representação, da cadeia, das articulações. Se existe algo primeiro no campo da linguagem, não se trata de algo anterior ao sujeito, mas talvez anterior ao sentido, algo que se transmite sem passar pela linearidade de um discurso: “A linguagem é uma elucubração de saber sobre lalíngua” (Lacan, 1973, p. 187). O autor diz ainda:

Se disse que não há metalinguagem, foi para dizer que a linguagem não existe. Não há senão suportes múltiplos da linguagem, que se chama de lalíngua, e o que se espera é que a análise, por uma suposição, chegue a desfazer pela fala o que foi feito pela fala (*Idem*, 1977).

Retomemos, portanto, a fala de Laurent:

A letra é *perturbação lógica* e a escrita, para Lacan, o sistema de notação das perturbações da língua, do fato de que a língua escapa à linguagem, e que há sempre, no que se diz, o que fica reservado, o que não chega a se dizer e que, no entanto, se escuta (*entend*) (Laurent, 2016, p.27).

Se a língua escapa à linguagem, se há algo que não se chega a dizer, mas se escuta, essa língua específica que sempre escapa à linguagem parece ser o que Lacan chamou de lalíngua. Tentemos, aqui, articular letra, escrita e lalíngua, a partir da articulação feita por Laurent em sua leitura de Lacan.

A letra, como diz Laurent, é perturbação do discurso, é um traço, uma marca, que mostra que o que vai se dizer ali não pertence ao campo da linearidade do discurso, das representações, do significante. Essas letras que vão perturbando o discurso mostram pertencer a um outro tipo de discurso, ao campo da escrita – uma escrita que é do campo das perturbações da língua. Essas letras vão formando uma escrita que pertence, então, a uma outra linguagem – aquela onde não se apresenta o jogo dos significantes, onde as representações estão fora de cena, onde o sentido não faz parte, mas que, mesmo sem dizer nada, nessa linguagem, algo do mais íntimo se escuta – trata-se de lalíngua. Uma letra que não é a do alfabeto, uma escrita que não é impressão, uma linguagem que não é a da comunicação, mas que o Outro escuta, lê, toca, mesmo

que o Eu imaginário não tenha dito nada. São conteúdos que, por não pertencerem a esse universo simbólico e imaginário, estão sempre no campo do fora, mas não estão totalmente desvinculados do discurso, mesmo que seja sempre a partir de uma posição de perturbação.

A afirmação de que essa linguagem do fora pode tocar algo de dentro é fundamental para podermos sustentar nossa hipótese de que essa linguagem não exclui o sujeito do social. Ela o coloca em um lugar muito peculiar, sem dúvida, mas sempre vai haver algo que o outro poderá escutar. Não é uma fala vazia, um dizer pra si mesmo; é apenas a sustentação de um paradoxo, algo que se faz escutar sem se dizer totalmente pelo sentido. Antes de entrarmos na escrita de Joyce, fiquemos com uma citação de Lacan que discute essa questão:

Uma escrita é, portanto, um fazer que dá suporte ao pensamento. Para dizer a verdade, o nó bo muda completamente o sentido da escrita. Ele dá à tal escrita uma autonomia, ainda mais notável por haver uma outra escrita, aquela que resulta do que se poderia ser chamado de uma precipitação do significante (...). A escrita em questão vem de um lugar diferente daquele do significante (Lacan, 1975-76, p. 140 e p. 141).

3.4.2. Sobre o corpo joyceano e sua relação com a escrita, em Lacan

A partir do *Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), momento de mudanças importantes no ensino de Lacan, quando foi expulso da IPA¹⁴, Jacques-Allain Miller assume a responsabilidade de transcrever os *Seminários* e escolher o nome de seus subcapítulos, bem como de seus escritos. No *Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975-76), Miller nomeia a lição V como: “Joyce era louco?”. Essa pergunta, naturalmente, interessa-nos de perto. Nosso objetivo, aqui, é trazer uma reflexão sobre o corpo na psicose, a partir das contribuições acerca do conceito de letra em Lacan. Considerando a importância que o *Seminário, livro 23* tem nesse trabalho de pesquisa, como afirmação absolutamente hipotética, nossa resposta à pergunta de Miller seria: sim, Joyce era psicótico. Entretanto, é preciso ressaltar que estamos pensando a

¹⁴ Nesta época, Lacan introduzia a discussão de conceitos novos como o objeto *a*, inovações clínicas como as sessões curtas, o tempo lógico, e o que ficou conhecido como o corte lacaniano – quando o analista termina a sessão a partir de uma fala importante do analisando e não a partir do tempo cronológico da sessão. A IPA, instituição de formação de analistas criada por Freud, não aceitava as mudanças de Lacan. A instituição decide então proibir Lacan a continuar sendo analista de pessoas que faziam a formação (conhecido na época como analista didata). Lacan não aceitou esta imposição e afirmou que, se não poderia continuar realizando sua prática na IPA, criaria sua própria Escola. Foi nesse momento que o psicanalista rompeu com a IPA e criou a Escola Freudiana de Paris.

psicose como uma forma de amarração e enodamento dos nós, proposta a partir do último ensino de Lacan, como vimos até aqui, e não a psicose do ponto de vista da psiquiatria, como o indivíduo que sofre de delírios e alucinações.

A sustentação dessa hipótese se estabelece, portanto, a partir dessas novas perspectivas que definem a diferença estrutural entre neurose e psicose diante das contribuições do último ensino de Lacan. Não se trata mais, apenas, do Nome-do-Pai, sim ou não, mas como se amarram os nós, como se estabelecem as amarrações entre o imaginário, o simbólico e o real. Jacques-Alain Miller nos ajuda nessa discussão:

Que tipo de distância diferencial há ente um lado e o outro? (...) Eis o problema do lado borromeano: onde está a oposição que satisfaria esse princípio lógico? É um problema (...). Do lado do binário clássico neurose-psicose, temos um traço distintivo pertinente, *Nome-do-Pai, sim ou não* (...). Em compensação (...) é mais difícil indicar precisamente qual é o elemento diferencial da segunda formalização (Miller, 1999, p. 104).

A partir de sua leitura sobre Lacan, Miller amplia a discussão sobre o tema e constrói hipóteses importantes, buscando nomear essa marcação que não será mais apenas dada pelo Nome-do-Pai:

Dito isso, pode-se, não obstante, construir uma oposição concernente ao segundo registro. Numa exposição, há vinte anos, na ocasião da Jornada dita dos Matemas, da Escola Freudiana de Paris, que dizia respeito ao ensinamento da apresentação de doentes de Lacan, eu opunha, se vocês estão lembrados, as doenças da mentalidade e as doenças do Outro (...), Guiando-me sobre isso, vou propor um traço diferencial: *ponto de capitonê, sim ou não* (*Ibidem*, p. 104).

Como vemos aqui, Miller apresenta esse percurso trilhado por Lacan, onde as diferenças entre a neurose e a psicose vão sendo vistas cada vez menos do ponto de vista da linguística estrutural e vão aparecendo de outra maneira, a partir da teoria dos nós, na discussão sobre a amarração entre imaginário, simbólico e real. Para isso, Miller marca que, a partir do último ensino de Lacan, o Nome-do-Pai não é mais a única referência, precisa ser generalizado:

É preciso generalizar o Nome-do-Pai. Este movimento está presente no ensino de Lacan. Tal como faço aqui sua inscrição, o ponto capitonê generaliza o Nome-do-Pai. Mas é uma abreviação: o ponto de capitonê em foco é menos um elemento do que sistema de atar, um aparelhamento fazendo ponto de capitonê, fivela, grampo. Quando

não aparece o ponto capitonê, dizemos que surgiu o fenômeno do nevoeiro, isolado por Hervé Castanet. A oposição pertinente, no fundo, é ponto capitonê ou nevoeiro, ficando entendido que entre um e outro, há toda uma gradação a ser estudada (*Ibidem*).

Como vemos, trata-se menos de um “elemento” (O Nome-do-Pai) e mais um “sistema de atar, um aparelhamento fazendo ponto de capitonê, fivela, grampo”. Essa leitura de Miller sobre Lacan se aproxima muito do que começamos a discutir desde o início desta tese, especialmente no que tange à questão do corpo. Trata-se muito menos de um “estar ou não sob a rés do recalque”, mas de levar em conta que existe algo anterior à inscrição do Nome-do-Pai, a que todos estamos submetidos – o que atravessa o autoerotismo freudiano. Não se trata, então, da inscrição ou não do Nome-do-Pai, mas que, diante da errância auto-erótica, existem aqueles que vão se organizar pela via do Nome-do-Pai e aqueles que darão nó com essas cordas soltas através de outros recursos:

Entendemos, assim, o que é a foraclusão: não é simplesmente o *não há, não há Nome-do-Pai*, mas sim uma rejeição *no* real (...). A consequência disso no modo generalizado da foraclusão (...) é que existe para o sujeito um sem nome, um indizível. A questão então é saber que função consegue domesticar esse sem nome. Dado que a rejeição do gozo se produz em todos os casos, a questão é saber o que a domestica. Pois bem, o sintoma leva a cabo a contenção (Miller, 1987, p. 31).

Em seu *Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974), Lacan já introduzia essa discussão, lembrando seu *Seminário* anterior sobre os *Nomes-do-Pai*. De certo, aqui, ele já se propõe a colocar em questão se só existe O Nome-do-Pai, ou se existem outras formas de se amarrar os registros, de se inscrever na linguagem, de se construir um corpo:

Certo é que, quando comecei a fazer o seminário dos ‘Nomes-do-Pai’ (...) e não o Nome-do-Pai, eu tinha algumas idéias da suplência. (...) é porque essa suplência é indispensável que ela tem vez: nosso Imaginário, nosso Simbólico e nosso Real estão talvez para cada um de nós ainda num estado de suficiente dissociação para que só o Nome-do-Pai faça nó borromeano e mantenha tudo isso junto, faça nó a partir do Simbólico, do Imaginário e do Real (*Idem*, 1974, p. 72).

Para não perdermos o objetivo principal desta tese e para não corrermos o risco de ampliar a discussão para uma quantidade grande demais de conceitos, não trabalharemos aqui, a fundo, o conceito de suplência em Lacan. Mas a citação acima já introduz esse posicionamento a partir de seu último ensino. “Os Nomes-do-Pai”, no

plural, parecem vir ao encontro dessa nossa discussão. Não há apenas “O Nome-do-Pai”, referência fálica que estrutura o sujeito neurótico, mas suplências múltiplas, que possibilitarão a construção e amarração de um corpo. O fragmento de caso clínico nos mostrará como essas suplências imaginárias e, também, certas marcas inscritas pelo campo da letra, assumem importante função de organização para o sujeito.

Ainda em seu primeiro ensino Lacan nos mostra como o sujeito psicótico consegue se estabilizar sem estar referenciado ao Nome-do-Pai, mas sim às suplências imaginárias que assumem um lugar de organização diante da falta do significante Nome-do-Pai no campo do simbólico:

Que se passa se uma certa falta se produz na função formadora do pai? (...) Suponhamos que essa situação comporte precisamente para o sujeito a impossibilidade de assumir a realização do significante pai ao nível simbólico. O que lhe resta? Resta-lhe a imagem a que se reduz a função paterna. É uma imagem que não se inscreve em nenhuma dialética triangular, mas cuja função de modelo, de alienação especular, dá ainda ao sujeito um ponto de enganchamento, e lhe permite apreender-se no plano imaginário (*Idem*, 1956, p.232 e 233)

Como podemos observar Lacan nos traz a discussão de como o psicótico constrói um corpo sem esse recurso fálico que instaura o campo da falta, que introduz a partir de um significante uma distinção entre o Eu e o Outro. É preciso que pelo menos no campo do imaginário haja a construção de uma certa imagem especular, mesmo que sem recursos simbólicos ela se mostre sem muito mediação para com o Outro. Ainda no mesmo texto se pergunta como o psicótico vai se a ver quando esse recurso imaginário se mostra insuficiente. Pergunta que nos interessa diretamente, quando pretendemos aqui fazer essa passagem dos recursos imaginários presentes nas suplências dos psicóticos à alguma coisa que pode amarrar os nós através dos traços da letra:

Essa verdadeira despossessão primitiva do significante, será preciso que o sujeito dela se encarregue e assuma a sua compensação, longamente, na vida, por uma série de identificações puramente conformistas a personagens que darão o sentimento do que é preciso fazer para ser um homem. É assim que a situação pode se sustentar durante muito tempo, que certos psicóticos vivem compensados, têm aparentemente os comportamentos comuns considerados como normalmente viris, e de uma só vez, misteriosamente, Deus sabe por quê, se descompensam. O que será que torna subitamente insuficiente as muletas imaginárias que permitem ao sujeito compensar a ausência do significante? Como o significante repões como tal suas exigências? Como o que é falho intervém e interroga? (*idem*, p.233)

Retomando a discussão desde o início do capítulo veremos que além Do Nome-do-Pai há então os Nomes-do-Pai, recursos outros, suplências que irão organizar o sujeito mesmo sem estarem referenciadas propriamente ao campo simbólico. Entretanto, num percurso do primeiro ao último ensino de Lacan, veremos que ele fará uma passagem dessas suplências imaginárias apoiadas na teoria dos significantes, à construção do conceito de Sinthoma a partir da teoria dos nós. Nessa passagem Lacan parece nos mostrar que os recursos criados pelo psicótico para construir um corpo podem ir além do campo das suplências imaginárias.

Mergulhando mais a fundo na teoria do nó borromeano, veremos que Lacan traz uma discussão fundamental que também parece vir ao encontro de nossa discussão inicial sobre o corpo, desde Freud. Assim como a experiência auto-erótica está dada para todos, e a construção de uma imagem corporal se dá *a posteriori*, parece que, do ponto de vista borromeano, os nós estão soltos para todos e, como serão amarrados, acontecerá de forma diferente para cada um. Para trazer essa discussão, Lacan introduz o conceito de *sinthoma*:

O Pai, como nome (...) é esse quarto elemento (...) sem o qual nada é possível no nó do simbólico, do imaginário e do real. Mas há um outro modo de chamá-lo. É nisso que o que diz respeito ao Nome-do-Pai, no grau em que Joyce testemunha isso, eu o revisto hoje com o que é conveniente chamar de *Sinthome* (*Idem*, 1975-76, p. 163).

Mergulhemos, então, na reflexão de Lacan sobre Joyce.

3.4.2.1. Uma questão sobre o corpo joyceano: a surra e o corpo-casca

James Joyce foi um importante escritor irlandês reconhecido no final de sua vida. Lacan foi um grande leitor de Joyce e pôde perceber que muitas de suas escritas falavam, através de seus personagens, sobre sua relação com seu corpo e a linguagem¹⁵.

¹⁵ É importante deixar claro que a discussão que será introduzida aqui sobre Joyce não atravessa uma leitura aprofundada sobre a obra joyceana. Em função da necessidade de definirmos nossa metodologia de pesquisa e de recortarmos o material a ser coletado, decidimos nos debruçar apenas sobre os escritos e *Seminários* de Lacan em que ele traz sua reflexão sobre Joyce, e de alguns autores contemporâneos que aprofundam a discussão lacaniana, e não da leitura propriamente dita dos livros escritos por James Joyce.

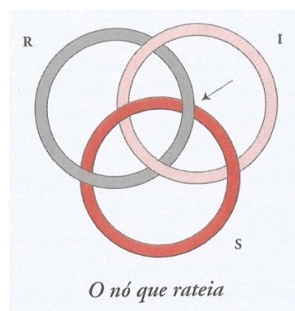
Seguindo nosso objetivo – o de trazer uma reflexão sobre a questão do corpo na psicose a partir do conceito de letra em Lacan –, vamos nos debruçar agora sobre a contribuição de Lacan ao falar da forma peculiar como Joyce lidava com o corpo. Lacan nos relata uma cena em que Joyce teria levado uma surra, mas, ao invés de reagir chorando, *demonstrando* dor e medo, ele teria vivido como se aquele corpo caísse como uma *casca*:

Quanto a Joyce, poderia ler para vocês uma confidência que ele nos fez em *Portrait of the Artist as a Young Man*. A propósito de Tenyson, de Byron, de coisas referentes a poetas, ele encontrou colegas para prendê-lo contra uma cerca de arame farpado e dar nele, James Joyce, uma surra (...). Depois dessa aventura, Joyce se interroga sobre o que fez com que, passada a coisa, ele não guardasse rancor. (...) ele metaforiza sua relação com seu corpo. Conta que todo o negócio se esvaiu, *como uma casca*, diz ele (*Ibidem*, p. 145).

Lacan se pergunta, então, o que levaria Joyce a responder dessa maneira à experiência vivida. Se o corpo costuma ser visto pelo sujeito como unidade, uma surra gera muita dor, fundamentalmente, porque dá ao sujeito a sensação de que algo dessa unidade se perdeu, algo foi ferido, cortado. Mas parece que Joyce não tinha propriamente uma exigência muito grande quanto à crença nessa unidade:

Se o ego é dito narcísico, é porque, em certo nível, há alguma coisa que suporta o corpo como imagem. No caso de Joyce, o fato de não haver interesse por essa imagem naquela ocasião não é o que assinala que o ego tem nele uma função particularíssima? E como escrever isso em meu nó bo? (*Ibidem*, p. 146).

Lacan recorre, então, ao campo da topologia, em específico ao nó borromeano, para tentar responder a essa pergunta. Como vimos, desde nossas discussões sobre o *Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974), Lacan aprofunda as relações entre o imaginário, o simbólico e o real. Segue pensando qual seria a peculiaridade da maneira como se articulam os três registros no caso de Joyce. Dentre os três registros, o imaginário é o que tem, por excelência, a função de demarcar a sensação de unidade corporal, da impressão de que se tem um corpo. Mas, caso falte ao sujeito a capacidade de amarrar o imaginário aos outros dois registros de forma borromeana, pode ser que algo dessa certeza corporal caia. Pode ser que caia o barbante do imaginário no nó de três, caia o corpo como casca:



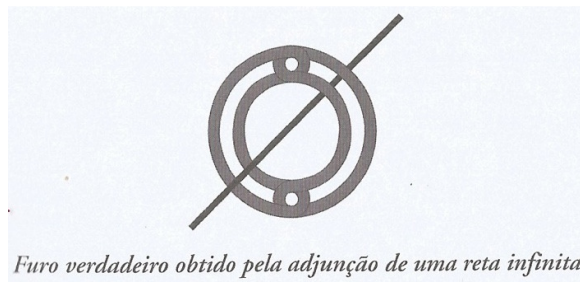
(Fonte: Lacan, 1975-76, p. 147).

Suponham que aqui onde faço tal indicação, a terceira rodinha passe por cima do grande R em vez de passar por baixo. Qual o resultado disso? Só resta ao grande I *cair fora*. Ele desliza, exatamente como o que acontece com Joyce depois de ter levado aquela surra. Ele desliza, a relação imaginária não acontece (*Ibidem*, p. 147. Grifo nosso).

Continuando essa reflexão sobre o corpo, Lacan se aprofunda no campo da topologia. Não mais na topologia de duas dimensões do jogo de barbantes do nó borromeano, mas do jogo de três dimensões das diferenças entre o círculo e o toro. O autor introduz, assim, a discussão sobre o falso e o verdadeiro furo, diferença fundamental entre o círculo e o toro.

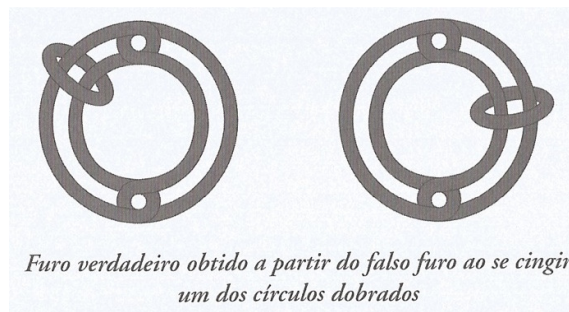
Sendo prudente com as consequências que pode ter o excesso imaginário, vamos recorrer aqui a algumas imagens ilustrando a discussão. Imaginemos que o círculo seja uma imagem redonda produzida numa folha de papel, e que um bom exemplo de um toro é uma boia de criança. Vamos, aqui, realizar um exercício imaginário. Imaginemos que o círculo que foi desenhado tem um tamanho específico. Esse círculo pode ser novamente desenhado, mas, agora, um pouco menor. Novamente, menor ainda. Agora, imaginemos que se possa diminuir ao máximo um círculo. E, então, no que ele se torna? Um ponto. Agora, tentemos exercer o mesmo trabalho com o toro, a boia de criança. Vamos fazer outra boia, igual, mas menor, que se possa continuar diminuindo-a também. É certo que, em algum momento, criança alguma caberá nela. Mas, por mais que se diminua seu tamanho, por mais que se tente fechar o toro, seu tamanho mínimo, ainda assim, sustenta um furo. É por isso que Lacan marca que há um falso furo e um verdadeiro furo. O furo do círculo é falso. Vemos, ali, um furo, mas apenas porque demos a esse círculo um tamanho que dá a impressão de buraco; mas ele é apenas uma reta que se fecha, uma ilusão de imagem, apenas o ponto de uma reta. Já o toro sustenta seu furo ao infinito.

O que faz furo aqui é o conjunto desses dois círculos dobrado sobre o outro. Mas isso é um falso furo. Para que tenhamos alguma coisa que possa ser qualificada como furo verdadeiro, é preciso enquadrar, cingir um desses círculos por alguma coisa, uma consistência que os faça ficar juntos, parecido com uma bolha de ar [*soufflure*], o que, em topologia, chamamos de toro. Pierre Siury – para chama-lo por seu nome, não sei se ele está aqui – o configurou muito bem (Lacan, 1975-76, p. 25).



(Fonte: Lacan, 1975-76, p. 25).

Isso é o mesmo que dizer que, para que o furo subsista, basta simplesmente imaginar aqui uma reta, conquanto seja infinita. Ela desempenhará este mesmo papel.



(Fonte: Lacan, 1975-76, p. 25).

Retomando nossa hipótese anterior, de que Joyce era psicótico, vamos tentar pensar o que esse corpo-casca, essa experiência da queda do imaginário e a relação disso no jogo entre os círculos e os toros, pode nos ajudar para pensar a questão do corpo na psicose.

Como vimos anteriormente, o neurótico é aquele que crê que tem um corpo. Um corpo unitário, fechado, “sem furos”. Quando se toma uma surra, a sensação de dor

parece ser muito mais do que o efeito de um fenômeno fisiológico. Quando se toma uma surra, ela causa dor, gera sofrimento, desespero, porque se tem a sensação de que algo dessa unidade se perdeu, foi cortado, foi furado. Mas esse furo é diferente daquele do objeto *a*. Aquilo que é cortado da imagem especular e introduz o mundo simbólico seria aquilo que se aproxima do que chamamos aqui de *verdadeiro furo*. O furo do corpo cortado numa surra, e o que esse furo representa enquanto dor e sofrimento, isso é do campo do corpo imaginário. É o medo da perda de uma unidade. Seguindo essa reflexão, mantemos o jogo das duas metáforas. Assim como o círculo diminuído ao máximo se torna um ponto e mostra que o círculo é um falso furo, o corte no corpo que gera dor na surra, uma hora cicatriza, fecha de novo, a sensação de unidade está lá novamente. Já o que está cortado da imagem especular é do campo do irrepresentável. Não se completa, é uma marca irreduzível. Um verdadeiro furo, portanto. No longo período de uma análise é que o neurótico vai percebendo que toda essa incessante luta de formar unidade corporal é atravessada por um furo radical. Algo que nunca vai se completar, que é faltoso por excelência, como nos diz Jimenez:

Num processo de análise, na medida em que um sujeito toca esse “verdadeiro furo”, na medida em que consegue atravessar todas as miragens que imaginariamente o preenchem, ele realiza o Outro como inconsistente, impossível de ser completado (...) Ao atravessar esse verdadeiro furo, se constata a inexistência de um significante último que responda quem é o sujeito, que justifique sua vinda ao mundo, que dê sentido a sua vida (Jimenez, 2014, p.190 e 191)

Como nos mostra Jimenez o neurótico é aquele que parte de uma luta incessante em sustentar o preenchimento dessa unidade corporal, dessa luta em afirmar o “eu sou”, e que só num longo processo de análise poderá se libertar um pouco dessas crenças.

O psicótico, muito pelo contrário, parece ser aquele que, de partida, não tem essa crença. É exatamente o que Joyce parece nos mostrar: ue ele não é tocado por essa crença de uma unidade totalizante do corpo. Quanto à cena da surra, não há dor, pois não há crença. Mas por mais que não haja crença na unidade corporal, algum corpo ali se faz presente. Se não há um choro que sustenta essa unidade, isso há de cair, como disse Lacan – cair como uma casca.

A questão que nos interessa diretamente aqui, objetivo principal dessa pesquisa, está na seguinte pergunta: se não é pela crença imaginária de se ter um corpo que esse sujeito vai se haver com as dores da vida, como ele responde diante das adversidades do

corpo, dos conflitos da vida? Nossa hipótese é de que seus recursos passam, menos pelo campo das representações, por aquilo que os significantes falam *sobre* a dor, por exemplo, e mais por algo que passa pelo campo da letra, por um saber-fazer-ali com o verdadeiro furo; um jogo de costuras e amarrações que vai escrevendo um corpo. Aprofundando essa discussão, mergulharemos no conceito de escrita trazido por Lacan em sua articulação com o jogo de sacos e de cordas.

3.4.2.2. A amarração do corpo no “jogo de sacos e de cordas”: um recorte da topologia lacaniana

Seguindo a reflexão sobre o corpo em Joyce, a partir do campo da topologia, Lacan introduz o que ele chama do “jogo de sacos e de cordas”. O psicanalista aprofunda cada vez mais a discussão sobre o falso e o verdadeiro furo, e todas as consequências que isso tem na discussão sobre o campo do dentro e do fora, do mundo interno e mundo externo. A partir da topologia, Lacan tentará demonstrar como há algo de falso na ideia de um corpo unidade como um corpo fechado. A sensação de fechamento, de algo fechado em si mesmo, é um equívoco dentro da própria percepção que temos diante de algumas figuras geométricas:

O que tento introduzir como escrita do nó não é nada além do que chamarei de uma lógica de sacos e de cordas. Evidentemente, há o saco, cujo mito, se assim posso dizer, consiste na esfera. Mas ninguém, parece, refletiu suficientemente quanto às consequências da introdução da corda. O que a corda prova é que um saco só é fechado quando é amarrado. Em toda esfera, é preciso que imaginemos alguma coisa – que está, com certeza, em cada ponto da esfera – que enode com uma corda essa coisa na qual soprámos (Lacan, 1975-76, p. 142).

Laurent mostra que o corpo é muito mais corda que saco. Que ele não é unidade, mas furo, não é fechamento, mas um ter que se haver com o pulsional. É isso que um analisando parece descobrir em uma análise; que seu trabalho ali não é descobrir a verdade primeira de nada para se livrar de seus sintomas, mas de saber se haver com ele na coisa pulsional. Diz Lacan: “É de suturas e emendas que se trata uma análise” (*Ibidem*, p. 71). Colocando em xeque a ideia de unidade corporal e retomando o trabalho do sujeito diante do jogo com a coisa pulsional, nos diz Laurent:

A lógica do saco e da corda de Lacan é uma lógica articulada entre, de um lado, esse saco, que poderia se encontrar completamente tapado pelo real, e do outro a corda, que permite atravessar e construir essas bordas e esses orifícios. A verdadeira consistência do corpo não é então a do saco, mas a da corda. Isso supõe que o sujeito não construa sua identificação, sua base no mundo a partir da sua enfatuação, do seu envelope corporal, do narcisismo da imagem, mas que ele consiga se virar, na constituição sintomática de circuitos pulsionais, com a deriva pulsional (Laurent, 2005, p. 5).

Essa falsa sensação de que a construção do corpo com o mundo se dá exclusivamente pelo narcisismo da imagem é trazida por Lacan em seu retorno à questão da topologia. Ele nos mostra, por exemplo, que a ideia do círculo como algo fechado é uma falsa impressão, e que, se a esfera é fechada porque teria “algo dentro”, o que é dentro e o que é fora, ali, é sempre relativo. O jogo com as figuras geométricas feito pelos matemáticos vem nos mostrar exatamente que não há essência, não existe nada primeiro – percepção trazida desde Freud, trabalhada aqui a partir do texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914).

O fato de representarmos, de bom grado, a esfera por um círculo liga o círculo à idéia de todo. Essa idéia, entretanto, só tem seu suporte na esfera. Mas isso é um erro, porque a idéia de todo implica o fechamento, ao passo que se revirmos esse todo, o interior torna-se exterior, (...) o círculo não é absolutamente o que se acha que ele é, o que simboliza a idéia de todo. Com efeito, em um círculo há um furo (Lacan, *op.cit.*, p. 105).

Lacan parece ter percebido uma grande aproximação entre essa característica da matemática de mostrar a todo o momento que o dentro e o fora são relativos, que “a coisa em si” não existe, e o estilo muito peculiar de Joyce de também não se apegar a essas falsas verdades e construir uma relação com o corpo e a linguagem sempre a partir do que toca o sem sentido – o jogo com as palavras, os furos da língua, a perturbação do discurso.

Como deixamos claro, aqui, essa discussão não foi aberta a partir da nossa leitura propriamente dita da obra joyceana, mas de alguns psicanalistas que trouxeram contribuições sobre essa relação peculiar de Joyce com a linguagem. Vamos recorrer então, a Laurent, que nos traz discussões muito interessantes sobre a escrita de Joyce, e reflexões que em muito contribuem para a discussão sobre o campo da psicose. Partiremos da citação já trabalhada de Lacan sobre a relação de Joyce com o corpo, e sua relação com o ego:

Se o ego é dito narcísico, é porque, em certo nível, há alguma coisa que suporta o corpo como imagem. No caso de Joyce, o fato de não haver interesse por essa imagem naquela ocasião não é o que assinala que o ego tem nele uma função particularíssima? E como escrever isso em meu nó bo? (*Ibidem*, p. 146).

Laurent indaga sobre o que significa a vivência da surra por Joyce e a afirmação de Lacan de que o ego tem ali uma função particularíssima. O autor sugere que Joyce parece responder à pergunta de Lacan com um jogo de palavras com a própria palavra *ego*. Joyce traz para o nome de um de seus personagens a palavra Nego – do ponto de vista de Laurent, Joyce joga claramente com a palavra *ego*. Nego é a negação de ego e, ao mesmo tempo, a inscrição de um nome próprio – que também é um jogo, já que o ego (o eu) é um pronome, ou seja, ele vem substituir um nome, diz Laurent; é uma “pronominação duplicada”:

Esse ato que aqui, associado à escrita, ao mesmo tempo duplica e desloca de maneira decisiva o valor e o peso do *ego*, que no fundo é um pronome, ou seja, aquilo que, por definição, vem no lugar do nome. Há “pro-nomeação duplicada”⁴. Uma duplicação é introduzida entre *ego* e seu novo nome sintomático *Nego*. Essa duplicação é a matriz da pluralização dos novos nomes que poderão ser introduzidos na língua comum, a língua do mestre. “O fato de existirem dois nomes que sejam próprios ao sujeito foi evidentemente uma invenção difundida ao longo da história. O fato de Joyce também se chamar James só tem continuidade no uso do sobrenome, James Joyce sobrenomeado Dedalus. O fato de podermos introduzir-lhe assim uma porção de nomes leva apenas a uma coisa, a inserir o nome próprio no que lhe é da ordem do nome comum”. *Nego* é. (Laurent, *op. cit.*, p. 2).

Laurent parece perceber como Joyce, que não era psicanalista, mas artista, vem mostrar o que talvez verdadeiramente seja o Eu. Muito menos unidade corporal, imagem narcísica, mas a inscrição de uma nomeação. Mas, como um artista, Joyce não explica isso construindo uma articulação teórica, mas afirmando isso num jogo com as palavras. Se a teoria explica, Joyce escreve sobre o Eu. Mas como podemos perceber aqui, essa escrita é muito mais do que uma caligrafia. É a escrita como um “sistema de notação das perturbações da língua, do fato de que a língua escapa à linguagem, e que há sempre, no que se diz, o que fica reservado, o que não chega a se dizer e que, no entanto, se escuta (*entend*)” (*Idem*, 2016, p. 27).

No jogo de palavras, Joyce fala sobre o Eu, fala sem dizer, diz sem explicar, mas alguma coisa ali se nomeia, faz-se escutar. Em todo jogo característico dos

neologismos, Laurent nos mostra como lidam os psicóticos com essa relação muito peculiar com a linguagem: “Podemos abordar aquilo que a clínica psiquiátrica chamou de neologismo como um uso particular dos nomes e fazer do neologismo uma palavra da língua sintomática que o psicótico inventa para si” (*Ibidem*, p. 3).

Se a escrita é um “sistema de notação das perturbações da língua”, a “letra é perturbação lógica”. Ou seja, a escrita é o sistema de notações da letra.

Aprofundemos aqui a discussão sobre o conceito de letra e sua importância na psicose. Se a escrita é o sistema de notações da letra, o texto joyceano é escrita, mas essa estranha sensação que temos ao ler *Nego* é perturbação lógica, letra. Sendo assim, como perturbação lógica, a letra não precisa necessariamente ter relação com as palavras do dicionário. Numa tatuagem, numa roupa, numa pintura, alguma coisa pode perturbar a língua, pode tirar o sujeito do confortável jogo das representações. Ali, mais do que falar com outras palavras, trabalhar de palavra em palavra, como ocorre no jogo dos significantes, alguma coisa cai do jogo das representações, e se passa a falar sem dizer, expressar sem sentido; uma outra relação com a linguagem, com a língua, com as palavras. Mas porque será que Laurent escolheu essa expressão para o conceito de letra? Voltemos um pouco ao campo da matemática.

A expressão “perturbação lógica”, trazida por Laurent, parece se remeter à lógica enquanto conceito matemático. Vamos trabalhar, então, aqui, por que talvez Lacan tenha se interessado pela matemática e Laurent, em específico, tenha sido convocado a uma reflexão sobre o campo da lógica.

Uma das bases do pensamento da lógica dedutiva está na construção dos axiomas. Lacan irá trabalhar, mais especificamente, com o axioma da escolha, que pertence ao campo da teoria dos conjuntos. Uma das características dos axiomas da teoria dos conjuntos é que uma afirmação (axioma), inicialmente trabalhada num conjunto finito de elementos, pode ser pensada em termos infinitos de elementos. “A generalização à famílias infinitas (...) é o importante princípio da teoria dos conjuntos” (Halmos, 2001, p. 59)

Trabalhemos, aqui, um exemplo. Qual seria a $\sqrt{-4}$? Ao pensarmos de forma rápida, a primeira resposta seria que ela não existe. Porque? Pois, teoricamente, não existiria raiz de nenhum número negativo. Isso porque todo número positivo vezes um número positivo resulta num número positivo, e todo número negativo vezes um

número negativo, também resulta num número positivo. Se, para um primeiro olhar desavisado, esses números são, portanto, impossíveis de serem encontrados, para a matemática não o são. Isso porque, depois dos números reais, foram criados os números complexos. Para resolver o problema desta relação com os números negativos, foi construído um axioma: $\sqrt{-1} = i$. Ou seja, cria-se um símbolo que abrirá um universo de possibilidades para outros números. Isso porque, ao se afirmar que $\sqrt{-1} = i$, é possível afirmar que $\sqrt{-4} = 2i$, que a $\sqrt{-16} = 4i$, e assim por diante.

A lógica dedutiva proveniente da teoria dos conjuntos, como no exemplo acima, permite a construção de números a partir de algo anterior (axioma), mas um “anterior” que foi absolutamente inventado. Ou seja, as construções se apoiam em algo anterior, mas que, por mais anterior que o seja, não tem essência. É um anterior que, mesmo assim, é criação. Portanto, a partir de um axioma, constrói-se uma afirmação lógica, de forma estrutural, sem essência alguma, mas que, a partir dali, há todo um jogo lógico de afirmações que se pode construir.

A percepção de Lacan foi que a linguagem também funciona assim. Não há o significado *a priori* das palavras. Há significantes, que existem na articulação com outros significantes, a partir de uma lógica de funcionamento da linguagem.

Parece ser de dentro dessa afirmação lógica, estrutural, que se encontra a afirmação de Laurent ao dizer que a letra é perturbação lógica. Não é uma perturbação qualquer, não é algo que apenas balança a linearidade dos discursos, mas uma perturbação que segue um certo caminho. É um paradoxo. Não tem a mesma linearidade como a dos significantes quando se apresentam num discurso, mas, diante da perturbação do discurso, o funcionamento dessa perturbação tem uma maneira estruturalmente definida para seguir. Tem uma estrutura lógica.

No próximo capítulo, tentaremos mostrar isso, a partir de um fragmento clínico, onde um certo campo de repetições parece introduzir uma lógica que amarra um corpo.

Voltando a Joyce, constatamos que algo parece se apresentar exatamente nesse lugar: seu trabalho não está na linearidade do discurso, mas numa perturbação que inscreve uma maneira singular em sua produção. Em seu caso, a característica fundamental de sua escrita é que, assim como a expressão *Nego*, existem várias outras palavras que vão ganhando um jogo de múltiplos sentidos, onde a tentativa de colher o que o autor quer transmitir não está na compreensão do significado *a priori* das

palavras. A leitura da obra joyceana precisa passar por uma leitura do jogo que ele faz com os fonemas, os sons de cada palavra, e a relação entre elas. Isso vai gerando uma rede de aproximações com significados, mas que não estão na linearidade do discurso, mas na perturbação lógica com os fonemas.

(...) essa fala que, ao ser quebrada, desmantelada, acaba por ser escrita, a ponto de ele acabar por dissolver a própria linguagem, tal como notou muito bem Philippe Sollers, como lhes disse no início do ano. Ela acaba por impor à própria linguagem um tipo de quebra, de decomposição, que faz com que não haja mais identidade fonatória. Sem dúvida, há aí uma reflexão no nível da escrita. É por intermédio da escrita que a fala se decompõe ao se impor como tal, a saber, em uma deformação acerca da qual permanece ambíguo saber se é o caso de se livrar do parasita falador de que lhes falei há pouco ou, ao contrário, de se deixar invadir por propriedade de ordem essencialmente fonêmica da fala, pela polifonia da fala (Lacan, 1975-76, p. 93).

Diante das perturbações lógicas da língua, o psicótico parece ser aquele que cria um corpo que não passará pela crença numa unidade existente de antemão. A crença em ter um corpo de antemão advém de um jogo de significantes, onde se sustenta um campo de representações que marcam a presença do Nome-do-Pai, como inscrição simbólica (-fi), sustentando essa crença imaginária. Na psicose, não é de um jogo de representações significantes que se trata. São as letras como perturbação lógica da língua que vão, uma a uma, criando uma escrita, que transmite algo ao Outro, mas não pelo campo do sentido e sim por algo que está na língua, mas é anterior à linguagem – o que Lacan chamou de lalíngua:

Para dar conta da apreensão do corpo nas dimensões real, simbólica e imaginária da experiência, Lacan desenvolve um instrumento de lógica derivado da lógica dos conjuntos (*ensembliste*) – assim como tinha construído uma “linguística” (*Idem*, 1972-73, p. 20).

(...) para ter à mão as formulações linguísticas quanto à matéria do inconsciente freudiano e fazê-las servir às necessidades do discurso psicanalítico. Ele batiza a lógica assim construída de “lógica de sacos e de cordas” (*Idem, op. cit.*, p. 146).

Essa combina a escrita dos conjuntos do conjunto vazio e o que se pode nomear de Um em cada uma das três dimensões: R,S,I. A partir daí, ele apresenta cadeias de “rodinhas de barbantes” que poderão fazer nó e traçar as figuras de uma nova escrita. Os significantes se engancharão ao corpo, com os equívocos próprios à lalíngua (Laurent, 2016, p. 21).

Ousaremos, aqui, sustentar nossa hipótese a partir de um jogo de palavras com a afirmação de Laurent: quando “os significantes se engancham ao corpo, com os

equivocos próprios à língua”, o que se produz não são sentidos nem significados, mas uma escrita (como sistema de notação das perturbações da língua). Essa escrita não se estrutura a partir das articulações entre os significantes, apoiados nas representações, organizadoras de um discurso, mas nas articulações entre as letras, apoiadas naquilo que foge dos sentidos e se apresenta como suporte material das perturbações da língua.

Retomando o fragmento clínico trazido na introdução desta tese veremos um pouco sobre um sujeito que parece recorrer a algumas suplências imaginárias que tem função estabilizadora a partir de suas relações rígidas e repetitivas com o estilo de se vestir, alimentar, cuidar do corpo como Personal Trainer. E alguns traços da letra que parecem se apresentar na transferência, num ato de assinaturas que percorrem um certo campo do sem sentido.

3.5 - Vestindo um corpo, dando forma a ele, sendo um Personal Trainer – A importância das suplências imaginárias

Relembrando o recorte clínico trazido na introdução desta tese, João tem uma relação muito peculiar com o corpo. Tem um cuidado meticuloso com os cuidados corporais, como o corte de cabelo igual, barbear rente e às vezes excessivo, e um estilo muito específico na maneira como se veste, vão assumindo certa função de suplência imaginária na costura corporal. Vão dando certo sentido e organização para o corpo. Trabalho que, talvez sem saber conscientemente, vem totalmente ao encontro do que ele diz ser sua profissão quando interrogado: sou *Personal Trainer*, ou seja, daquele que por excelência trabalha para ajudar os outros na busca de um ideal de corpo.

Durante os acompanhamentos terapêuticos, muitas vezes, João escolhe ir ao shopping ver roupas. Juntando o dinheiro que recebe, uma vez por mês, costuma escolher uma peça de roupa. Suas escolhas de compras são exatamente nas mesmas lojas, onde busca sempre uma escolha de tipos de tecidos específicos, mantendo de forma rígida um estilo muito bem desenhado. A sustentação desse estilo vai inscrevendo também um laço social mínimo. É sempre conhecido e referenciado nas lojas que frequenta regularmente, pelos funcionários. Pessoas que conhece há anos e com quem parece ter certos laços de amizade.

Além da repetição na sustentação de um estilo de se vestir, há toda uma preocupação com a postura e desenho do corpo. João frequenta a academia regularmente, tem acompanhamento nutricional e está sempre preocupado com os cuidados corporais. O fazer a barba, o corte do cabelo, todo um movimento repetitivo que sustenta uma certa imagem, certo estilo, sempre rigoroso. Às vezes, isso é vivido como um excesso, como comprar uma caixa de giletes toda semana, pois a barba deve estar sempre rente.

João sempre me conta sobre esses cuidados e como isso vem caminhando na sua vida, no momento. É claro que há momentos em que está pior, mais ansioso, mais agitado. São sempre momentos em que esses cuidados ficam um pouco de lado. Normalmente, são contextos familiares e situações extraordinárias que o desorganizam. Nestas situações, pergunto sobre seus cuidados e estilos. Retomo o valor deles, e isso parece ter uma importância para ele; alguém que reconhece o valor de seu trabalho de sempre escrever o corpo, tentando amarrar os registros que, às vezes, parecem querer se soltar.

Quanto a esta rigorosa forma de lidar com os cuidados corporais que o organizam, curiosamente, quando lhe perguntam qual é sua profissão (o dado de realidade é que não tem profissão nenhuma) ele diz ser *Personal Trainer*. Esse parece ser realmente o trabalho de João. Mas não em relação a seus “clientes”, mas com relação a organização de seu corpo. Seu trabalho é um exercício contínuo de manter as atividades físicas, o cuidado corporal, o estilo das roupas. Um trabalho de especialista, de bricolagem, costurando um corpo, formatando um corpo, como *personal*.

3.5.1 - Dois riscos sem sentido – O esboço da presença da letra num trabalho sob transferência?

O manejo da transferência neste caso às vezes se coloca bastante delicado. Numa vez, por exemplo, uma certa erotização e aproximação mais sexual se fizeram presentes. Por exemplo, quando levanta a hipótese de mudar algo do estilo dele, claramente na direção de certo estilo meu, como a presença da barba e o cabelo mais cheio. Ao invés de “colocar a trabalho”, ou pedir a ele que “fale sobre isso”, como talvez fosse a direção de tratamento na clínica da neurose, simplesmente marco uma distância e sustento a

importância de seguir a manutenção de seu estilo, e da função organizadora que parece ter isso para ele – intervenção que parece ser importante na continuação desse trabalho.

Neste trabalho de AT, sob orientação psicanalítica, vai sendo construído, portanto, um trabalho de secretariado, onde a direção é dar valor de verdade a essas construções para que possam ser potencializadas no processo do tratamento.

Uma outra situação se deu também, numa época em que a prefeitura havia mudado os trajetos de muitos ônibus da cidade. Com isso, nossa ida ao shopping se tornava muito difícil. Os ônibus demoravam demais a passar, as saídas ficavam muito longas, João ficava irritado e não conseguia continuar esse trabalho.

Na mesma época, um novo meio de transporte nascia na cidade, recursos que eu, pessoalmente, usava muito – o transporte privado fornecido pela empresa Uber. João sempre se interessou pela tecnologia, por celulares, mas nunca investiu muito nisso. Um dia, percebendo a possibilidade da interrupção do tratamento, faço uma aposta. Propus que interrompêssemos as saídas de ônibus e passássemos a ir de Uber. Como ele não tinha autonomia para manusear o aplicativo, fizemos um combinado: eu chamava pelo meu celular, pagava com meu cartão e ele me dava o valor da corrida em dinheiro. Toda e qualquer relação de pagamento que, até então, só passava entre mim e seus pais, agora passava também por ele. Tal mudança, do ônibus para o Uber, pago pelo meu aplicativo, poderia ter ocasionado uma interrupção do tratamento, mas, ao contrário, potencializou o laço transferencial. O aplicativo parece ter assumido certa mediação entre o paciente e o AT, entre a angústia diante do real dos intervalos do tempo (espera do ônibus, por exemplo) e a presença física (imaginário do corpo) do AT. Agora, não éramos “nós” que esperávamos o ônibus chegar, era “o aplicativo” que fazia o Uber vir. Naturalmente, tal intervenção não foi pensada de antemão. Ela foi feita, simplesmente. Não foi pensada, mas, talvez, atravessada por certo saber inconsciente. Algo da relação que tínhamos e de recolhimento de sua história e estilo me levaram àquele ato, naquele momento.

A partir daquela virada no processo do tratamento algumas coisas vão mudando. Certo dia me surpreendo com uma convocação feita por João acerca de algo sobre o qual eu nunca tinha dado muita importância. Refiro-me a uma planilha de controle das sessões de acompanhamento. No trabalho como AT, os pagamentos não costumam se dar por sessão pagos pelo paciente em dinheiro, mas pagos pela família quinzenalmente

ou mensalmente. O dispositivo da planilha funciona como controle do total de horas a serem pagas. Em todo AT eu levo essa folha impressa, coloco as horas de AT daquele dia e o valor correspondente e o paciente assina.

Certo dia esqueço de levar a folha e aviso que levaria na semana seguinte quando então ele poderá assinar os dois atendimentos. Entretanto naquele dia, logo depois do início das saídas de Uber em que ele me pagava as corridas em dinheiro, João me cobra: - Felipe, não pode esquecer a folha não cara, tem que trazer pra eu assinar. Surpreso com tal cobrança, passo a observar mais atentamente como ele lida com aquela dinâmica da assinatura do final do atendimento. Percebo que em suas assinaturas ele faz duas marcas. No lado correspondente ao valor daquele AT naquele dia ele risca uma letra: trata-se curiosamente de uma letra que ao mesmo tempo representa na língua portuguesa um sinal de confirmação, mas é também por coincidência (ou provavelmente não) o símbolo de uma marca de roupa, a da loja que ele mais frequenta. No final da folha, onde deveria assinar seu nome faz uma espécie de rubrica. Mas é apenas um traço, aparentemente não há letras claras do alfabeto ali, nem muito menos ligados ao seu nome. Mas os dois traços escritos são sempre os mesmos.

Pensando a relação entre os recursos de suplências imaginárias criados por João para se a ver com a forclusão do Nome-do-Pai e o trabalho com o campo da letra, parece que algo ali se apresenta. Da sua repetição infinita nos cuidados corporais, nas idas aos shoppings e preocupações com seu estilo de se vestir, alguma coisa desse trabalho de enodamento dos registros na construção desse corpo, parece que algo ali assina um trabalho. Na transferência duas letras sem sentido parecem grampear isso que no trabalho imaginário vai desenhando um corpo. Jacques-Allain Miller relembra esse trabalho na clínica das psicoses:

Do lado do binário clássico neurose-psicose, temos um traço distintivo pertinente, *Nome-do-Pai, sim ou não* (...). Em compensação (...) é mais difícil indicar precisamente qual é o elemento diferencial da segunda formalização (Miller, 1999, p. 104). Dito isso, pode-se, não obstante, construir uma oposição concernente ao segundo registro. Numa exposição (...) eu opunha, se vocês estão lembrados, as doenças da mentalidade e as doenças do Outro (...), Guiando-me sobre isso, vou propor um traço diferencial: *ponto de capitoné, sim ou não* (*Ibidem*, p. 104). É preciso generalizar o Nome-do-Pai. Este movimento está presente no ensino de Lacan. Tal como faço aqui sua inscrição, o ponto capitonê generaliza o Nome-do-Pai. Mas é uma abreviação: o ponto de capitonê em foco é menos um elemento do que sistema de atar, um aparelhamento fazendo ponto de capitonê, fivela, grampo. (*Ibidem*, p.104)

Esta passagem do caso pode nos ajudar a articular um pouco mais essa relação entre o conceito de letra trazido por Lacan, na letra enquanto trama – isso que costura, amarra, enoda os registros; e a leitura que Laurent faz do conceito ao trazer a ideia de letra como perturbação lógica do discurso. João parece trazer nos dois riscos que faz numa folha de papel - cobrando do AT que essa folha nunca deixe de vir – a escrita de todo um trabalho que ele faz ao desenhar seu corpo no trabalho com as atividades físicas e cuidados de seu vestuário como *Personal Trainer*. A cada escolha de tecido, a cada atividade física e cuidado estético João vai desenhando um corpo. E nesse trabalho de trama, de amarração do registros do imaginário, do simbólico e do real, alguma coisa se inscreve na transferência nesses dois riscos sem sentido. Como perturbação lógica, esses dois rabiscos no papel que aparentemente não tem nenhum sentido, marcam um ponto, escrevem um trabalho na transferência, e permitem que seu trabalho incessante possa seguir adiante.

No trabalho com a clínica da psicose (e com a clínica em geral, é claro), às vezes, o analista precisa entrar em ação e, apenas *a posteriori* ele saberá se aconteceu um ato analítico ou um *acting out*. Na escuta e acompanhamento do trabalho de amarração dos registros, de bordeamento dos furos, de bricolagem de um corpo, vem se construindo um trabalho. Trabalho sob transferência, diante de um desejo decidido.

Conclusão

No percurso de seu ensino, especialmente nos últimos *Seminários* e escritos, Jacques Lacan afirma que o inconsciente é débil. Há algo da posição do neurótico, diante da castração, que passa por uma debilidade. Uma incessante tentativa de afirmar “eu sou”, a toda hora caí por terra; a cada ato falho, a cada sonho, a cada chiste. Ainda assim, ele acredita que precisa preencher essa falta fundamental que está dada como referência. O neurótico é um toxicômano do imaginário.

Com seu estilo singular, Lacan usa dos recursos do humor, das sátiras, das provocações, dos jogos com as palavras, para mostrar que a referência fálica não é a única possível para que um sujeito possa construir um corpo. A amarração entre o imaginário, o simbólico e o real pode ser construída sem passar pelo Nome-do-Pai.

Essa aposta de Lacan parece desconstruir a ideia, que muitas vezes se tem, de que a neurose estaria mais próxima da “normalidade” e a psicose do campo do “patológico”. Muito pelo contrário, Lacan parece abrir uma provocação diante dessa ideia ao dizer que o *falasser* é débil.

A necessidade da crença da existência, *a priori*, do corpo tem um efeito de limitação, no campo do desejo. Em uma análise, o neurótico, aos poucos, pode abrir mão do excesso imaginário, aproximando-se do desejo e permitindo ser tocado por alguns restos desse corpo. Trata-se de restos que dizem mais de sua singularidade do que sua crença numa suposta totalidade. O psicótico parece ser aquele que tem como “referência” os restos e não as crenças.

Nesta tese, tentamos demonstrar o modo muito peculiar como parece se dar essa construção de um corpo, sem passar pela crença débil de ter um corpo *a priori*, mas sim por um trabalho de amarrações e enodamentos, construídos a partir dos traços da letra, pela costura desses restos, pelo trançado desses pedaços.

No fragmento clínico acompanhamos um sujeito que foi construindo um corpo a partir de referências importantes como seu jeito de se vestir, de tratar do corpo, da alimentação, que foi servindo de suplência à forclusão do Nome-do-Pai. A partir de um risco num papel que determina a confirmação de um trabalho (mas também a marca de um estilo), o traço de uma assinatura sem sentido que sustenta a afirmação da continuação de um trabalho ancorado num laço transferencial (e também de uma certa

nomeação), um trabalho de amarrações e enodamentos que dão forma a um corpo vem se ratificando. Essas letras que apesar de sem sentido (ou justamente por isso) vão criando um litoral. Quando se cria um litoral parece ser possível então sustentar um corpo. Esse corpo tem uma especificidade – não é nem o suposto corpo homogêneo do neurótico que se sustenta por uma crença, nem o corpo despedaçado do esquizofrênico diante do surto psicótico, mas desse outro lugar onde uma heterogeneidade litoral faz um corpo se virar com a coisa pulsional, assinando essa heterogeneidade a partir de um traço sem sentido, de um risco sem significado, mas que nomeia um lugar no campo do Outro, como nos diz Vieira:

Para fazer reverberar o gozo fora do sentido, para fazer, dessa forma, da letra, não mais um instrumento condenado à lixeira, mas um litoral, é preciso engajar, entrar com seu corpo. Só há responsabilidade por aquilo que não tem sentido (Vieira; De Felice, 2018, p.157).

Como vimos com Laurent (2016) é justamente a partir dessa perturbação lógica, dessas letras sem sentido, que se faz nó. Como fora do sentido elas perturbam um discurso, mas em suas assinaturas marcam a lógica de um trabalho. A letra enquanto perturbação lógica é isso: a afirmação de uma heterogeneidade litoral. Sem sentido desenha um corpo, sem homogeneidade marca um litoral. E assim é possível caminhar, trilhar um percurso, seguir uma vida, sempre assim, heterogênea, no limite do sentido, litoral.

Os psicanalistas que têm o hábito de trabalhar com psicóticos veem que eles, a todo o momento, mostram aos neuróticos, como são débeis. Ensinam que é absolutamente possível construir um corpo sem tanta debilidade; sem uma crença tão forte no “ser”, sem o uso tão grande do imaginário, sem a dependência absoluta dos recursos fálicos. Ensinam que o corpo pode ser construído pelos restos, pelos cacos, pelos pedaços, por aquilo que, na verdade, é o que há de mais singular do sujeito, mas não se encontra nos sentidos, nas crenças, na imagem. Encontramos essa singularidade nos traços, nas marcas, nas letras.

Referências bibliográficas

ALBA, R. **A invenção do corpo nas psicoses: impasses e soluções para o aparelhamento da libido e a construção da imagem corporal.** Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde Caderno de Textos de Apoio da III Conferência Nacional de Saúde Mental. Brasília, Ministério da Saúde / Conselho Nacional de Saúde, 2001

FREUD, S. (1893) Alguns pontos para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Volume I. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1894) As neuropsicoses de defesa. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Volume III. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Volume V. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1905). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Volume VII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1914) Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1915) Os instintos e suas vicissitudes. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1924 [1923]) Neurose e Psicose. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1924) A perda da realidade na neurose e na psicose. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. (1925) O ego e o id e outros trabalhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GUERRA, A; MILAGRES, A. Com quantos paus se faz um acompanhamento terapêutico? Contribuições da psicanálise a essa clínica em construção. In: **p@psic**, v. 10, n. 19. São Paulo, 2005.

HALMOS, P. Teoria Ingênua dos Conjuntos, Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2001.

JIMENEZ, S. **No cinema com Lacan: o que os filmes nos ensinam sobre os conceitos e a topologia lacaniana**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2014.

LACAN, J. (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1954-55) **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1955). O Seminário sobre "A carta roubada". In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1955-56) **O Seminário, livro 3: as psicoses**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1957-58). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1964). **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. (1962-63) **O Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1971). Líturaterra. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. (1974-75). **O Seminário, livro 22: R.S.I.** Inédito.

_____. (1975-76) **O Seminário, livro 23: o sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. (1966) Posição do inconsciente. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. (1967) **Breve discurso a los psiquiatras**. Inédito.

LAURENT, É. Chomsky com Joyce. In: **Lettre mensuelle**, nº 240, edição especial. Paris: École de la Cause Freudienne, 2005.

_____. **O avesso da biopolítica: uma escrita para o gozo**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2016.

LEITE, S. Histeria de conversão: algumas questões sobre o corpo na psicanálise. In: **Tempo Psicanalítico**, vol. 44. Rio de Janeiro: Tempo Psicanalítico, 2012.

LIMA, Tulíola Almeida de Souza. **O problema da constituição do corpo na psicose: o testemunho de Antonin Artaud**. P@EPSIC Periódicos eletrônicos em psicologia. Barbacena, volume18, No15, p.215-234, dezembro 2010.

MILLER, J.-A. Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica. In: **A conversação de Arcachon**. 1999.

_____. **Foraclusão generalizada**. Paris, 1987.

RESENDE, H. Políticas de saúde mental no Brasil: uma visão histórica. In: **Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil**. Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes-Abrasco, 1987.

RIAVIS, V. N. **Alienação e separação: a dupla causação do sujeito**. Dissertação de mestrado. Departamento de Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

SAUSSURE, F. de. A natureza do signo linguístico. In: **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.

SCHREBER, D.P. **Memórias de um doente dos nervos**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1905.

TENÓRIO, F. **A psicanálise e a clínica da reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

VIERA, M.A ; DE FELICE, T. (org). **A arte da escrita cega: Jacques Lacan e a letra**. Rio de Janeiro: Subversos, 2018.